

Jonatan Mariano Rodas Gómez

**“Os estudantes e o mundo da política”  
Análise das experiências políticas dos estudantes da  
Universidade de São Carlos da Guatemala na  
perspectiva do drama ritual**

Dissertação apresentada como requisito  
para a obtenção do título de Mestre, pelo  
Programa de Pós-Graduação em  
Antropologia Social da Universidade  
Federal de Santa Catarina.

Orientador: Prof. Dr. Theophilos Rifiotis

Florianópolis  
2011

Catálogo na fonte pela Biblioteca Universitária  
da  
Universidade Federal de Santa Catarina

G633e Gomez, Jonatan Mariano Rodas

Os estudantes e o mundo da política. Análise das experiências políticas dos estudantes da Universidade de São Carlos da Guatemala na perspectiva do drama ritual [dissertação] / Jonatan Mariano Rodas Gomez ; orientador, Theophilos Rifiotis. - Florianópolis, SC, 2010. 140 p.: il.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social.

Inclui referências

1. Antropologia social. 2. Estudantes universitários - Guatemala - Política e governo. 3. Ritual. 4. Sociologia urbana - Guatemala. I. Rifiotis, Theophilos. II. Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social. III. Título.

CDU 391/397

*A Ana Luisa, meu bem, minha força elementar.  
A minha mãe, “todo te acuerda mi dulce amor”.*



## AGRADECIMENTOS

Este projeto começou com a ligação de Anabella que me disse “tu ganhou a bolsa”. Agradeço enormemente a ela ter sido a alavanca. Agradeço também Aracely e Susana cujas tarefas infatigáveis concretizaram as condições para iniciar o mestrado.

Esta dissertação não teria sido possível sem o fermento principal: os estudantes. Muito obrigado aos colegas da chapa do *El Colectivo* por terem me recebido e aceitarem o meu olhar desconcertado, aprendi muito com eles; aos integrantes da *Comunidad Estudiantil N’oj* com os quais tive a oportunidade de interagir, todos eles interlocutores guerreiros. Também agradeço incalculavelmente aos estudantes que dedicaram tempo para compartilhar suas experiências individuais comigo.

Agradeço a todos aqueles que participaram de minha formação: Obrigado a meu orientador Professor Theophilos Rifiotis pelas sugestões, pela confiança e por ter assumido o desafio de orientar este projeto. Aos professores Jean Langdon e Oscar Calavia pelas valiosas contribuições na banca de qualificação. Aos professores da banca examinadora por aceitarem compor a banca da defesa. Aos professores e colegas da turma 2009.2. Agradeço muito os comentários e sugestões de Isabel Rodas e Ricardo Sáenz nas primeiras fases da pesquisa. Obrigado Roberto, Cínara e Rosseane por terem acompanhado o aprendizado do idioma português.

Ao longo destes dois anos muitas pessoas contribuíram, embora sem saber, na realização deste trabalho. Aos grandes mestres que iluminaram o caminho: César, Julia, agradeço as conversas, o vinho, a balada, os silêncios e principalmente nossas mini-etnografias de “*El Olvido*” e “*El Costumbro*”. Luis Pedro, o anti-mestre, finalmente compreendi que *en todas partes es lo mismo*. Dina e Suhita obrigado pela força e a sabedoria. Dani obrigado pela amizade, também por me fazer compreender os ensinamentos da maquiagem, agora sei que “a base é tudo”. Maria Elisa você é um anjo!, não há palavras.

Muito obrigado aos viajantes que fizeram da estada no Brasil uma experiência fundamental: Mafer, Miguel, Jorge, Boris, Claudia, Carô, a galera colombiana de futebol e repúblicas anexas. Ao samba que dá vida.

Com todo o meu amor, agradeço minha família: minha mãe o meu maior referente de luta. Aos meus três amados irmãos pelo riso, pelo debate, pelas brincadeiras. Obrigado Heydi, Manolito e Josue pelo acompanhamento. A Ana Luisa, pela longa viagem empreendida.



*Ser, é ser percebido*  
Berkeley

*“Quien ha visto la esperanza no la olvida.  
La busca bajo los cielos y entre todos los hombres.  
Y sueña que un día va a encontrarla de nuevo,  
no sabe dónde, acaso entre los suyos.  
En cada hombre late la posibilidad de ser o, más exactamente,  
de volver a ser, otro hombre”.*  
- El pachuco y otros extremos - Octavio Paz



## RESUMO

A presente dissertação consiste numa etnografia das experiências políticas entre os estudantes da Universidade de São Carlos da Guatemala. Nela, festas, greves, caminhadas, processos eletivos e outros acontecimentos em que os estudantes disputam o poder, dentro da Universidade e fora dela, são analisados como eventos críticos que expressam dramaticamente os principais elementos que configuram o seu “mundo da política” e, ao mesmo tempo, contribuem para a configuração dos estudantes universitários *sancarlistas* como sujeitos políticos. A perspectiva segundo a qual são analisadas as experiências focaliza a noção de *drama social*, conforme desenvolvida pelo antropólogo Victor Turner.

O trabalho busca, por um lado, contribuir para uma compreensão mais aprofundada da atividade política estudantil universitária a partir do modo como os próprios sujeitos compreendem e experimentam o seu mundo social, dos sentidos que lhe atribuem e das formas como interagem nele; por outro lado, pretende despertar o interesse analítico sobre estes sujeitos que têm sido historicamente identificados como atores fundamentais na vida política da Guatemala.

**Palavras chave:** Estudantes universitários da Guatemala. Política. Ritual. Drama social.



## ABSTRACT

This dissertation is an ethnography on the political experiences among students of the University of San Carlos de Guatemala. In her holidays, strikes, walks, elective procedures and other events where students vying for power within the university and beyond are addressed as critical events that dramatically express the main elements that form their "world politics" and at the same time, contribute in shaping college students *sancarlistas* as political subjects. The view from where they are analyzed the experiences focuses the notion of social drama, as developed by the anthropologist Victor Turner.

The work aims on the one hand, contribute to a deeper understanding of political activity from university student as the subjects themselves understand and experience their social world, the meanings attributed to it and the ways they interact in it, while, furthermore, analytical arouse interest on these subjects that have historically been identified as key actors in the political life of Guatemala.

**Keywords:** University students in Guatemala. Policy. Ritual. Social drama



## LISTA DE IMAGENS

---

<b>Imagem 1</b>	Performance de Candidato a <i>Rey Feo</i> .....	38
<b>Imagem 2</b>	Faixas apresentadas no desfile .....	42
<b>Imagem 3</b>	<i>Encapuchados</i> .....	46
<b>Imagem 4</b>	<i>La Chabela</i> .....	47
<b>Imagem 5</b>	Os <i>mártires</i> .....	49
<b>Imagem 6</b>	Referentes de luta revolucionária .....	49
<b>Imagem 7</b>	Estudantes fantasiados durante o desfile .....	50
<b>Imagem 8</b>	<i>A Placa de Oliverio</i> .....	91
<b>Imagem 9</b>	Presenciando o primeiro turno da eleição .....	103



## LISTA DE SIGLAS

---

<b>AACP</b>	Associação de Estudantes da Escola de Ciência Política
<b>AED</b>	Associação de Estudantes da Faculdade de Direito
<b>AEHAA</b>	Associação de Estudantes da Escola de Historia, Arqueologia e Antropologia
<b>AEU</b>	Associação de Estudantes Universitários
<b>CAENFUSAC</b>	Coordenadora de Associações Estudantis das Escolas não Facultativas da Universidade de São Carlos da Guatemala
<b>CODISRA</b>	Comissão Presidencial Contra a Discriminação e o Racismo
<b>CSU</b>	Conselho Superior Universitário
<b>EGP</b>	Exército Guerrilheiro dos Pobres
<b>EPA</b>	Estudantes pela Autonomia
<b>FAR</b>	Forças Armadas Rebeldes
<b>FEU</b>	Frente Estudantil Universitário
<b>FERG</b>	Frente Estudantil “Robin García”
<b>FMLN</b>	Frente “ <i>Farabundo Martí</i> ” para a Liberação Nacional
<b>FORC</b>	Frente Estudantil “ <i>Otto René Castillo</i> ”
<b>MEU</b>	Movimento Estudantil Universitário
<b>MJM</b>	Movimento de Jovens Maias pela Reforma Universitária
<b>MOVEMAYA</b>	Movimento de Estudantes Maias
<b>MST</b>	Movimento dos Sem Terra
<b>ODHAG</b>	Escrifório de Direitos Humanos do Arcebisado da Guatemala
<b>ORPA</b>	Organização Revolucionária do Povo em Armas
<b>PGT</b>	Partido Guatemalteco do Trabalho
<b>URNG</b>	Unidade Revolucionária Nacional Guatemalteca
<b>USAC</b>	Universidade de São Carlos de Guatemala



## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	21
<b>CAPITULO 1 A HUELGA DE TODOS LOS DOLORES: UMA PORTA DE ENTRADA À POLITICA ESTUDANTIL NA GUATEMALA .....</b>	<b>29</b>
1.1. ELEMENTOS HISTÓRICOS DA FESTIVIDADE .....	30
1.2. <i>AQUI ESTÁ TU SON CHABELA!:</i> O CARNAVAL DOS ESTUDANTES .....	35
1.3. A <i>HUELGA DE DOLORES:</i> UM RITUAL DE IDENTIDADE POLÍTICA .....	41
1.3.1 ... <b>Bom para pensar</b> .....	42
1.3.2 ... <b>Bom para viver</b> .....	44
1.3.3 ... <b>Bom para organizar</b> .....	50
1.4. A POLÍTICA DO RITUAL .....	53
<b>CAPITULO 2 OS ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS E O “MUNDO DA POLITICA”.....</b>	<b>63</b>
2.1 O “MUNDO DA POLÍTICA” ESTUDANTIL .....	63
2.1.1 A Universidade de São Carlos de Guatemala: “ <b>história de luta</b> ” e <i>campo de possibilidades</i> .....	65
2.1.2 <b>Trajetórias e construção de projetos</b> .....	67
a) Emilio e a “tradição familiar de luta revolucionaria” .....	67
b) Diego e o “começar de novo”.....	68
c) Manuel “quando percebi já estava dentro”.....	70
d) Natalia e a busca de amizade .....	71
e) Mais um estudante e uma trajetória diferente .....	72
2.1.3 <b>Comensurabilidade do “mundo da política” e potencial de metamorfose</b> .....	73
2.2. A GREVE DE <i>ESTUDIANTES POR LA AUTONOMIA</i> .....	75
2.2.1 O “ <b>Movimento Estudantil Universitário</b> ” e o “ <b>novo tempo</b> ”.....	78
2.2.2 <b>Novos sujeitos no cenário da política estudantil universitária: os estudantes Maias</b> .....	81
2.3 MEMÓRIA ESTUDANTIL E REFERENTES DE LUTA .....	87

<b>CAPITULO 3 DE LUTAS LOCAIS: A CONSTRUÇÃO DA REPRESENTAÇÃO POLÍTICA .....</b>	<b>93</b>
3.1 A ELEIÇÃO DE ASSOCIAÇÃO DE ESTUDANTES DA ESCOLA DE CIÊNCIA POLÍTICA .....	93
<b>3.1.1 Os candidatos .....</b>	<b>94</b>
<b>3.1.2 Locais da produção da representação estudantil .....</b>	<b>98</b>
<b>3.1.3 A votação .....</b>	<b>101</b>
3.2 A ASSEMBLÉIA GERAL DE ESTUDANTES E A OCUPAÇÃO DA ASSOCIAÇÃO DE ESTUDANTES DA ESCOLA DE HISTÓRIA, ARQUEOLOGIA E ANTROPOLOGIA .....	105
<b>3.2.1 A disjuntiva entre a legalidade e a legitimidade .....</b>	<b>108</b>
<b>3.2.2 A lógica moral do conflito e a ocupação da sede da AEHAA.....</b>	<b>111</b>
3.3 O SECTARISMO E AS EXPECTATIVAS DE MUDANÇA. ....	115
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>119</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>125</b>
<b>ANEXOS .....</b>	<b>133</b>

## INTRODUÇÃO

O texto a seguir é uma etnografia das experiências políticas dos estudantes da Universidade de São Carlos da Guatemala (USAC), a única instituição de ensino superior de caráter público e com maior presença física do país<sup>1</sup>. Focalizada no campus central desta universidade, localizada na cidade capital da Guatemala, a etnografia busca dar conta de festividades, greves, caminhadas e processos eletivos como eventos em que os estudantes produzem, concorrem e manifestam suas visões do mundo e da política, se construindo também como sujeitos políticos no âmbito universitário.

O interesse por pesquisar este campo resultou, fundamentalmente, de preocupações cidadãs em encontrar alternativas de transformação de uma realidade guatemalteca que, desde minha perspectiva como militante de uma organização política, era considerada inviável, em termos políticos. A participação de agremiações político-estudantis da USAC na época da graduação e a simpatia que tenho por este tipo de organização me levaram a considerar os estudantes universitários como os sujeitos ideais para a compreensão de formas alternativas dos “modelos tradicionais” de se fazer política e, em consequência, como os sujeitos idôneos para liderar projetos de transformação política.

Entretanto, a esta visão ideal contrapõe-se a percepção de que, ao contrário de épocas anteriores, os estudantes universitários guatemaltecos, na atualidade, estão desorganizados e divididos. Ambas percepções complementam a visão geral que se tem sobre os estudantes da USAC, mas produzem um desequilíbrio quando comparada a atividade política estudantil atual com a “história combativa” das mobilizações estudantis das décadas de 70 e 80. No caso específico guatemalteco, além de lutar pela democracia da mesma forma que outros estudantes no resto do mundo, os estudantes dessa época tiveram que enfrentar as políticas de repressão que os governos ditatoriais de corte militar adotaram contra diversos setores da população, no contexto do conflito armado que teve lugar no país entre 1960 e 1996. A repressão estatal atingiu o chamado “movimento estudantil

---

<sup>1</sup> A Universidade de São Carlos da Guatemala conta com 18 centros universitários distribuídos em diferentes regiões do país. A restante oferta de ensino superior no país é fornecida por outras sete instituições de caráter particular. Para obter mais detalhes ver Anexo C.

universitário”<sup>2</sup> (MEU), cobrando a vida de centenas de estudantes universitários<sup>3</sup>.

Gerou-se, assim, uma percepção deste período como uma “época gloriosa” do MEU, que tem sido difícil de superar em termos de mobilização política por aqueles que lhe sucederam. Como consequência, os estudantes universitários são vistos, regularmente como sujeitos desorganizados que, para recuperar o seu papel protagonista, precisam ser “formados politicamente” e posteriormente integrados a projetos políticos de abrangência nacional. Nessa tentativa, suas disposições, motivações e inclinações políticas tornam-se assuntos de suma importância para os que manifestam simpatias e interesse por eles e por nossa *alma mater*, a Universidade de São Carlos da Guatemala. Enquanto isso, o conhecimento analítico que temos sobre eles tem sido pouco trabalhado, principalmente nas duas últimas décadas, em que a produção científica desenvolvida no país tem se concentrado na época mencionada e nas consequências do conflito armado.

É diante dessa carência que o presente trabalho busca contribuir para a ampliação do conhecimento sobre esse singular setor da vida política guatemalteca, mostrando uma perspectiva de corte antropológico cuja contribuição singular é a tentativa de identificar e interpretar como os atores sociais compreendem e experimentam o seu mundo social, os sentidos e significados que atribuem aos elementos que o compõem – “movimento estudantil”, “autonomia”, “política” - e a maneira como interagem com eles.

Esta perspectiva envolve pelo menos dois pressupostos básicos do trabalho etnográfico. Em primeiro lugar, ao abordar a prática política dos estudantes não o faço a partir de conceitos congelados ou de grandes modelos explicativos; e em segundo lugar, procuro me afastar de uma concepção de “política” em termos negativos, que privilegia faltas, ausências, ideologias e manipulações, tal como tem sido abordada a questão em outros campos por diversos autores da disciplina antropológica (PALMEIRA e GOLDMAN, 1996; GOLDMAN, 2006; BRITES e FONSECA, 2006).

Gostaria, agora, de colocar algumas considerações de importância sobre o desenvolvimento teórico-metodológico sobre o qual é construída

---

<sup>2</sup> Mais adiante, ao mencionar o *movimento estudantil universitário –MEU-*, serão utilizadas as siglas para identificar o uso ênico da categoria. Mais do que uma categoria de uso sociológico, o movimento MEU faz referência ao momento histórico que está sendo mencionado.

<sup>3</sup> Segundo as estatísticas elaboradas por Paul Kobrak (1999) entre os anos de 1956 e 1996 desapareceram ou foram assassinados 492 estudantes .

a dissertação, a fim de explicitar as circunstâncias do encontro etnográfico e as categorias de análise utilizadas para a compreensão e elaboração da experiência. Entretanto, é preciso manter em mente que tanto os encontros etnográficos quanto a teoria procuram ser desenvolvidos de maneira conjunta ao longo do texto.

Inicialmente, a proposta do projeto de pesquisa estava orientada a explorar os debates em torno de uma festividade realizada pelos estudantes universitários da Guatemala conhecida como *Huelga de Todos los Dolores* - que é analisada no capítulo I -, mas em agosto de 2010, quando preparava a qualificação do projeto, começou uma greve estudantil, na USAC, que perdurou por 51 dias, ocasionando a perda dos contatos que até então tinha mantido, por meio da internet, com os membros do *Honorable Comité de Huelga*, principais organizadores da festividade, que também participavam do conflito porque faziam parte da Associação de Estudantes Universitários (AEU), órgão máximo de representação estudantil. A dificuldade em contatá-los e a própria indefinição de seus cargos, por causa dos rearranjos que a greve provocou, me fizeram refletir não apenas no sentido de buscar novos contatos, mas também na maneira como este acontecimento se relacionava com a política da festividade.

Levando em consideração que muitas das decisões importantes na realização de um evento ritual - tal como procurei focar a *Huelga de Dolores* - acontecem antes do momento específico da cerimônia, decidi antecipar meu retorno para a Guatemala no mês de outubro de 2010, com o propósito de me aproximar dos atores do conflito e realizar um trabalho etnográfico para coletar os dados que sustentariam minhas posteriores reflexões sobre o campo escolhido.

Cheguei ao país dez dias depois de finalizada a greve. Tanto a AEU quanto o *Honorable Comité* tinham saído desgastados do conflito ao serem acusados por outras agremiações estudantis de haver traído os interesses dos estudantes ao se colocar ao lado das autoridades universitárias<sup>4</sup>. Em vista disso, a relação com o *Honorable Comité*, além de quebrada, tornava-se delicada e politicamente inadequada. Resolvi, então, não manter mais contato com eles e procurar alternativas para me inserir no campo.

Foi graças à coincidência de amizades e a encontros em lugares comuns, tais como atos políticos públicos ou mesmo boates, que tive a oportunidade de me aproximar de estudantes dos cursos de Ciência Política e História, os quais tinham participado da greve, agrupados

---

<sup>4</sup> As nuances do conflito são descritas no item 2.2.

numa coligação denominada *Estudiantes por la Autonomia* (EPA). Foi com esses estudantes que finalmente interagi ao longo dos três meses de minha estada na Guatemala.

Durante o trabalho de campo, privilegiei a observação participante como ferramenta metodológica, entendendo esta como estratégia, não neutra, de aproximação às experiências e práticas dos sujeitos (CARDOSO DE OLIVEIRA, 1998; SILVA, 2006). Porém, nos primeiros encontros, tive que utilizar pequenos roteiros de perguntas e entrevistas formais que, mais do que serem ferramentas de coleta de dados, me serviram como estratégia para ganhar proximidade e permanecer nas atividades. Embora muitas das informações desses primeiros encontros tenham norteado o rumo de minhas posteriores indagações, mantive em mente a entrevista, não tanto como o reflexo de uma realidade informada quanto de interações interpretativas desenvolvidas ao longo das conversas e rotinas comunicativas (BRIGGS, 1986).

No que diz respeito à perspectiva desde a qual são analisados os eventos e acontecimentos que compõem esta pesquisa, o foco principal recai sobre a noção de ritual. A vida política contemporânea se enraíza basicamente na manipulação de todo tipo de símbolos, na produção de visões de mundo que são transmitidas e partilhadas pelos que aderem a causas políticas em diversos projetos. Ao serem explorados desde a perspectiva ritual, assumida no trabalho como estratégia que focaliza momentos excepcionais e críticos que ressaltam o que já é ordinário num grupo social (TURNER, 2008; PEIRANO, 2003; RIVIÈRE, 1996; DaMATTA, 1997), podemos observar como, na suas execuções, são construídas solidariedades, adesões, presença e legitimidades tanto quanto possibilitam a resolução de conflitos, a transmissão de valores e a possibilidade de levar estes à experiência.

Na tentativa de estender a compreensão dos rituais estudantis para além do momento específico das celebrações cerimoniais, procurei focalizar ainda mais os eventos que tive a oportunidade de acompanhar, apoiado na noção de *drama social* desenvolvida pelo antropólogo Victor Turner (2008). Este tipo de abordagem tinha sido utilizado pelo autor em outras ocasiões em que foram analisados processos sociais que se apresentam com certo grau de conflito. Ao identificá-los seguindo uma sequência - *ruptura, crise, ação corretiva e reintegração* – os processos sociais se tornam passíveis de uma análise que dê conta, especialmente em campos políticos, das transformações e dos rearranjos na estrutura social do grupo observado. Durante minha estada em campo tive a oportunidade de presenciar eventos que pelas características

apresentadas se podem compreender melhor desde esta perspectiva, particularmente os descritos no capítulo III.

A condição dramática dos eventos aqui analisados não se referia somente a sua estruturação mas também ao caráter altamente expressivo com que estes eventos se mostravam. Foi nos momentos mais emotivos e rituais que as transformações do campo político estudado se tornaram mais acessíveis para a observação, pois foi neles que em autênticas condições *liminares*, os estudantes tiraram suas máscaras – ou mesmo as vestiram, como na *Huelga de Dolores* – e manifestaram explicitamente suas maneiras de compreender e vivenciar o seu chamado “mundo da política”. No entanto, como procuro mostrar na descrição etnográfica, estes eventos estão muito longe ser produto do acaso. No caso do atos públicos dos estudantes não somente compartilham repertórios com outros eventos de caráter ritual que fazem parte da vida social guatemalteca mas também participam do que poderíamos chamar aqui de um ciclo ritual que vai de janeiro a dezembro de cada ano enchendo ruas e praças da capital guatemalteca das mais diversas manifestações de grupos sociais. Somente durante os últimos dias de outubro e os primeiros de novembro do ano 2010 pude observar e tomar consciência, de oito manifestações públicas perante o Congresso da República, o que me fez pensar que a afirmação, feita por um colega estrangeiro, de que a sociedade guatemalteca é uma sociedade dramática não estaria muito longe da verdade. Nesse contexto uma perspectiva do *drama social* pode ser altamente elucidativa.

Porém, é preciso ter cuidado com esta afirmação. O que sugiro com o uso da noção de *drama social* neste trabalho não procura diminuir a importância política dos movimentos que assim se manifestam; pelo contrário, uma perspectiva deste tipo levada a outros contextos ou sob olhares mais abrangentes poderia contribuir produtivamente para se compreender a relevância de tais acontecimentos na regeneração constante da vida social e suas possibilidades de transformação.

Por outro lado, é importante levar em consideração que o fim do conflito armado (1996) e o início de um sistema democrático de governo (1985) são relativamente recentes no país e as pisadas na subjetividade da população ainda estão latentes, principalmente entre aqueles que, como muitos dos estudantes universitários, se engajaram em projetos político-revolucionários e foram objeto direto da repressão estatal. Nesse contexto esta tentativa de compreensão analítica sobre os estudantes esteve marcada tanto por minha própria visão do assunto quanto pela dos meus interlocutores. Entre estes últimos havia uma tendência geral em explicar a situação atual da organização estudantil a

partir de alguns desses acontecimentos e figuras do passado, tal como acontece com o chamado “*sectarismo*” que será objeto de atenção no final do capítulo três.

De minha parte há um interesse particular em compreender e superar criativamente esse passado, o qual não deve se tomar por sinônimo de esquecimento. A história pode ser tanto uma pesada carga quanto uma alavanca para as ações do presente. O debate na Guatemala é vigente e me parece que esta dissertação não consegue resolvê-lo. Entretanto foi necessário lançar mão de elementos históricos do “movimento estudantil universitário” a fim de oferecer ao leitor informação básica que lhe permita acompanhar as questões e comparações por mim levantadas a partir da experiência com os sujeitos. De todo modo, como coloca Marshall Sahlins (2006) se o passado é um estrangeiro, ele também é outra cultura, e então, para descobri-la, é necessária alguma antropologia, o que sempre significa uma comparação cultural.

Passo agora a fazer uma breve apresentação do conteúdo e da estruturação dos capítulos que compõem esta dissertação. No capítulo I, apresento a descrição de uma festividade anual de tipo carnavalesco, realizada pelos estudantes da Universidade de São Carlos da Guatemala, conhecida como *Huelga de Todos los Dolores*. O meu argumento é que seu potencial de socialização, organização e expressão estudantil faz dela uma porta de entrada singular para a compreensão da participação política dos estudantes universitários guatemaltecos.

No capítulo II, proponho-me a compreender o “mundo da política” dos estudantes e os elementos que são enfatizados por eles para demarcar socialmente esse mundo; ganham centralidade, na análise, aspectos relacionados às trajetórias individuais e ao seu encontro com a “política”, a demarcação de fronteira de ação política em torno de diferenças geracionais e étnicas e, finalmente, o papel da memória social e os referentes de luta dos estudantes. No capítulo III, apresento a descrição analítica ritual de dois grandes acontecimentos de concorrência política protagonizados pelos estudantes que fazem parte dos dois coletivos por mim acompanhados: no primeiro, abordo a eleição da Associação de Estudantes da Escola de Ciência Política, enquanto no segundo descrevo a *ocupação* da sede da Associação de Estudantes de História. Nos dois casos procuro discutir as formas como são construídas a representação política estudantil e a conquista da legitimidade.

Tive um especial interesse em escrever as Considerações Finais, pensando que pudessem ser lidas, num curto prazo, também por um

público guatemalteco. Sem dúvida a tradução do texto para o espanhol implicaria, além de uma revisão de meus argumentos, a modificação de certos sentidos idiomáticos, tarefa que não se faz da noite para a manhã. Entretanto, me parece que as Considerações Finais podem preencher esse vazio num curto prazo e levantar o debate teórico bem como agenciamentos políticos.

Sendo que o aqui dito é resultado de minha experiência com os estudantes, quando citada ou referida a voz deles, deve-se compreender que é antes de tudo minha interpretação do dito e não a pura reprodução de suas palavras, portanto, toda a responsabilidade disso recai sobre mim. Reconheço que as interpretações das falas dos estudantes podem, em algum momento, tanto prejudicar quanto beneficiar as suas carreiras políticas dentro da Universidade. Sendo assim, embora tenham sido consultados e eu tenha recebido a sua aceitação para serem citados com os seus nomes verdadeiros, no trabalho os nomes são trocados no intuito de evitar qualquer um prejuízo.

Espero ter atingido da melhor forma possível, no desenvolvimento do texto, uma perspectiva que enriqueça o conhecimento do leitor sobre a vida política dos estudantes universitários guatemaltecos, com suas qualidades profundamente humanas que, como me disse um dos meus interlocutores, além de lidar com seus concorrentes políticos, também têm que lidar com o tempo de seus parceiros afetivos, suas famílias, seus trabalhos e com as próprias responsabilidades acadêmicas que, por vezes, ficam relegadas a um segundo plano.



## CAPITULO I *A HUELGA DE TODOS LOS DOLORES*. UMA PORTA DE ENTRADA PARA A POLITICA ESTUDANTIL NA GUATEMALA

Início este primeiro capítulo com a descrição de um evento anual realizado pelos estudantes da Universidade de São Carlos da Guatemala conhecido como *Huelga de Todos los Dolores*<sup>5</sup>. Trata-se de uma festividade em que os estudantes universitários encenam uma série de atividades carnavalescas em diversas localidades da cidade capital de Guatemala durante o período da Quaresma, com o objetivo de denunciar as injustiças e os atos de corrupção dos governos de turno assim como dos grupos de poder político, econômico e religioso do país.

Esta prática tem contribuído para que a *Huelga de Dolores* mantenha uma presença fundamental na vida política do país como assinaladora dos limites do poder, devido ao caráter hilariante com que são apresentados os principais quesitos do programa geral da festividade. Destaca-se entre eles o chamado *desfile bufo* que na ultima sexta-feira da quaresma, conhecida na Guatemala como *Viernes de Dolores* que antecede o início da Semana Santa, percorre as principais ruas do centro da cidade com carros alegóricos, procissões e comparsas que escarnecem de personagens e figuras públicas do âmbito político guatemalteco.

As outras atividades que compõem o programa geral do evento são: leitura de comunicados chamados *Boletines* que imitam a estrutura de decretos oficiais; a eleição do *Rey Feo* soberano dos estudantes universitários; a *Declaratória de Huelga* em que à maneira de um ato político é declarado o início da greve; e, por último, a *Velada Teatral* em que são apresentadas peças teatrais e musicais compostas por companhias de estudantes. Segundo John Shillington (2002) esta série de expressões teatrais que compõem a *Huelga de Dolores* podem ser consideradas como as precursoras da sátira no âmbito guatemalteco, que vai desde o furioso protesto político que ataca especificamente instituições políticas e sociais por meio da ironia e do sarcasmo até o vício humano mais comum que é a zombaria de tudo.

A realização anual da festividade desde que foi iniciada em 1898 tem chamado a atenção de investigadores e pesquisadores sociais que, sob os mais diversos enfoques analíticos, têm dado conta dela. Cabe

---

<sup>5</sup> Daqui em diante utilizarei, por economia de linguagem, no lugar de *Huelga de Todos los Dolores*, a expressão *Huelga de Dolores* o simplesmente a palavra *Huelga*, sendo que todas estas denominações fazem referência ao mesmo evento.

mencionar entre eles as coletâneas de textos históricos e anedotas elaboradas por José Barnoya (1987) y Catalina Barrios (1999) a partir das quais os autores definem a *Huelga* como uma tradição por meio da qual os estudantes universitários liberam, em nome da população guatemalteca, os sentimentos reprimidos a respeito das autoridades.

Uma perspectiva mais sociológica é adotada por Virgilio Alvarez Aragón (2002) para quem o evento pode ser pensado mais como um instrumento social que tem permitido aos estudantes universitários a criação de uma identidade particular que os diferencia de outros setores e grupos da população. O interesse pela *Huelga de Dolores* também tem atingido perspectivas performáticas do teatro e da literatura que interpretam a festividade como um espaço idôneo para a combinação de tradições com agendas políticas, tal como o evidenciam os trabalhos *Performance, Politics and Play in Guatemala's La Huelga de Dolores* de Elizabeth McGregor (2008) e *Student Cultural Production in Guatemala as Politics* de Ivonne Wallace (1999).

O trabalho destes autores é retomado no desenvolvimento do capítulo fazendo-os dialogar com os dados apresentados a fim de focalizar a *Huelga de Dolores* como um evento ritual que fornece condições afetivas, físicas e emocionais para a socialização e a promoção do engajamento político dos estudantes. Ao se sentirem acolhidos nas organizações e nos grupos que participam da festividade gera-se nos estudantes o interesse por participar da “política” e eles acabam por construir uma identidade coesa.

Em síntese, esses elementos permitem pensar a *Huelga de Todos los Dolores* como uma porta de entrada singular para compreender a atividade e participação política dos estudantes universitários guatemaltecos.

## 1.1 ELEMENTOS HISTORICOS DA FESTIVIDADE

Para que se possa avaliar a importância da *Huelga de Dolores* é necessário conhecer melhor detalhes da narrativa histórica que sustenta a centralidade desta na vida política do país. Uma das principais fontes de informação sobre a festividade é a coletânea historiográfica de José Barnoya (1987) que além de inúmeras fotografias reúne as capas do Jornal estudantil *No Nos Tientes*<sup>6</sup> publicado cada ano durante o período

---

<sup>6</sup> Aforismo da expressão latina “*Noli me tangere*” que literalmente significa “ninguém me toque”, palavras que o Jesus disse a Maria Madalena depois da ressurreição. A citação

de *Huelga*. Encontramos numa destas capas, a proclama dos estudantes em 1898, ano em que pela primeira vez executaram a festividade, e que hoje é considerada a base que sustenta a tradição estudantil. Transcrevo, aqui, um trecho de tal proclama:

*“LO QUE NOS PROPONEMOS. Amigos de aprovechar las ocasiones, amantes como somos de externar lo que sentimos y también lo que no sentimos, no hemos hallado oportunidad mas propicia que la Huelga de Semana Santa para parir este nuestro primer hijo, cuya partida de bautismo se sento ayer, quedando al margen: “No nos tientes”. Así sea.*

*Tentados estamos a desembuchar el pico, castigando con ese formidable látigo que llaman opinión publica a muchos dos caras que merecen verdadera tunda, pero como natura non facit saltus, nos contentamos hoy con dar la sierpe que se merecen algunos, para seguir con los demás cuando las circunstancias lo permitan. ‘No nos tientes’ es un papel que saldrá cada año por la cuaresma o antes si hubiere peligro de no diremos muerte, pero sí de tentación. Su propósito es dar látigo y camorra cuando quepa y dejársela dar cuando puedan (...).”* (apud BARNOYA, 1987, p. 30, grifo nosso)

As frases destacadas servem para mostrar como desde os seus inícios a *Huelga de Dolores* estava orientada a finalidades de crítica política, denúncia e castigo. Segundo Barnoya a criação da festividade respondeu ao desejo dos estudantes de festejar o início das férias prévias à Semana Santa com proclamas e decretos de caráter satírico e político que tinham como alvo principal autoridades do governo e professores da Universidade.

Virgilio Alvarez (2002) entretanto, destaca que a presença desse tom crítico e desafiante às autoridades não supunha diretamente uma finalidade política. A organização da festividade respondia mais, segundo o autor, ao desejo de manifestar abertamente as aspirações de um setor da juventude guatemalteca que nesse momento experimentava

---

corresponde ao verso 17 do capítulo 20 do evangelho de São João. No jargão estudantil a expressão é utilizada como um aviso de prevenção: “não me provoque”.

as transformações para um novo modelo de educação superior livre do controle clerical, inspirado nas idéias liberais da época. Para estes estudantes, analisa Alvarez, além da criação de formas de organização com objetivos científicos e culturais, era a oportunidade de criticar os professores, rir do mundo e utilizar as férias de Semana Santa para criar o seu próprio carnaval.

O propósito de “*dar latigo y camorra*”<sup>7</sup> contido na proclama citada se concretiza em dois acontecimentos históricos em que os estudantes universitários participam na queda de regimes ditatoriais. O primeiro aconteceu em 1920 quando foi destituído o ditador Manuel Estrada Cabrera (1898-1920), tendo como principal proveito para os estudantes a criação da AEU, espaço institucional de interesse claramente político a partir do qual os estudantes participariam da posterior luta pelo poder, principalmente questionando a capacidade das autoridades para governar, sem necessitar outras agrupações externas à Universidade para se organizar (ALVAREZ, 2002). O segundo de similares características teve lugar em 1944, quando os estudantes participaram na chamada “Revolução de Outubro” que provocou a queda do ditador Jorge Ubico (1931-1944) tendo como ganho principal, dessa vez, a declaração da autonomia universitária, cuja defesa, segundo analisam Barillas, Enríquez e Taracena (2000) seria, a partir de então um dos maiores apelos da “ideologia estudantil universitária”.

Foi dessa maneira, com a conjunção da atividade contestadora dos estudantes e a celebração da *Huelga de Dolores* que se foi criando no imaginário a relação entre juventude, estudantes e rebeldia (SAENZ, 2010, p. 62-63) fornecendo-lhes caráter político.

O início do Conflito Armado na Guatemala em 1963 introduziu matizes importantes na atividade política dos estudantes, inclinada à simpatia pelos grupos guerrilheiros que lutavam pelo poder estatal<sup>8</sup>. Aos poucos, como interpreta Edelberto Torres-Rivas (2002) “o estudante se torna guerrilheiro” e a *Huelga de Dolores* perde relevância como forma festiva à medida que as conjunturas exigem daqueles outras formas de agir. Assim, como informa Alvarez (vol. I, 2002, p. 313), a *Huelga de Dolores* não era mais uma festa norteadada pela simples caçoada mas um veículo político do espírito crítico dos estudantes que simpatizavam com

---

<sup>7</sup> Chicotear e criar encrenca.

<sup>8</sup> Eram estas: *Fuerzas Armadas Rebeldes* (FAR), *Ejercito Guerrillero de los Pobres* (EGP), *Organización Revolucionaria del Pueblo en Armas* (ORPA) e *Partido Guatemalteco del Trabajo* (PGT). Para 1985 estes grupos formaram uma coligação denominada *Unidad Revolucionaria Nacional Guatemalteca* (URNG).

a recente vitória da revolução cubana e com a idéia de que uma experiência similar era possível no país.

Isso, porém, não significou que a festividade fosse totalmente abandonada, ela apenas foi relegada a um segundo plano, o que não poucas vezes gerou confrontações e confusões entre os estudantes que se dedicaram com exclusividade à sua organização e os que faziam o trabalho político através das Associações Estudantis. Alvarez (vol. I, 2002, p. 414) lembra-nos por exemplo as disputas que em 1969 ocorriam entre estes dois setores, quando assim se expressa:

*la relativa secretividad con que se organizaban las actividades (da Huelga) servía de protección para que dirigentes corruptos hicieran de las suyas. El costo político, sin embargo, era pagado por los grupos organizados que mantenían el control público y legal de las organizaciones estudiantiles.*

Neste trecho o autor dá conta da maneira como, desde essa época, os conflitos entre os estudantes interessados na festividade e aqueles interessados na atividade puramente política se acentuam e polarizam o agir estudantil nesses dois campos de ação. Mesmo assim a repressão estatal da época não fez distinção entre ambos os campos e o “Movimento Estudantil Universitário” foi desarticulado. Será somente em 1985 que a *Huelga* voltará a aparecer nas preocupações dos estudantes quando tentam reconstituir suas formas organizativas, especialmente a AEU que há anos tinha entrado na clandestinidade. Novamente encontramos em Alvarez (2002, vol. II, p. 370) informação ao respeito, tal como segue:

*Lo primero que tenía que reconstruirse era la Huelga de Dolores; los estudiantes de todas las tendencias y colores consideraban esta actividad como sagrada –en todo el significado que esta palabra puede tener para los distintos grupos sociales-, por lo que su realización era una manera significativa de demostrar que, aunque el movimiento estaba a la defensiva, continuaba vivo.*

O novo cenário político nacional dos anos 90, marcado pelas negociações entre o Estado de Guatemala e a URNG para o fim do conflito armado e a conseqüente assinatura dos Acordos de Paz finalmente concretizada em 1996, colocou novas preocupações para os estudantes. Durante esse período as atividades da *Huelga de Dolores* se caracterizaram pela presença, nas ruas da cidade, dos *talacheros*<sup>9</sup>, que respondendo às demandas de segurança por parte da população reagiam perseguindo e espancando àqueles que fossem suspeitos de serem delinqüentes, passando paradoxalmente de alvo da repressão a serem seus executores ao assumir um papel policial.

Os enfrentamentos entre estudantes encapuzados e supostos membros de gangues juvenis conhecidas na Guatemala como *maras*<sup>10</sup>, acabou por disfarçar a diferença entre uns e outros. Em cada ocasião em que se cometiam abusos na arrecadação de dinheiro, estouravam distúrbios na celebração do desfile ou algum prédio público era danificado; as acusações apontavam para a “infiltração” de *maras* entre os estudantes, não sendo mais possível diferenciar quem era quem.

É em atenção às acusações derivadas dessas situações que os diversos grupos que têm controlado a AEU desde então promoveram mudanças tais como a eliminação da *talacha* e o uso do capuz que os estudantes portam durante a festividade<sup>11</sup>, na procura do chamado “resgate da tradição” que se mantém até hoje como o alvo principal dos estudantes universitários. Porém essa tentativa não é uniforme, ela implica a concorrência de visões e interesses dos grupos que participam da *Huelga*; para dar conta da maneira em que esses elementos são levados ao debate focalizarei no item 1.3 a cerimônia de declaração da *Huelga* como “Patrimônio Cultural da Nação” em março de 2010, quando será examinada a política do ritual.

Procurei com este apanhado geral de alguns elementos históricos da *Huelga de Dolores*, fazer um relato que mostrasse a importância

<sup>9</sup> *Talacheros* eram estudantes com capuz que pediam dinheiro nas ruas para financiar as atividades *huelgueras*. Atualmente a *talacha* (o ato de pedir dinheiro) não existe mais.

<sup>10</sup> Segundo Maria Gabriela Escobar (2005) que cita o estudo sobre as *maras* de Deborah Levenson, as agrupações conhecidas sob esse título existiam desde os anos 50 mantendo certa presença até a década de 70. Mas sua reaparição pública deu-se a partir de 1985 no contexto das jornadas de protesto contra o aumento da tarifa de ônibus. Aparentemente, diz a autora, foram eles os que protagonizaram os saqueios massivos de lojas. Porém, a imprensa registra sua aparição até outubro de 1986 como executores de diversos delitos, mas nem todas as *maras*, diz a autora, se implicavam em atos criminosos, muitas delas funcionavam como grupos de amizade vinculados em torno da música, a dança e um território particular.

<sup>11</sup> Embora eliminado oficialmente pela AEU e proibido legalmente pela Lei Anticapuz decretada pelo Congresso da República em 2000, o uso de capuz continua a ser uma prática recorrente entre os estudantes durante o *desfile bufo*.

histórica da festividade e seu papel articulador no cenário da atividade política estudantil. Vamos agora à descrição etnográfica da maneira como é realizada a festividade pelos estudantes universitários guatemaltecos.

## 1.2 *AQUI ESTÁ TU SON CHABELA!*<sup>12</sup>: O CARNAVAL DOS ESTUDANTES

Cada ano a partir da primeira quinta-feira de Quaresma as atividades quotidianas dentro da Universidade de São Carlos da Guatemala são alteradas pela presença de grupos de indivíduos encapuzados que interrompem as aulas. São os estudantes *huelgueros*<sup>13</sup> que com gritos como *aquí está tu son chabela!* anunciam sua chegada para dar início às atividades da *Huelga*. A cena é similar em todos os cursos da universidade, onde estes grupos de estudantes vestidos com sotainas e capuzes ocupam aos poucos o pátio interior de cada prédio. A idéia de se juntarem nesse local, como me foi explicado por Lucy, interlocutora desta pesquisa e integrante de uma destas agrupações, é chamar a atenção de todos – estudantes, professores e administrativos - para presenciar ou pelo menos escutar “de qualquer jeito” a leitura do *Primer Boletín de Huelga*. Trata-se de um documento escrito ao estilo de um decreto oficial, mas lido num ambiente cheio de risos, zombarias, danças de encapuzados, vozes estridentes e ridículas que fofocam de estudantes, professores, autoridades universitárias e políticos, misturando opiniões sobre o currículo do curso, ciência, arte, política e qualquer tema que possa ser alvo de suas caçoadas.

Para alguns, a *Huelga* representa uma época festiva, para outros uma perda de tempo para estudar, e ainda um bom pretexto para não ir à Universidade ou adiar provas e entrega de trabalhos, pois nunca se sabe quando os *encapuchados*, como também são nomeados, trancarão os prédios ou irão organizar festas no interior deles. Contudo, a partir de então toda a população universitária compreende que se trata de um período especial que quebra a rotina diária e a ordem regular, instaurando uma nova ordem dominada pelos estudantes que criam uma segunda vida baseada na inversão das relações e dos ordenamentos quotidianos: os estudantes que ao longo do ano devem escutar e receber

---

<sup>12</sup> *Chabela* é apelido do nome Isabel. No que respeita ao *son*, trata-se de um gênero um gênero musical de raízes indígenas desenvolvido nas áreas urbanas da Guatemala. É de caráter alegre e festivo interpretado no instrumento musical chamado *marimba* que acompanha regularmente celebrações religiosas, cívicas e populares.

<sup>13</sup> Gentílico de quem participa na *Huelga de Dolores*.

a instrução de professores e autoridades têm, agora a palavra, mas veiculada de maneira satírica e festiva, constituindo uma autêntica manifestação carnavalesca.

Como em toda forma festiva na *Huelga de Dolores* também há uma relação com o tempo caracterizada pela quebra de seu fluxo cotidiano que cria a vivência de um segundo mundo. Segundo Bakhtin (2008), estes espetáculos organizados à maneira cômica apresentam uma diferença de princípio, trata-se de uma visão de mundo deliberadamente não-oficial que no caso da *Huelga* se expressa como uma visão em que “emerge necessidade de protestar, de soltar o riso e a língua, contra o abuso e a injustiça, é um escape do que tem estado sob pressão”, como assinala Catalina Barrios (1999, p. 3).

Como resultado, todas as quintas-feiras durante o período que dura a festividade, o expediente nas faculdades é interrompido para dar lugar à leitura dos *boletines*; também nas sextas-feiras é comum o trancamento das portas da Universidade, mas não a suspensão do expediente, e aqueles que desejam ingressar ao campus devem pagar uma cota financeira aos *encapuchados*; quem se mobiliza de carro precisa igualmente pagar um “tributo de circulação”, e quanto aos professores, é melhor não revelarem sua condição, pois a cobrança pode chegar a duplicar ou ser ainda maior. Isso não poucas vezes tem provocado enfrentamentos verbais e, em certas ocasiões, até físicos entre estudantes e *encapuchados*.

A leitura do quarto e último *Boletín* e a celebração da *Declarat6ria General de Huelga de Dolores*, realizados vinte dias depois, durante a terceira semana de Quaresma marcam o encerramento das atividades dentro do campus universit6rio. A *Declarat6ria* comp6e-se de dois momentos: o primeiro deles, realizado dentro de cada faculdade, é constituído de uma prociss6o da *Santa Chabela* que escarnece do rito cat6lico da Via Sacra e, em segundo momento o evento geral, que é aberto tanto para universit6rios quanto para a popula66o, constitui-se de apresenta66es artísticas, sendo apresentado perante milhares de espectadores o *Rey Feo Universit6rio* que, nessa noite profere o seu 6ltimo discurso antes de ser substituído na elei66o do s6bado seguinte.

A *Declarat6ria* finaliza com a participa66o de grupos de *musica de protesta* que durante o período da festividade ganham muita popularidade. Destacamos entre eles a banda venezuelana *Los Guaraguao* que por v6rios anos tem acompanhado os festejos, n6o

poucas vezes conseguindo despertar o júbilo coletivo ao executar a canção “*Os estudantes*”<sup>14</sup> muito valorizada entre os estudantes. Passada a *Declaratória* o campus universitário fica vazio e solitário apenas com cheiro de cerveja e *cusha*<sup>15</sup> como resíduos que testemunham as celebrações; também as atividades acadêmicas são encerradas, reiniciando somente depois de passada a Semana Santa.

Mas a *Huelga de Dolores* ainda não termina nesse momento, os festejos são deslocados do campus universitário para outras localidades no centro da cidade. A primeira dessas localidades a ser atingida é o complexo cultural denominado Teatro Nacional, que no sábado seguinte à *Declaratória* é invadido pelos *encapuchados* no intuito de ocupar o palco do “Teatro ao ar livre”, uma locação situada ao lado da Grande Sala do Teatro e ideal para atividades menos formalizadas.

Em certas ocasiões, a ocupação do “Teatro ao ar livre” tem coincidido com eleições de rainhas de beleza nacional ou atos de protocolo de governo na Grande Sala, o que produz nos corredores e espaços abertos do complexo cenas inverossímeis e engraçadas que permitem observar as inversões produzidas pela *Huelga* e a abolição das diferenciações e hierarquias sociais, própria das festividades carnavalescas.

O objetivo dos estudantes nesse sábado é eleger o *Rey Feo Universitario*. Trata-se de um *personagem* (MAUSS, 1974) central para a manifestação do comportamento satírico e caçador que é característico da festividade. Sua eleição se dá a partir da apresentação dos candidatos provindos de cada uma das unidades acadêmicas, que se identificam com apelidos associados a conotações sexuais e zombadoras<sup>16</sup>. Na imagem que segue se pode observar um dos candidatos no momento de sua entrada no palco principal

---

<sup>14</sup> Texto completo em anexo F.

<sup>15</sup> Bebida artesanal de origem indígena que os estudantes preparam em grandes quantidades a serem repartidas gratuitamente durante os festejos.

<sup>16</sup> Segundo Rony Garrido no seu artigo “*La Huelga de Dolores: Risa carnavalesca en la ciudad de Guatemala*”, o uso de apelidos na festividade além de ser uma máscara carnavalesca e um disfarce que serve para encobrir o indivíduo, pode estar ligado à tradição indígena do *nahualismo*, interpretado pelo autor como “um sistema de crenças que inclui batizar às pessoas com nome de animais” (em *Cuadernos Americanos Nueva Época* No. 96, vol. VI, nov-dez 2002). No cotidiano da vida social em Guatemala botar apelidos nas pessoas é uma prática muito comum variando de significado segundo a ocasião, podendo ser desde uma mostra de simpatia ou aceitação até uma de desprezo.



**IMAGEM 1** Aspirante ao título de *Rey Feo* executando sua performance. **Fonte:** Autoria própria.

Na competição não há muitas regras, apenas é preciso que os candidatos cumpram um máximo de quinze minutos na sua apresentação. Mas mesmo assim, a maioria dos candidatos não consegue ultrapassar os dois minutos quando enfrentados a um público que os recebe com xingamentos, gritos de desaprovação e até lançamento de objetos com o objetivo de magoá-los e fazê-los sair do cenário. Por sua vez eles se defendem respondendo às provocações e tentando ganhar a simpatia dos presentes. Cito, aqui, como exemplo, o trecho de uma troca de palavras entre um candidato e um indivíduo do público:

*Cuando Siríaco (o candidato) entro montado en la mula, el público hizo silencio, pero alguna persona del público se paró y le dijo 'trajiste a tu madre'. La gente rompió en risa. Precisamente la mamá de Ciriaco estaba entre el público. Ciriaco respondió (...) 'sí (..) a mi mamá le agradezco por haber venido al espectáculo y a la tuya le agradezco por haberme traído en el lomo...'*<sup>17</sup> (em BARRIOS, 1999, p. 35)

<sup>17</sup> Quando Siríaco entrou montado numa mula, o público fez silêncio, mas alguém no público se levantou e lhe disse 'você trouxe a sua mãe'. O público estourou em risadas. Precisamente a mãe de Siríaco estava entre o público. Ele respondeu "Sim, agradeço à minha mãe por ter vindo ao espetáculo e agradeço à tua por ter me trazido no lombo..." (tradução nossa).

O episódio provocou o riso coletivo e, em consequência, a aceitação do candidato que além de lidar com o escárnio popular mostrou sua capacidade para falar nos termos do “povo”, ou seja, com uma linguagem que se afasta do discurso formalizado e sério. A maioria das vezes o alvo principal das falas do *Rey Feo* são figuras de poder e autoridade, e ele expressa o descontentamento e a indignação popular sobre assuntos da conjuntura nacional, motivo pelo qual é reconhecido e valorizado. Trata-se então de uma figura *liminar* (TURNER, 1974) que desde a própria nomeação ao cargo mostra sua ambigüidade. Ele ocupa uma posição hierárquica superior – o *Rey* – mas relacionada com atributos do baixo – *Feo* -.

Em suma, para finalmente ser reconhecido como o “porta-voz” privilegiado da moralidade ofendida e a indignação popular, ele precisa passar pelo rebaixamento por parte do público, a fim de demonstrar que o cargo para o qual foi nomeado será utilizado para interesses coletivos e não para o benefício pessoal. Esta pedagogia da *liminaridade* tem sido mostrada principalmente em ritos como o chamado *incwala* das sociedades africanas estudadas por Max Gluckman (2004 [1963]), em que a estrutura de organização política é ritualmente invertida e o rei se torna objeto de vexações, sendo apresentado nu aos seus súbditos; segundo Victor Turner (1974), estas vexações nos rituais Ndembo analisados por ele, mostram como a *liminarietà* representa a condenação da separação do vínculo da *communitas*, seja por causa do seguimento dos impulsos do indivíduo à custa de seus companheiros, seja por agir somente de acordo com os direitos que lhe foram conferidos na estrutura social.

Na eleição do *Rey Feo* essa *liminarietà* também é expressa de maneira dramática. Depois de mais de seis horas a eleição finalmente acaba, perto da meia noite. Desta vez o novo *Rey Feo* eleito modifica o caráter zombador de seu discurso e apela à lembrança dos “mártires estudantis”, da “luta pelo povo” e do “resguardo da tradição” adquirindo um tom dramático e inflamado que é acompanhado do ecoar de palavras de ordem como “*mientras haya pueblo habrá revolución*”. O ato é encerrado com a música de *La Chalana*, o hino dos estudantes.

Quatro dias depois nesse mesmo cenário terá lugar a *Velada Teatral*, em que o *Rey Feo* é coroado e também serão apresentadas peças preparadas pelas companhias de teatro de diversas faculdades e entregues os prêmios a *Chabela de Oro* e a *Bacínica* (pinico) *de Oro* para os melhores *boletines* e para as peças de teatro.

Na noite da última quinta-feira da Quaresma os estudantes se dirigem para o *Paraninfo Universitario*, antiga sede da Faculdade de

Medicina localizada no centro da cidade capital para construir os carros alegóricos e realizar os preparativos do *desfile bufo* da manhã seguinte. O lugar é um autêntico bacanal: festas, libações, caminhões a meio construir, indivíduos fantasiados circulam pelas ruas que rodeiam o *Paraninfo*. No interior do prédio o *Honorable Comité de Huelga*, o principal organizador do evento, toma as últimas decisões sobre a ordem em que se apresentarão os blocos durante o desfile. Engenharia costuma ir sempre à cabeça devido ao tamanho de sua comitiva, que é tão grande quanto a de Direito que lhe faz oposição; mas são separados no *desfile* para evitar confrontações. Contudo a organização dos turnos é uma espécie de “faz-de-conta” pois todos sabem que durante o trajeto pela *sexta avenida* os blocos dos cursos vão aproveitar qualquer ocasião para furar o turno dos outros. Considerando que caminhadas expressam simbolicamente ordenações hierárquicas (FIRMO, 2006, p. 183) no *desfile bufo* também se manifesta o caráter liminar e de inversão da *Huelga de Dolores*, pois, como descrito as posições não são fixas nem mesmo respeitadas, podendo ser mudadas de um momento para outro.

Às oito da manhã de cada *Viernes de Dolores* (última sexta-feira da Quaresma) ainda entre sonolentos e bêbados os estudantes que passaram a noite no *Paraninfo* acordam e se unem à maioria dos participantes que acabou de chegar para preparar o início do *desfile bufo* que encerra a *Huelga* cada ano. O ambiente de festa é latente e já nas ruas próximas o público enche as calçadas para presenciar o *desfile bufo* que inicia o percurso com seus carros alegóricos, capuzes coloridos, indivíduos fantasiados, músicas, coreografias e brincadeiras que envolvem aos poucos à platéia, desta vez formada não apenas estudantes mas também pela população da cidade. Todas estas encenações são acompanhadas por gritos de denúncia e palavras de ordem proferidas pelos estudantes para manifestar a presença deles como “a voz dos que não têm voz”.

Perto do meio dia o desfile atinge o frontispício do Palácio Nacional onde são proferidos os últimos discursos, muitos deles acompanhados da queima de fotografias de políticos e bandeiras dos Estados Unidos como demonstração do “antiimperialismo” que proclama a *Huelga de Dolores*. Finalmente o *desfile* se encerra alguns metros mais adiante, na frente do Palácio onde os estudantes desmontam os carros alegóricos e se desfazem de suas fantasias.

Perto das quatro da tarde ainda é possível encontrar nas ruas próximas alguns indivíduos bêbados que continuam cantando os versos de *La Chalana*; mas agora o cheiro de incenso enche a cidade e o público que anteriormente tinha presenciado a *Huelga de Dolores*

continua nas arquibancadas dispostas na frente do Palácio Nacional à espera da procissão do Cristo da Igreja de São José que passa umas horas depois pelo mesmo lugar.

### 1.3 A *HUELGA DE DOLORES*: UM RITUAL DE IDENTIDADE POLÍTICA...

Diversos autores que têm abordado a *Huelga de Dolores*, direta ou indiretamente, concordam que esta representa antes de tudo um rito de identidade. Segundo Virgilio Alvarez (vol. I, 2002, p. 141-142) mais que um ato político a festividade é um ato de identidade e reconhecimento realizado pelos estudantes como grupo diferenciado de outros; para Ivonne Wallace (1999, p. 89) tratar-se-ia do lugar em que é paradigmaticamente representada a identidade militante de esquerda dos estudantes universitários.

Apoiado nesses pressupostos, nos subitens seguintes, tento explorar a *Huelga de Dolores* como um ritual *bom para pensar* e *bom para viver* no sentido de que ele permite ter aceso tanto a os valores e representações ideais dos estudantes universitários quanto às maneiras como esses valores são levados à experiência concreta. Nos seguintes subitens – 1.3.1 e 1.3.2 - examino esses elementos de forma separada mas considerando que ambos são indissociáveis na experiência e contribuem de igual maneira para produzir uma eficácia social que é efetivamente aproveitada pelos integrantes de agremiações estudantis que reconhecem na *Huelga* um espaço *bom para organizar*, tema que é objeto de análise no item 1.3.3.

Tal como colocado por Mariza Peirano (2003) os rituais são adequados para a realização de funções diversas, que como no caso da *Huelga* enfatizam a sua capacidade de organização, porque são *performativos*, ou seja, porque se produzem em plena ação social. Em atenção a esse caráter *performativo* procuro complementar a análise dos elementos que compõem a *Huelga* com base na distinção analítica desenvolvida por Stanley Tambiah (1981) entre *procedimentos* e *prestações* rituais. Os primeiros são definidos como o cenário que os participantes que devem observar quando chega o momento de entrar em cena, para o qual é importante que disponham de informações básicas que lhes indiquem o que precisa ser feito, quando, como e quem tem o direito e a autoridade para fazê-lo. Por outro lado, as *prestações* são as ações situadas num lugar e tempo particulares que têm como objetivo realizar e atualizar os *procedimentos* rituais. Começo então

descrevendo de que maneira a *Huelga de Dolores* se torna um evento ritual *bom para pensar*.

### 1.3.1 ...Bom para pensar

Parte do repertório comum do *desfile bufo* é a apresentação de faixas que exibem rostos de líderes estudantis acompanhados de frases que evocam o papel dos estudantes universitários. Na **Imagem 2** se pode observar uma dessas faixas apresentadas pela Faculdade de Agronomia no desfile do ano 2008 em que aparece a figura de Robin Garcia, estudante seqüestrado e desaparecido na década de 80, com a seguinte frase: “Não defendo minhas idéias, defendo os direitos de tanta gente! E os defendo embora me custe a vida. A minha vida que não é suficiente para apagar a dor de tanta gente” (tradução nossa).

Tanto a frase quanto o uso da imagem do estudante de Robin Garcia, considerado um dos mais importantes líderes estudantis do MEU,

mostram a centralidade do sujeito estudantil como “defensor do povo”. É na *Huelga de Dolores*, e não em outros atos e comemorações públicas de que os estudantes participam que se enfatiza o ideal do estudante próximo ao “povo”, responsável por defendê-lo e representá-lo, sob a denominação auto-atribuída de “*a voz dos sem voz*”.

Esta idéia é manifestada e reforçada em outros momentos e lugares da vida universitária, especialmente dentro do campus universitário no qual murais, grafites e pichações lembram a estes o seu papel de representantes e ao mesmo tempo devedores do povo.

Porém o potencial performativo da *Huelga de Dolores* permite não somente transmitir a idéia, como também fornecer de um momento adequado para se sentir concretamente “defensores do povo”. Segundo Ivonne Wallace a *Huelga de Dolores*:



**Imagem 2** Faixas apresentadas no desfile. **Fonte:** Autoria própria.

*“has been effective in creating a strong anti-government student identity, and in creating an alternative understanding of political reality. Students have been able to sustain their identification as a militant intellectuals committed not to the State but to the people; the student movement has been the starting point for many leaders of popular and civil sector concerns. Of course, not all huelgueros will become popular movement leaders; what the Huelga de Dolores represents is a ritual site with a transformative potencial”*<sup>18</sup> (1999, p. 89, grifo nosso).

Tal como a autora coloca, a *Huelga de Dolores* representa fundamentalmente um ambiente com potencial de transformação que pode levar aos estudantes ao engajamento político dentro da Universidade ou mesmo fora dela, além de percorrer outros trajetos como os demonstrados por Lucrecia Mendez (2000) e John Shillington (2002) quando discutida a produção teatral da Guatemala, nos anos 90, em que *ex-huelgueros* elaboraram parte de sua produção teatral baseados em elementos tirados dos repertórios da festividade.

Por outro lado, este potencial transformador introduz um matiz interessante na criação de uma identidade particular para o momento da festividade, a do *huelguero*. Certamente esta identidade é assumida por muitos dos participantes como uma marca distintiva que os acompanha ao longo de sua vida (WALLACE, 1999); no entanto a presença deste *personagem* tem promovido, entre os próprios grupos estudantis, sérios debates relacionados com sua identidade como estudantes universitários e com os limites de sua atuação.

Tal como venho argumentando, além de levantar a questão de quem pode ou não ser *huelguero*, é interessante verificar como esse *personagem* ao ser identificado como produtor de desordem e de incertezas, faz surgir a possibilidade de os estudantes pensarem e reformularem constantemente o que significa para eles ser estudante e

---

<sup>18</sup> “Tem sido efetiva para criar uma forte identidade estudantil anti-governamental e um conhecimento alternativo da realidade política. Os estudantes têm sido capazes de sustentar sua identificação como militantes intelectuais comprometidos não com o Estado e sim mas com a população; o movimento estudantil tem sido o ponto de início para muitos líderes dos setores civis e populares. Porém, não todos os *huelgueros* se tornam líderes do movimento popular; o que a *Huelga de Dolores* representa um lugar ritual com um potencial de transformação”. (tradução nossa)

agir politicamente. Em tal sentido podemos considerar a *Huelga de Dolores* como um período *liminar* no seu conjunto, e os *huelgueros* como figuras *liminares* que, ao se colocarem fora de todas as posições sociais, e mesmo de contestá-las em forma paródica, produz um potencial ilimitado e transformador de arranjos alternativos.

### 1.3.2 ...Bom para viver

A *Huelga de Dolores* manifesta o surgimento de outro tempo dentro da rotina universitária. Para alguns, como disse, pode representar uma perda de tempo ou uma boa escusa para fugir das responsabilidades acadêmicas. Mas o que se vive em geral no campus universitário, quer se partilhe ou não da *Huelga*, é um ambiente de festa marcado pelo imprevisível; ninguém tem certeza do momento em que encontrará, por exemplo, fechadas as portas do prédio de sua faculdade e no seu interior uma festa. Essas imprevisões quebram a cotidianidade da Universidade, ou seja, o curso de um tempo organizado em horários de atendimento, de início e finalização das aulas, de entrega de trabalhos ou realização de provas, para dar lugar a esse outro tempo festivo corriqueiramente denominado “o tempo da *Huelga*”.

Procurou discutir neste item como esse “tempo da *Huelga*” torna-se um espaço bom para viver, no sentido de se revelar eficaz para os estudantes colocarem em ação suas visões de mundo e das relações humanas. Isto é possível graças ao fato de que tais visões se apresentam durante a festividade em forma *dramatizadas*, no sentido utilizado por Roberto DaMatta (1997), ou seja, colocando em destaque aspectos do cotidiano. Segundo este autor, tudo o que é “elevado” e colocado em foco pela dramatização pode adquirir um significado surpreendente, capaz de alimentar a reflexão e a criatividade.

No item anterior vimos como o sujeito estudantil mantém, em relação ao “povo”, uma centralidade dentro da festividade. Além de serem os sujeitos privilegiados eles também se colocam fora do tempo, situando-se como o ideal que permanece vigente e mesmo imutável, tal como se pode observar no texto do seguinte comunicado:

**“Somos los mismos... y que?”** (grifo do autor)  
*Somos aquellos mismos estudiantes que en el tiempo del tirano protestamos contra el Membreño. Somos los mismos que el 14 de enero de 1920, metimos el hombro al proteiforme y*

*formidable partido unionista. Somos los que entonces corrimos todos los peligros, los de las comisiones a los departamentos en donde pudimos quedar para siempre; los que salvamos la frontera para llevar la buena nueva al mundo; los que sufrimos el rigor de las balas el 11 de marzo y los que custodiamos a la asamblea el 8 de abril.*

*Somos los mismos que ya encaramado el partido al poder, nos burlamos sangrientamente del candidato en una bufa procesión de cucuruchos, sobre la cual cayeron las iras de los fanáticos azuzados, en forma de pedradas...Somos los mismos que echamos al mundo cuatro ediciones del No Nos Tientes, en los que no quedo títere con cabeza de los de entonces en el tinglado de la farsa...somos los que caímos presos...por haber hecho una manifestación pública contra aquel reglamento de don Mario Zeceña...Somos los que combatimos la tiranía de Cabrera, los que combatimos y burlamos el desgobierno unionista, **y los que ahora nos reimos del desbarajuste liberal. Somos los mismos...y que?. Nosotros no hemos variado. Nosotros somos siempre iguales. Ayer contra aquellos porque eran estúpidos; ahora contra estos porque son torpes.** Y si como ayer vamos a los calabozos de las secciones, estaremos muy contentos de poder gritar: *Que distinto mas pior! Somos los mismo y qué?* (sic). (grifo meu). (Em BARNOYA, 1987, p. 38, grifo nosso)*

Embora redigido pelos estudantes de 1922, o texto tem sido constantemente referenciado desde então para manifestar a presença constante dos estudantes universitários no cenário político nacional onde apesar do passo do tempo cronológico eles se querem imutáveis, além de terem um caráter sempre confrontador, tal como se observa nas frases destacadas e pelo uso da exclamação “y qué?” que na Guatemala indica que quem a diz não se importa com as críticas ou rejeições ou mesmo que é utilizada para provocar.

Vejamos agora como essas idéias são levadas à realização concreta. Os elementos que nos ajudarão nessa tentativa serão os principais símbolos utilizados durante a festividade. Cabe mencionar

que a efetividade dos símbolos em expressar importantes componentes da ordem social e moral de um determinado grupo foi mostrada por Victor Turner (2005) com base nas análises sobre os rituais Ndembu, graças às quais o estudioso pode perceber a maneira como aqueles assumem formas externas e características passíveis de observação. Mas além de ser uma experiência estética, para o Turner os símbolos agem como um tipo de “forças” que constituem influências determináveis que empurram pessoas ou grupos para a ação (TURNER, 2005, p. 68), ou em outras palavras, eles fazem fazer<sup>19</sup>.

O elemento primordial na experiência da *Huelga de Dolores* é o capuz. Ele é objeto e símbolo dos estudantes que por causa de seu uso durante a festividade recebem o nome de *encapuchados*<sup>20</sup>. Além disso o capuz identifica os estudantes das diversas unidades acadêmicas da Universidade segundo a cor que é usada. Assim, na Imagem 3 por exemplo aparecem *encapuchados* do curso de Direito – capuz vermelho -, de Ciências da Comunicação – capuz azul -, de Letras – capuz celeste - e História – capuz vermelho/azul-.

O capuz foi adotado pelos estudantes na *Huelga de Dolores* durante os primeiros anos do Conflito Armado iniciado em 1963 (não há registro da data exata) como estratégia de segurança diante da repressão estatal. No ano 1995, apenas um ano antes da assinatura dos Acordos de Paz o Congresso da República emite o Decreto 41-95 que proíbe o uso de capuz em qualquer manifestação pública, com clara alusão aos



**IMAGEM 3** Encapuzados de distintas unidades acadêmicas. **Fonte:** Autoria própria.

<sup>19</sup> Uma discussão interessante sobre o papel dos “objetos” na construção da ação social encontra-se nas observações de Bruno Latour sobre a Teoria de Ator Rede. A esse respeito diz o autor “[...] *las cosas podrian autorizar, permitir, dar los recursos, alentar sugerir, influir, bloquear, hacer posible, prohibir, etc*” (em *Reensamblar lo social*, 2008), algo que também Turner tinha considerado com relação aos símbolos rituais e a sua capacidade para instigar a ação (2005, p. 68).

<sup>20</sup> Encapuzados.



**IMAGEM 4** *La Chabela*, santa padroeira dos estudantes. **Fonte:** Autoria própria.

participantes do *desfile bufo*. A punição para quem não acatar o decreto é de seis meses a dois anos de prisão. Em atenção a esta Lei a AEU sugeriu aos estudantes não utilizar o capuz ou portá-lo como cachecol a fim de evitar que fossem pegos pela polícia durante as jornadas de *talacha* (coleta de dinheiro). Porém, os estudantes desacatarem a Lei e a recomendação da AEU e continuam utilizando o capuz sob o lema “*La ley anti capuchas nos pela la verga*”<sup>21</sup>.

Para alguns o capuz opera apenas como encobridor da identidade abrindo espaço para que “pessoas alheias” à Universidade aproveitem o evento enquanto para outros a condição encobridora age de maneira que “só embaixo dele que os indivíduos se atrevem a falar”, o que de fato acontece considerando-se a perspectiva aqui assumida de que símbolos instigam à ação. Contudo o capuz age principalmente como prova concreta da filiação à festividade, a ponto de muitos a conservarem como uma relíquia o seu primeiro capuz. Ele aparece também em poemas e canções que lhe são dedicadas ou em slogans como o surgido após as primeiras proibições que diz “*con capucha o sin capucha, presentes en la lucha*”.

Há também uma forte presença de elementos que são tirados dos sistemas de crenças culturais e religiosas –*cosmologias*- (TAMBAIAH, 1981; PEIRANO, 2002, ALENCAR CHAVES, 2002) do país tais como as procissões, cantos, santos, virgens e vestimentas. Ao serem inseridos na festividade estes elementos religiosos adquirem um caráter instrumental para os seus propósitos satíricos. O maior símbolo deste comportamento satírico é, sem dúvida, *La Santa Chabela* padroeira dos estudantes, que é representada por um esqueleto dançante e sorridente. Na imagem 4 *La Chabela* também aparece representada ao estilo da

<sup>21</sup> De conotação soez (tão forte como a expressão brasileira “vai tomar no cu”) a frase significa na Guatemala que não importa o que esta sendo solicitado.

imagem cristã da virgem “*La Dolorosa*” (parte intermediária), o que mostra o sincretismo entre elementos da cultura ocidental e da indígena que coincidem numa concepção dual do princípio vida-morte (BARRIOS, 1999; GARRIDO, 2002).

A presença do “povo” representado por um indivíduo com vestimenta indígena (parte inferior) complementa o papel protetor da *La Santa Chabela* que acompanha sua morte numa paródia da procissão do “*Santo Entierro de Jesucristo*” realizada por uma das inúmeras paróquias do centro da cidade. Tal como tinha assinalado Michel Maffesoli (2005) a propósito destes tipo de figuras nas culturas latino-americanas, elas manifestam uma paradoxal convivência com trágico ou o cômico que expressa as maneiras de fazer surgir outras formas de perceber e interpretar o mundo, alternativas e antagônicas ao estabelecido de maneira forçada ou implícita. E como bem assinala Alvarez (2002) a posição radical da *Huelga de Dolores* está em “fazer festa quando o pregado era o choro”.

Além de agir como forma direta de caçar dos ritos cristãos há elementos de caráter religioso próprios dos estudantes que manifestam o estabelecimento de vínculos coletivos baseados na comunhão e no sentido de sacrifício. Em tal processo a figura dos “mártires” é central. Sua presença em expressões verbais e não verbais é forte e marcante para os estudantes como lembrança dos motivos de sua luta e das conseqüências disso, manifestados em lemas poéticos como o que aparece no mural do lado direito da imagem: *No era trás la muerte a lo que fuimos, es trás la vida* (sic).

Embora em certas ocasiões sejam evocados genericamente os “mártires” têm sua manifestação concreta em figuras como as de Oliverio Castañeda de León (parte superior esquerda da Imagem 5), do advogado e professor universitário Mario López Larrave, assassinado durante o período do conflito armado (faixa vermelha na parte inferior da imagem), ou do cravo vermelho símbolo do sangue dos mártires.

O lema *Los mártires no se lloran, se imitan* é, sem dúvida, o que melhor expressa essa relação normativa dos estudantes com seus símbolos sagrados. A transmissão desses valores fundamentais por meio da figura dos “mártires” é complementada com a presença de referentes de luta de caráter revolucionário e antiimperialista, os apelos ideológicos mais reforçados da

festividade. Eles são expressos em figuras como a de “Che Guevara”, Fidel Castro e os distintivos das quatro organizações guerrilheiras que conformaram a URNG, como se pode apreciar na faixa vermelha na parte superior esquerda da Imagem 6.



**IMAGEM 5** *Los mártires*. Fonte: Autoria própria.



**IMAGEM 6** Os referentes de luta revolucionaria. Fonte: Autoria própria

Como venho argumentando a *Huelga de Dolores* representa amplas e aleatórias possibilidades por causa da produção de uma área de vida em comum em que são abolidas as normas e diferenças que regem uma estrutura social –*communitas*–.



**Imagem 7** Estudantes fantasiados durante o desfile.  
**Fonte:** Autoria própria

Trata-se de uma forma concreta de vida em que mesmo se vestindo com máscaras libertadoras de uma dissimulação liminar, como se poder observar na Imagem 7, os estudantes se tornam tudo aquilo que almejam ser, transformando a *Huelga de Dolores* num momento e lugar particular, bom para viver.

### 1.3.3 ...Bom para organizar

O caráter performativo da *Huelga de Dolores*, além de articular o pensar e o viver produz uma eficácia maior para os estudantes que integram agremiações estudantis. A festividade se mostra eficaz, no sentido mais pragmático do termo, para aumentar o número de militantes de seus projetos coletivos. Isso é devido, em parte, às disposições que são promovidas pelo exercício do ritual, com o qual podemos dizer que a *Huelga* é eficaz “para se organizar”, mas também às próprias estratégias que os primeiros utilizam para atrair novos militantes, ou seja, ela também é eficaz “para organizar”.

Não há um roteiro ou procedimento único que indique como atrair esses novos militantes. As estratégias são diversas e dependem da habilidade, da experiência e dos interesses de quem as aplica. Durante minha estada em campo tive a oportunidade de presenciar o planejamento de uma dessas estratégias no meio de uma reunião

convocada com urgência por um grupo de Associações Estudantis que nesse momento reagiam com preocupação contra o processo eletivo para Secretariado da AEU, convocado em outubro de 2010.

A eleição tinha acontecido somente alguns dias depois de finalizada a greve estudantil promovida pela agrupação EPA sem que o resto de Associações Estudantis da Universidade fosse informado a respeito, de tal forma que no processo participou uma única chapa, aliás, a oficial, que por causa disso foi declarada vencedora.

Para os estudantes agora reunidos as preocupações ultrapassavam o interesse pelo controle da AEU e eles buscavam estratégias por meio das quais poderiam minar a sua legitimidade. Para minha surpresa, num momento em que estava quase convencido de que os estudantes não se interessavam em falar da *Huelga de Dolores*, descobri que a despeito dessa percepção na verdade eles mantinham sérias preocupações sobre a festividade e sobre sua efetividade para a “cotação” de novos integrantes para as organizações estudantis.

Foi assim, discutindo quais as estratégias a seguir, que surgiu a *Huelga de Dolores* como um assunto medular nessa disputa. A proposta apontava para que o grupo ali reunido se antecipasse à AEU no encontro com os calouros de 2011 a fim de contar-lhes “o verdadeiro sentido da festa” e principalmente, como sugeriu uma das participantes, “ganha-los nós antes do que eles”. O procedimento a seguir era utilizar o espaço institucional de cada Associação Estudantil ali presente, por meio de seus *Sub-Comitês*, a estrutura organizativa da *Huelga* no nível de cada faculdade, também conhecido simplesmente como o *Sub* seguido do nome do curso que representa. Dessa forma, há por exemplo o *Sub* de Psicologia, o *Sub* de Arquitetura e assim por diante. Entre suas atividades destacam-se: a escrita e apresentação de *boletines*, a organização da eleição do *Rey Feo* do curso que irá competir no evento geral e, a organização das *comparsas* e *carros alegóricos* que serão apresentados no *desfile bufo*.

De acordo com Ernesto, ex-integrante da *Associação de Estudantes de Ciência Política* e no momento responsável pelas atividades *huelgueras*, nem todos os estudantes se interessam por participar da festividade. Para atraí-los os *Sub-Comitês* utilizam uma variedade de estratégias associadas a eventos acadêmicos, entre as quais se incluem convites para palestras e debates através do chamado “*passo de aulas*”, ou seja, uma comitiva que passa em cada uma das salas de aula designada para apresentar os objetivos propostos para esse ano e para falar da importância de participar da tradição. No programa apresentado a comitiva detalha as diferentes comissões que compõem o

*Sub-Comité*, entre elas as comissões de *comparsa* e *carros alegóricos*, e principalmente o objetivo político perseguido, na maioria das vezes relacionado com temas como a “dignificação” dos estudantes, da festividade e da Universidade, mas também relacionada com a crítica ao Governo e às autoridades universitárias ou do centro acadêmico, segundo as conjunturas.

Outras estratégias incluem a integração de pequenas companhias teatrais organizadas para o evento (algumas das quais têm chegado a transcender a festividade e a universidade) a solicitação de que aqueles que praticam alguma arte (música, poesia, dança) participem durante as atividades ou a proposta de inovações nas *comparsas* e nos *carros alegóricos* dos anos anteriores.

A eficácia destas estratégias pode variar segundo o grupo que as executa. Cabe mencionar que num Centro Acadêmico podem chegar a existir em certos momentos dois ou até três *Sub-Comités*, os quais disputam a simpatia do conglomerado estudantil. Isso faz com que, durante os *passos de aula*, as comitivas se esforcem em apresentar-se da melhor forma a fim de criar a percepção de que se trata de estudantes, quer dizer, de estudantes não apenas interessados nos festejos da *Huelga* mas comprometidos com o seu próprio desenvolvimento acadêmico. Assim em algumas ocasiões eles precisam responder aos interrogatórios da platéia sobre sua situação no curso ou sobre a quantidade de disciplinas aprovadas. Outro questionamento recorrente é a relação do grupo com a Associação de Estudantes, isso também inclinará a balança dependendo do prestígio que esta última tenha entre os estudantes. Em certas ocasiões o vínculo entre ambos garante que se trata de um projeto realizado por estudantes, enquanto em outras o grupo pode ser mais valorizado por sua oposição à Associação.

Durante o período em que realizei o trabalho de campo não tive a oportunidade de observar esta dinâmica desenvolvida nos inícios da festividade, perto dos meses de março ou abril, restando me conformar com o que agora Ernesto me relatava. No entanto notei como a *Huelga de Dolores* era um dos pontos a considerar durante a campanha de proselitismo do coletivo que acompanhei na Escola de Ciência Política. Neste caso particular, ainda que de menos importância, enfatizou-se o esforço da Associação para contribuir na criação da *Huelga Alternativa*, que tinha começado a ser executada, há apenas um ano, por um grupo de Associações como alternativa ao evento organizado pela AEU.

Por outro lado, chamou muito minha atenção o fato de que, entre os estudantes que tinham iniciado nas organizações estudantis por intermédio da *Huelga*, logo depois de sua primeira participação, existia

a percepção similar de que esta não era o que eles esperavam ou então de que “já estava corrompida”; assim sendo, daí em diante, dedicaram-se a procurar outras formas de participação estudantil ou a desenvolver estratégias para melhorá-la.

O interessante desse dado é que ajuda a pensar sobre a experiência de participação na *Huelga de Dolores* como um momento capaz de transformar o que para eles significa participar ou agir politicamente como estudantes. Por um lado acontece um tipo de iniciação –como modificação de status- alimentada pela experiência ritual que age a partir da rejeição -ou um “dar-se conta” que aquilo não era o que esperavam- necessário para transcendê-la. É a partir do momento em que é colocada em questão a natureza da *Huelga de Dolores* que se dá a descontinuidade do estatuto entre quem ainda não participou e quem já o fez.

Por outro lado a Huelga de Dolores constitui um espaço privilegiado para a socialização e o encontro de estudantes inclinados por expectativas similares. O caráter emotivo e expressivo da festividade produz assim o duplo movimento de criar o sujeito, que se constrói descobrindo os *procedimentos* rituais, ou seja, aquilo que se tem que dizer e o que se tem que fazer como tal, de recriar-se ela mesma ao promover a realização concreta de ações –*prestações*- que a transformam e atualizam garantindo sua reprodução cultural.

### 1.3 A POLÍTICA DO RITUAL

A *Huelga de Dolores* é hoje um evento complexo que envolve um amplo leque de atividades, grupos e participantes sob os mais diversos interesses e as mais variadas formas de organização que, aos olhos de um observador externo e mesmo para um participante eventual, dão a impressão de ser um todo unificado e seguindo um único programa. Mas essa é apenas uma ilusão ótica que pode se desmanchar para qualquer um quando são interrogados aspectos que parecem corriqueiros como a ordem de apresentação dos blocos no *desfile bufo* ou até quem deu a voz de alerta para dizer quando e como começar com os preparativos.

A política envolvida na produção da *Huelga de Dolores* permite distinguir o constante desenvolvimento de um *drama social* em que os participantes concorrem pelos recursos, materiais e simbólicos, na tentativa de sustentar ou minar uma ordem e uma visão particular, assim como o controle de suas condições de existência pública.

Para situarmos num ponto de partida dessa política, não necessariamente ou primeiro e seqüencial, focalizo a maneira como é organizado o *Honorable Comité de Huelga de Dolores* descrito a partir do que me foi relatado por Lucy, a colega com quem pude conversar longamente sobre estes detalhes. Tudo começa com as *cartas* por meio das quais as Associações Estudantis designam os seus representantes que irão formar parte do *Honorable Comité de Huelga*, a agrupação responsável pela organização geral da festividade. O *Hono* –como é conhecido corriqueiramente- é conformado anualmente por 36 integrantes –dois de cada Centro Acadêmico- entre os quais são distribuídas as tarefas de coordenação e controle dos recursos das atividades: arrecadação e distribuição de fundos, gestão de espaços, festas, produção de material e comunicação, entre outros.

Além disso os “*zopes*” (“*urubus*”), como são nomeados os representantes por causa do uso de capuz e sotaina pretos, agem como intermediários entre as Associações e o *Hono* garantindo benefícios para uns ou outros segundo as circunstâncias particulares de cada caso. É por causa desse papel que a eleição dos representantes se torna um assunto de suma importância tanto para as Associações quanto para o *Honorable Comité*.

Por seu lado as Associações esperam que a participação de seus representantes garanta a chegada dos benefícios que lhes correspondem, tais como fundos para a preparação das atividades, crachás, camisetas e vagas privilegiadas nas atividades, mas também o policiamento das decisões do *Honorable* no intuito de que este não aja afetando sua reputação.

Contudo, há Associações radicalmente contrárias ao *Honorable* e à AEU que preferem não vincular-se a estes, e ainda outras que embora não simpatizem com eles mantêm sua presença no espaço instituído a fim de não perderem o direito do espaço ou bem para equilibrar o balanço nas decisões, porém, não o fazem de maneira direta.

Segundo Lucy há Associações cujos os estudantes preferem pensar em questões mais acadêmicas, que não se importam com o *Honorable* nem têm entre seus integrantes interessados em coordenar as atividades de *Huelga*. Nesses casos os “direitos” de organização destas na unidade acadêmica são concedidos a um *Sub autónomo*, que na eleição seguinte se encarrega de representá-la, numa espécie de terceirização do trabalho. Mas os *Subs autónomos* não são todos iguais, o único elemento em comum entre eles é que não respondem aos alinhamentos nem da AEU, nem do *Honorable* nem das Associações. O seu vínculo com qualquer um destes depende das relações de amizade e

conveniência que estabeleçam, podendo ser políticas, ideológicas e até comerciais, mas também de enfrentamento quando num mesmo curso co-habitam o *Subcomitê da Associação* e o *Subcomitê autônomo*.

Assim, conforme seja a sua relação e a coincidência de objetivos, eles podem ser um contrapeso favorável ou um risco iminente para todo mundo, pois além de agir seguindo os seus próprios interesses também possuem experiência e força para enfrentar qualquer adversário que se lhes contraponha.

Do seu lado a AEU e o *Honorable* também estão alertas na designação dos representantes. A presença de aliados ou adversários entre eles pode inclinar o peso das decisões e ampliar ou reduzir as margens de ação do *Honorable*. Dessa forma, além de exigir a apresentação das *cartas*, os integrantes da “*rosca*” -o pequeno grupo coordenador da *Huelga* designado pela AEU- submetem os representantes a entrevistas procurando identificar essas alianças ou ameaças. O procedimento é como segue:

Dispõe -se na *nave* (a sede da AEU) uma sala em semi-escurecimento; quando o aspirante entra pode enxergar no fundo uma mesa cumprida cheia de garrafas de cachaça e cerveja; atrás dela se encontram os quatro *zopes* da *rosca* que agem como interrogadores; no centro da sala há apenas uma cadeira onde o aspirante é convidado a sentar. A entrevista começa pedindo-lhe que diga o seu apelido e o curso que representa; às vezes os *zopes* não acham engraçado o apelido e se encarregam eles mesmos de dar um novo apelido ao aspirante. A seguir oferecem-lhe uma garrafa de cachaça que deve beber num só gole. O objetivo é embriagar o máximo possível o aspirante e testar sua resistência. A entrevista segue entre novos copos de cachaça e perguntas que exploram desde inclinações ideológicas, tendências sexuais, opiniões sobre a política nacional, até a idade da mãe do entrevistado que, entre bêbado e temeroso consegue escutar as gargalhadas que surgem por debaixo dos capuzes pretos de seus interrogadores, sem poder enxergar o que está sendo levado a sério e a brincadeira. Mas de toda aquela “brincadeira” diz Lucy, a única coisa que realmente lhes interessa é a opinião sobre eles e o secretariado da AEU. Finalmente os *zopes*, simulam deliberar entre eles e depois de alguns segundos pedem ao candidato para sair e esperar o veredicto final.

A *Huelga* inicia assim sua “*montagem grotesca para uma espécie de sessão intelectual*” informada pelos cronistas da festividade, mas desta vez não apenas como enunciação senão pela própria experimentação daqueles que depois serão os seus agentes. Episódios parecidos são comuns nos *batismos* dos novos integrantes dos *Sub*

*Comitês* em cada faculdade, onde os aspirantes são submetidos a diversos tipos de provas desde ingerir bebidas feitas de qualquer material, até realizar tarefas físicas ou aquelas que Claude Rivière (1996, p. 146) chama de provas com caráter pseudo-intelectual das quais o interrogatório acima descrito pode ser um bom exemplo.

Gostaria de extrair algumas considerações sobre o caráter iniciatório que esse tipo de episódios compõe. Trata-se, em primeiro lugar, de uma condição geral de todos os ritos de iniciação (VAN GENNEP, 1978) baseada na modificação da situação social do indivíduo submetido ao rito, neste caso da condição de estudantes à condição de *huelgueros*. No episódio reconstruído a partir do que foi contado por Lucy é possível enxergar alguns dos aspectos materiais dessa passagem: o lugar de indefinição, nomeado por Van Gennep como *liminar*, representado no quarto em semi-escuridão, a mudança de apelido do aspirante que marca claramente a mudança de sua identidade, as provas expressas no tipo de perguntas que tanto interrogam sobre assuntos banais quanto sobre outros que podem chegar a cutucar a vida íntima do aspirante - como questionar sobre o nome e as características físicas da mãe -, e finalmente o estado de embriaguez que não lhe permite nesse momento distinguir o que é sério daquilo que não é.

Ora, a efetividade desses ritos de iniciação na sua versão moderna e ocidental, como analisa Rivière (1996, p. 145-151) não é “a revivescência da gênese do universo, nem representação de um mito ou da dialética cosmo/sociedade” mas tem a ver com o barroco, o engraçado e o absurdo que procura antes de tudo ridicularizar e tornar mais fraco o aspirante a fim de que reconheça a força e superioridade dos mais velhos; trata-se, como diz o autor, de uma barreira institucional que deve ser transposta para uma reprodução social das relações de força.

É na entrevista assim assumida como um ritual de iniciação que os integrantes da *rosca* não apenas identificam aliados ou detratores, mas também *dramatizam* as relações de poder sancionando uma ordem que graças ao caráter instituidor do ritual a faz parecer como natural, marcando a diferença entre aqueles aos quais concerne e aqueles aos quais não, de tal forma que legitima uns e deslegitima outros (BOURDIEU, 1982). Depois de finalizadas todas as entrevistas que alguns representantes são rejeitados ou designados a tarefas de pouca importância na organização da festividade.

Uma vez aceito o novo *zope* se torna um agente intermediário da política estudantil. O objetivo principal de um representante, como já mencionado, é garantir benefícios para o seu *Sub Comitê*, tais como

orçamento para a execução das atividades, maior número de crachás e camisetas, lugares privilegiados nas atividades e no desfile bufo, mas sempre de acordo com seu *papel social*, ou seja, como representante de uma determinada força política, ele também pode mobilizar apoios e alianças de sua Associação para a AEU ou estabelecer contatos com outras Associações adversárias para conformar blocos de oposição. Tudo dependerá da força política e física que lhe der respaldo mas também da *comensalidade* a que se veja submetido o indivíduo. Karina Kuschmir (2007) na sua abordagem sobre rituais de *comensalidade* em campanhas políticas identifica a maneira como freqüentemente esses espaços para beber e comer se tornam *espaços de sociabilidade* privilegiados para se fazer política.

Na *Huelga de Dolores* integrar o *Honorable* fornece um status privilegiado a quem dela participa, lhe dá acesso a benefícios, como bebidas gratuitas, festas e outros bens materiais que outros *huelgueros* não têm. Aqui o ditado popular “*diga-me com quem tu andas e te direi quem tu és*” toma sentido, pois é dessa forma que os fornecedores dos benefícios ganham simpatias e apoios para os seus projetos e as mostram publicamente.

Mas existe ainda neles o risco de que agir em função do benefício pessoal signifique para um representante a rejeição de seu grupo original, o que também pode significar alcançar um novo lugar em outro. O importante, como disse Lucy, é que o representante consiga equilibrar o benefício para todos. Para uns esse benefício é não serem incomodados, enquanto outros se contentam com ganhos materiais; há, entretanto, quem por meio de seus aliados na *Huelga* consegue obter o controle das Associações o que conseqüentemente se traduz em maior apoio para manter o controle da AEU.

No final de nosso encontro conversamos mais um pouco com Lucy sobre as implicações da *Huelga* na política estudantil. Há quem diga que não se importa mais com a *Huelga* por se tratar de um desfile “caduco” e “sem sentido” sendo mais urgente focalizar os esforços numa “recuperação” da AEU, observou a estudante; mas para conseguir isso é preciso não somente força política como também confrontadora. Alguns dos Sub Comitês estariam habilitados para essa tarefa mas ali também a *comensalidade* e os intercâmbios agem igualmente, pois alguns deles são “tributados” pela AEU em tempo de *Huelga*, a fim de evitar confrontos posteriores.

Essas negociações envolvem estudantes, e ainda outros atores que procuram através dela atingir os seus interesses. Desde há pouco mais de uma década, por exemplo, um dos maiores consórcios da rádio

nacional patrocina a montagem artística da *Declaratória de Huelga*, políticos e partidos políticos fornecem anonimamente recursos financeiros aos organizadores e em anos anteriores duas empresas de destilados lhes forneciam grandes quantidades de bebidas alcoólicas. Os negócios próximos à Universidade também fazem sua parte, e há entre eles uma empresa de postos de cachorros quentes (“a dieta básica dos estudantes”) de muito sucesso no campus universitário. Cada ano, seus donos aportam uma cota econômica ou em espécie denominada “*abastos*” (cachorros quentes que são distribuídos entre os *huelgueros* que acompanham uma atividade), e em troca eles recebem o apoio do secretariado da AEU na Administração da Universidade para a renovação da concessão dos espaços de venda dentro do campus universitário.

A rede a seguir pode ser extensa, mas não é o meu objetivo neste trabalho segui-la para descobrir implicados, e sim para focalizar as disputas políticas e os ganhos que estão em jogo na organização da *Huelga de Dolores*, evidenciando que ela precisa ser considerada não apenas como simples reprodutora de outras relações, mas como produtora ela mesma da política dos estudantes que, além disso, ultrapassa o âmbito estudantil e universitário chegando a atingir o âmbito nacional.

Vejamus por exemplo o caso da cerimônia de “patrimonialização” da *Huelga de Dolores*, acontecida no dia 25 de março de 2010. Ao contrário de outras ocasiões em que a festividade ganhava a atenção da mídia nacional por causa dos distúrbios protagonizados pelos estudantes e dos estragos causados ao espaço público ou aos prédios históricos do centro da cidade, como era comum em anos anteriores, desta vez os jornais informavam sobre a declaração da festividade estudantil, nomeando-a como “Patrimônio Cultural Intangível da Nação” por parte do Governo da República.

O ato protocolar foi celebrado nos pátios interiores do Palácio Nacional, anteriormente sede do Governo central e hoje convertido em espaço cultural. As imagens disponibilizadas no site oficial do Ministério de Cultura<sup>22</sup> mostravam a mesa principal conformada por três *Reyes Feos*, que eram o Secretário Geral da Associação de Estudantes Universitários –AEU-, o Vice-Presidente da República e a Ministra de Cultura e Esportes.

Na platéia outro grupo de indivíduos fantasiados ocupava as primeiras cadeiras. O restante das cadeiras era ocupado por três blocos

---

<sup>22</sup> Em <http://www.micude.gov.gt>

constituídos de não mais de 20 indivíduos vestidos com capuzes coloridos distintivos de seus centros acadêmicos. Do lado esquerdo do pátio se encontrava o *Honorable Comitê* que se distinguia do resto do público pelos capuzes e pelas sotainas pretas. Completavam a platéia outros estudantes não fantasiados, funcionários do governo e a segurança do Palácio abrangendo cerca de 200 participantes.

Após a abertura oficial a Ministra de Cultura dirigiu-se ao pódio para ler o Acordo Ministerial<sup>23</sup> que declarava a *Huelga de Dolores* como Patrimônio Cultural da Nação, nos seguintes termos:

*La Huelga se constituye una tradición estudiantil que recoge símbolos y significados del sentir de la sociedad guatemalteca, y por ser un legado histórico que se ha mantenido por más de cien años, producto de diversos procesos sociales, económicos, políticos y culturales.*

Posteriormente os membros da mesa principal foram pronunciando os seus discursos em que além de mostrar sua satisfação pelo reconhecimento faziam alusão a momentos marcantes na história da festividade, entre os quais sobressaíam a época de sua criação, as Revoluções de 1920 e 1944, o período do Conflito Armado na Guatemala e a transição ao período da Paz.

O encerramento do ato foi marcado por dois episódios que geraram entre os participantes expressões de euforia. O primeiro deu-se quando um *encapuchado* se aproximou do Vice-Presidente para lhe entregar um capuz branco, distintivo do curso de Medicina no qual este último tinha se formado. O funcionário colocou o capuz na cabeça e ato seguido exclamou “*que viva la Huelga, que viva la Universidad de San Carlos, que vivan los estudiantes*”, frase que foi aplaudida e repetida pelos presentes.

Após isso os estudantes foram convidados a participar da cerimônia diária de colocar uma rosa no monumento *Las Manos de la Paz*, ato que comemora a finalização do Conflito Armado no país, o que permite perceber a importância e o reconhecimento político dos estudantes no cenário político e institucional do país. Porém, ao invés de colocar uma rosa como é costume nos atos oficiais, eles colocaram um

---

<sup>23</sup> Acordo Ministerial 275-2010 publicado no Diário Oficial de Centro América o dia 22 de março de 2010.

cravo vermelho, lembrando que este é o símbolo do sangue derramado pelos estudantes e mártires universitários na luta contras as ditaduras.

O ato completo esteve acompanhado do ecoar de palavras de ordem, da evocação dos nomes de líderes estudantis de outras épocas e o canto da *La Chalana*, o hino dos estudantes. Finalmente os representantes do governo anunciaram o convite para participar do *buffet* e apreciar o vinho dispostos num dos corredores do Palácio.

De que se tratava aquela cena misturada de formalidades oficiais de governo, indivíduos fantasiados, músicas e palavras de ordem? E o que faziam os estudantes universitários, reconhecidos por seu caráter antigovernamental, festejando dentro de um lugar que para eles mesmos tinha significado repressão estatal<sup>24</sup>?

Cabe lembrar que, além das autoridades do Governo, o ato tinha como protagonistas os diretivos da AEU e os membros do *Honorable Comité de Huelga* que, apesar de serem os representantes oficiais dos estudantes e da festividade respectivamente, no momento não gozavam da simpatia de outros setores e agremiações estudantis que se recusaram a participar no ato e mesmo se declaravam contrários a ele, tal como foi manifestado no protesto que acontecia, paralelamente ao ato, nas portas do Palácio. Assim se para a AEU e o *Honorable* aquele ato era interpretado como uma estratégia com o objetivo de “resgatar a tradição” para outros essa estratégia mostrava uma perda da capacidade crítica da *Huelga* e dos seus dirigentes ao se aliar com o que historicamente tinha sido o objeto de suas críticas.

Da mesma forma ao ser reconhecida como sendo parte do “*sentir de la sociedad guatemalteca*” como foi lido no Acordo Ministerial, a *Huelga de Dolores* passou por um processo de *objetificação cultural* (HANDLER, 1988). Nesse processo, ela foi demarcada como um objeto<sup>25</sup> e incorporada à “cultura” nacional, tendência que surgiu como necessidade política de fornecer às nações as fontes da identidade nacional. Entretanto havia também um aproveitamento político do ato

---

<sup>24</sup> Segundo o recente informe *Del Silencio a la Memória. Revelaciones del Archivo Histórico de la Policía Nacional*, do Arquivo Histórico da Polícia Nacional de Guatemala (Vol. I, 2011, pag. 165) em agosto de 1969 o plano de segurança nacional do estado *Plan Acción para Guatemala* se propõe a fundar um Centro Tático de Operações que logo foi localizado no Palácio Nacional, sob a supervisão da Seção de Operações do Exército de Guatemala (G-3) e com apoio da Inteligência Militar (G-2), cuja função seria registrar informação, e responder imediatamente, sobre atividades insurgentes no país.

<sup>25</sup> Segundo Richard Handler a *objetificação* é uma “tendência da lógica da cultura ocidental em imaginar os fenômenos imateriais (como o tempo) como se eles fossem corporificados ou existissem como objetos físicos” (Current Anthropology, vol. 25, n. 1, fevereiro 1984)

por parte dos seus protagonistas, principalmente para munir-se de legitimidade.

O Governo por sua parte desde o início de seu mandato tentava se mostrar perante a opinião pública e os seus adversários políticos com uma ideologia social-democrata. A celebração de atos públicos com reconhecimento de figuras e períodos revolucionários era uma das estratégias utilizadas para sustentar sua ideologia e obter a simpatia dos setores radicais de esquerda e do movimento social que, apesar disso, não terminavam de aceitar essa auto-identificação, sobretudo quando comparada com outras políticas econômicas e sociais que desde a perspectiva destes últimos continuavam a favorecer os grupos privilegiados do país. Por outro lado, o ato de *patrimonilização* da festividade poderia servir tanto para dar um novo sopro de vida no prestígio da AEU, que há 10 anos era controlada pelo mesmo grupo e cuja legitimidade como representante estudantil era objeto de questionamento devido a constantes acusações de corrupção por parte da *Huelga de Dolores* e também devido à pouca atitude crítica assumida pela entidade diante de acontecimentos políticos de caráter nacional.

Gostaria de salientar que, neste capítulo, procurei mostrar a relevância e o caráter articulador da *Huelga de todos los Dolores* na vida política do país. Mais do que um fim em si mesma ela também se mostra como uma porta de entrada privilegiada para a compreensão da participação política dos estudantes graças às formas expressiva e dramatizada como essa participação se revela, durante todo o programa da festividade. Considero que a porta está aberta e nos toca seguir os estudantes no trajeto dessa participação política, o que será feito nos próximos capítulos.



## CAPÍTULO 2. OS ESTUDANTES E O “MUNDO DA POLÍTICA”

As circunstâncias em que aconteceram os encontros etnográficos já foram descritas na Introdução desta dissertação. Entretanto, vale lembrar que iniciei esses encontros desenvolvendo entrevistas por intermédio das quais fui me aproximando do cotidiano dos estudantes. Foi durante esses encontros e essas conversas que tive com eles que percebi constantes alusões à atividade política como algo para o qual se “entra”, que tem “um tempo” ou mesmo, que constitui “um mundo”.

Neste capítulo, procuro descrever alguns dos traços básicos que configuram esse “mundo da política” estudantil a partir da experiência, tanto informada quanto partilhada com os sujeitos do trabalho de campo desta pesquisa. No tocante à pertença e aos trânsitos dos estudantes universitários nesse “mundo da política” são centrais, como categorias de análise, as noções de *projeto* e *campo de possibilidade*, tal como entendidos por Gilberto Velho (1999). Segundo este autor, o *projeto*, no nível individual, lida com o desempenho e as opções ancoradas em avaliações e definições da realidade, enquanto o *campo de possibilidades* pode ser pensado como o que é dado com as alternativas construídas do processo sócio-histórico e com o potencial interpretativo de mundo simbólico da cultura (VELHO, 1999, p. 28).

Entretanto, os dados obtidos dos encontros etnográficos também permitem refletir em torno da noção de *metamorfose* sustentada por este mesmo autor e ajudam a pensar que, mesmo sendo o “mundo da política” identificado como um domínio social específico, marcado por certas regras de entrada, formas de comportamento, discursos e até formas estéticas de apresentação, os estudantes transitam dele para outros “mundos” de sua experiência social.

Começo, então, discutindo como esse “mundo da política” é interpretado e demarcado pelos sujeitos, focalizando as trajetórias de alguns desses estudantes e o *campo de possibilidades* para o seu engajamento político dentro da Universidade.

### 2.1. O “MUNDO DA POLÍTICA” ESTUDANTIL

As oportunidades que tive para conversar sobre a maneira como é compreendido isso que os meus interlocutores chamavam de “mundo da política” se deram basicamente no contexto das entrevistas com as quais iniciei minha relação com eles. De acordo com Charles Briggs (1986), é importante descrever não apenas as respostas, mas também os contextos em que se produziram para compreender as falas dos entrevistados

como uma totalidade e como construções criadas em conjunto num momento e lugar determinado.

As entrevistas, no caso específico desta pesquisa, foram realizadas, geralmente, nos pátios e nas lanchonetes dos prédios durante os períodos de recesso de aulas ou no final delas, havendo, portanto, muito pouco tempo para se conversar amplamente. Foi graças ao apoio de Emilio, estudante do curso de História e membro da agrupação política *Comunidad Estudiantil N'oj*, que será objeto de atenção no capítulo III, que consegui me reunir com vários dos integrantes dessa agrupação por um período maior de duas horas. Com exceção de Emilio, era a primeira vez que me encontrava com os outros estudantes e, em conseqüência, a entrevista começou com a apresentação dos participantes que, contando comigo, eram quatro, no total.

Nesse sentido, minha apresentação incluiu a explicação dos objetivos da pesquisa à qual me referi como “um estudo sobre o movimento estudantil” e, a seguir, pedi para eles me contarem como tinham se envolvido, como havia ocorrido sua participação neste movimento. A primeira reação dos três estudantes foi dizer que “em primeiro lugar, não há mais movimento estudantil”. Por se tratar de um assunto de importantes implicações para as formas como é compreendido e configurado o “mundo político” dos estudantes, esta afirmação será retomada especialmente no item 2.2, quando é descrita, com maiores detalhes, a greve acontecida entre os meses de agosto e outubro de 2010 na USAC.

O que há, disseram os estudantes, são tentativas de articulação e o desejo de se organizar. Questionei então de onde surgia esse desejo de organização e eles responderam individualmente, apontando diversas razões que os levaram a procurar e mesmo criar o coletivo *Comunidad Estudiantil N'oj*. Em seus argumentos, ganhava ênfase a idéia de que havia, da parte deles, uma “conscientização” das problemáticas do país e da Universidade, ao contrário do resto da população estudantil, que era “dominada” pela indiferença, pela falta de interesse pelos problemas dos outros, pela “cultura de mercado” e pelo “individualismo”. Estas características já tinham sido assinaladas por George Simmel (2005) como formas típicas de socialização nas sociedades complexas marcadas por uma grande heterogeneidade, denominadas por ele como “atitude *blasé*”.

Para estes estudantes, entretanto, tais atitudes eram consideradas como uma forma de dissociação que, em seus termos, eram referidas como “desarticulação” ou mesmo “alienação”. Nessas circunstâncias, o “entrar” no “mundo da política” era positivamente valorizado como uma

forma de se interessar e prestar atenção aos problemas dos outros além dos interesses individuais. Participar de uma assembléia, permanecer fisicamente nas sedes das Associações Estudantis ou discutir sobre assuntos de política eram já indícios de estar dentro e pertencer a esse “mundo”. Para alguns estudantes, a presença nesse “mundo” era marcada pela adesão a agrupações estudantis, ao passo que outros enfatizavam o tempo cronológico que dedicavam à política, além das responsabilidades que sua condição de estudantes regulares lhes demandava, o que implicava chegar antes do horário de início de aulas ou ficar depois delas para participar de reuniões, tanto quanto ir à Universidade no fim-de-semana. Contudo, as opiniões coincidiam, de forma mais ou menos variável, quando mencionavam que, para participar desse “mundo da política”, era necessário estar “conscientizado”.

Já as interpretações sobre o que significa estar “conscientizado” variavam segundo a experiência e o rumo da trajetória de cada indivíduo. Antes de descrever algumas dessas trajetórias, gostaria de focalizar o papel da Universidade de São Carlos no processo de definição comum do mundo político dos estudantes universitários guatemaltecos.

### **2.1.1 A Universidade de São Carlos de Guatemala: “*historia de luta*” e *campo de posibilidades***

Segundo Gilberto Velho (1999), a coexistência de diferentes mundos constitui a dinâmica das sociedades complexas. Nelas, os indivíduos se deslocam entre esses mundos ou planos da vida social partilhando, por algum tempo, certas *provincias de significado* que, conforme a noção de Alfred Schutz assumida por Velho, configuram um quadro de “consistência cultural” provisória, marcada pelo compartilhamento de símbolos, linguagem comum, expectativas e desempenhos de papéis congruentes.

É nesse sentido que procuro focalizar a Universidade de São Carlos como um domínio social específico que cria um *campo de posibilidades* em que se entrecruzam e transformam as trajetórias e os projetos dos estudantes universitários guatemaltecos. Em seu estudo sobre a transformação do jovem em estudante, no contexto brasileiro, Samir Pérez Mortada (2009) identifica o ingresso na instituição universitária como uma experiência capaz de ressignificar a pertença e a participação social dos jovens. Segundo este autor, “funda-se, no sujeito, uma possibilidade de emancipação que cresce na medida em que

ele assume a práxis estudantil, envolvendo-se nas atividades de luta e contestação com seus pares.” (MORTADA, 2009, p. 374).

Situação similar é experimentada pelos estudantes guatemaltecos que encontram na USAC amplas alternativas e possibilidades para o seguimento e a transformação de suas trajetórias. Segundo Gonzalo, um dos participantes da entrevista relatada no início, uma grande quantidade de estímulos os motiva a procurar as agremiações estudantis. Particularmente, ele identifica a geografia universitária como um desses motivos, pois, nas suas palavras, há nela “uma história de luta, os murais, as praças, as pichações nos prédios te dizem que há uma galera se mexendo por aí, e acorda a curiosidade”.

Também no capítulo I vimos como a *Huelga de Dolores* contribui tanto para gerar condições para a vivência, a socialização e o encontro de experiências similares quanto para fornecer aos estudantes universitários e à Universidade de São Carlos o reconhecimento como agentes ativos da vida política nacional. Ao contrário do que acontece nas outras instituições de ensino superior do país que, aliás, são de caráter privado, esse reconhecimento social é associado a uma proximidade com os interesses da população e à produção de conhecimentos e profissionais comprometidos com sua defesa. De tal sorte que, ingressar nesta Universidade e ser estudante *sancarlista*<sup>26</sup> é ser associado a “*bochincher*”<sup>27</sup> e politizado, embora seja esta uma condição não necessariamente praticada por todos os estudantes universitários.

É importante manter em mente que não estou propondo a USAC apenas como cenário ou como um *campo* fixo e permanente a partir do qual deduzir, de maneira mecânica, o engajamento político dos estudantes, mas tentando analisar a sua participação na definição dos projetos dos estudantes a partir das alternativas que eles têm disponíveis nela para traçar o rumo de seus *projetos*. Mais do que um ente fixo e já dado, a Universidade é uma experiência num espaço, não apenas demarcado no campus universitário, mas também em outras localidades, e num período de tempo em que se entrecruzam as trajetórias desses estudantes. Passemos, então, a identificar algumas dessas trajetórias.

---

<sup>26</sup> Gentílico de quem estuda na Universidade de São Carlos da Guatemala.

<sup>27</sup> Bagunceiro, mas em relação a atos de protesto.

## 2.1.2 Trajetórias e construção de projetos

As histórias a seguir são breves e sucintas por vários motivos. Em primeiro lugar, por se tratar de um recorte temático relacionado com o chamado “mundo da política”; em segundo lugar, porque esse recorte também é atrelado à impossibilidade de ter acesso a maiores dados que me informassem sobre a vida dos estudantes mencionados; em terceiro lugar, porque essa carência responde também à falta de clareza de minha parte durante o trabalho de campo em compreender os indivíduos além de sua condição de estudantes politizados. Por tal motivo, não desenvolvi nele uma metodologia que me permitisse aceder às suas histórias de vida ou narrativas mais amplas.

Trata-se, então, de re-elaborações baseadas em trechos de conversas quotidianas, do ouvido e do observado. Mais do que uma categorização ou um enquadramento das experiências, a separação destas histórias obedece a um ordenamento expositivo que permita ressaltar aspectos enfatizados pelos seus donos. Elas nos permitiram levantar questões em torno dos *projetos* dos estudantes, da comensurabilidade do “mundo da política” e das *metamorfozes* com que entram e saem dele.

### *Emilio e a tradição familiar de luta revolucionária*

Conheci Emilio há pouco mais de quatro anos, quando participávamos de atos políticos, cada um de nós dentro de sua respectiva organização política. Eu fazia parte da ala juvenil de um partido político enquanto ele militava numa organização de filhos de desaparecidos durante o Conflito Armado (1960-1996). Porém, os pais dele não eram desaparecidos, mas tinham pertencido a uma das frentes guerrilheiras que durante a época operavam no país. Devido a essas circunstâncias, a maior parte de sua vida – infância e adolescência - foi vivida no exílio, em diversos países de América Latina, como México, Brasil, Cuba e, finalmente, El Salvador, onde, seguindo o rumo dos pais, se integrou a uma “estrutura” juvenil do *Frente “Farabundo Martí” para la Liberación Nacional* (FMLN) já em finais da década de noventa convertido em partido político. Voltou à Guatemala, junto com sua família, pouco tempo depois de assinados os “Acordos de Paz” entre a guerrilha e o Estado de Guatemala, em 1996.

Na Guatemala, não conhecia muitas pessoas e permanecia a maior parte do tempo em casa até que conseguiu ingressar na Escola de História na Universidade de São Carlos onde, devido à “influência da

tradição de luta revolucionária” de sua família, começou a procurar outros estudantes para se organizarem. Meu encontro com ele nas escadas do prédio da Escola de História foi fortuito. No momento, eu não sabia que ele fazia parte de uma organização estudantil e muito menos podia imaginar que era o principal promotor dela, pois quando o conheci me parecia um tanto tímido, silencioso e, por vezes, distraído. A opinião dos colegas ao seu respeito não era diferente, mas era assumida com graça; contudo, ele era reconhecido entre seus pares do coletivo como o principal promotor da criação deste.

Vale destacar a maneira como a trajetória individual de Emilio responde conscientemente a um *projeto* de engajamento político que é reconhecido por ele como a sua “tradição familiar”. Como ele mesmo comenta, a sua vida esteve sempre rodeada de elementos “revolucionários”, como “as músicas ouvidas, o que os pais falavam, a recepção de outros companheiros exilados em casa”, que lhe forneceram um quadro sociocultural para a formulação de seu *projeto* pessoal. Como resultado, o seu objetivo, ao ingressar na Universidade, foi criar um coletivo estudantil.

#### *Diego e o “começar de novo”*

Outro estudante com quem tive a oportunidade de conversar em várias ocasiões foi Diego. Ele era estudante do último ano do curso de Antropologia e representante de um coletivo estudantil da escola de História, denominado *Frente Estudiantil “Otto René Castillo”* (FORC). Na ocasião em que discutimos sobre sua experiência de engajamento político, chamou minha atenção a ênfase colocada sobre a idéia de um “começar de novo” como consequência da ausência de projetos políticos definidos que ele percebeu à sua chegada, quando foi procurar as agremiações estudantis junto com outro colega. Vale citar os termos precisos em que foi colocada essa idéia, tal como expressos por Diego:

*cuando yo llego a la U (Universidad), allí me doy cuenta que la cosa no es asi como la habia pensado, que todo esta hecho mierda y dividido. Y claro siempre hay mara que esta todavia en el rollo de los 70, y allí uno va viendo al FEU con la línea del FERG y REDES 89 con la línea de FRENTE<sup>28</sup> (informação verbal).*

---

<sup>28</sup> Faço maiores desdobramentos destas organizações na parte final do capítulo III.

Na sua fala, Diego faz referência a duas agremiações político-estudantis que tiveram forte presença tanto na Universidade quanto fora dela, durante a época do Conflito Armado. Segundo registros históricos, as duas agrupações deixaram de existir em meados da década de 80. Entretanto, Diego recorria a um argumento que eu tinha escutado também de outros estudantes, que era a percepção de terem “chegado sozinhos” e levantado por sua própria conta as agrupações de que agora participavam ou de fazerem reviver aquelas que estavam em decadência, como o próprio Diego assinala em relação ao coletivo *Frente Estudiantil Universitario* (FEU) catalogado como um grupo de velhos militantes radicais e ortodoxos que, segundo suas palavras, “era o que havia e com isso tivemos que trabalhar”, e transformado posteriormente no que agora era o FORC.

Outra questão interessante levantada por Diego foi a idéia de que “nem tudo o que é chamado de política é feito por nós”. Para me explicar esta questão, colocou como exemplo a campanha eleitoral para a *Decanatura*<sup>29</sup> da Faculdade de Economia, que nessa época estava em andamento, e na qual intervêm os setores docente, profissional e estudantil, por meio do sistema de corpos eleitorais<sup>30</sup>. Ele seguia de perto os acontecimentos, pois, além de estudar História, também estuda Economia. Esfregando o queixo, Diego disse-me que achava interessante que colegas da sua turma que nunca se interessaram em atividades políticas agora eram encontrados nas portas dos prédios da faculdade distribuindo e colando propaganda, puxando votos e acompanhando as comitivas dos candidatos.

Questionei se ele considerava que isso também era política e sua resposta foi: “exato, na universidade todo mundo faz política de algum jeito”. Ora, a diferença para ele, se encontrava nos fins perseguidos por uns e por outros. Em sua opinião, os estudantes que se envolvem em tempos de eleições para *Decanaturas* e Reitoria têm interesses mais imediatos, como a aprovação de cursos ou a designação de estágios docentes pagos, e para isso também podem chegar a precisar de certo grau de organização.

“A gente deveria ser assim”, disse ele, em tom de brincadeira, assinalando o caráter “pragmático e utilitário” dessa forma de fazer

---

<sup>29</sup> O equivalente a Diretor do Centro Acadêmico. Para maiores detalhes, ver Organograma da Universidade de São Carlos no Anexo B.

<sup>30</sup> Segundo o Artigo 16 da Lei Orgânica da Universidade de São Carlos da Guatemala: “*El Cuerpo Electoral Universitario se integra: por el Rector o quien haga sus veces, cinco profesores y cinco estudiantes por cada Facultad y cinco profesionales no catedráticos por cada Colegio*”, todos eles eleitos por maioria absoluta em votação de seus respectivos setores.

política, mas segundo seu critério, os que se envolviam em organizações estudantis de permanência mais o menos constante, como as Associações e os Coletivos, andavam “empenhados em mudar o mundo”. Este relato de Diego é apenas um dos vários argumentos que os estudantes utilizam para estabelecer diferenças no que se refere ao que é considerado fazer política e que nos ajuda a pensar nas múltiplas visões de mundo e nas elaborações de projetos coletivos.

Passo de imediato a descrever a trajetória de Manuel que, ao enfatizar o momento em que percebeu que “já estava dentro do mundo da política”, oferece-nos elementos que complementam o que foi dito sobre Diego, para se pensar essas elaborações de projetos coletivos.

*Manuel: “quando percebi já estava dentro”*

Manuel é um estudante de 27 anos, integrante da *Comunidad Estudiantil N’oj* da Escola de História, muito valorizado entre os seus pares por seu caráter afável e sua grande inteligência. Alguns de seus colegas referem-se a ele como “*el padrecito*”, devido a sua aparência, sempre de cabelo curto, bem penteado, óculos grandes e bigode, vestido com roupas formais, não muito comuns entre os estudantes desta Escola. Ele ingressou na Universidade para estudar no curso do Direito, que está quase finalizando. Quando entrou nesta Escola, conheceu dois colegas de sua sala com os quais partilhava o interesse em criar um jornal estudantil; ele mesmo disse que era um assunto que já o interessava antes de ingressar na Universidade. Seu primeiro passo foi se aproximar da Associação de Estudantes de Direito (AED) para apresentar a proposta, que foi aceita, e assim começou a funcionar o jornal estudantil já desde o primeiro semestre, sendo os três os principais e únicos responsáveis por sua edição.

À medida que o trabalho foi se desenvolvendo e as edições ganharam continuidade e sucesso entre os estudantes, a AED interessou-se mais sobre o trabalho realizado e designou um de seus membros para se integrar ao Conselho Editorial composto, até esse momento, por Manuel e seus amigos. Aos poucos, estes últimos começaram a perceber que eram incluídas notas a favor do Decano, de professores e de membros da AED com os quais eles não concordavam totalmente, no conteúdo da publicação, após terem feito a última revisão do texto. O caso foi discutido com a AED sob o argumento de que o objetivo do jornal era atender apenas assuntos acadêmicos e não políticos.

As diferenças de opinião foram incontornáveis e Manuel e seus amigos se afastaram do Conselho Editorial. Mas como ele mesmo

refere, “há sempre um interesse em participar” e assim, junto com os seus amigos, criou uma nova publicação, que começou a competir com aquela que há meses tinham criado e que agora estava nas mãos da Associação. Esta situação fez com que Manuel enxergasse que tinham entrado num outro campo que não se tinham proposto, “aquele das tensões e disputas” sobre as visões que cada um tinha sobre a direção da Faculdade, a qualidade educativa e o melhoramento acadêmico, ou seja, conforme disse Manuel, “quando percebemos estávamos fazendo política”.

Tal como vimos discutindo, estas histórias nos ajudam a refletir sobre a elaboração de projetos coletivos entre estudantes, porém, mesmo que estes persigam fins comuns ou partam de definições comuns da realidade, não necessariamente são vividos de maneira homogênea. Como bem anotado por Gilberto Velho (1999), existem diferenças de interpretação devido a certas particularidades, tais como o status e a trajetória, como no caso de Natalia e de mais um estudante, que serão apresentados a seguir.

### *Natalia e a busca de amizade*

À diferença de Diego, havia outros estudantes cujo propósito inicial não era o de se envolver em política. Para muitos deles, como Natalia, por exemplo, o envolvimento se deu sob outras circunstâncias, não previstas. Natalia é uma jovem de 23 anos, integrante do coletivo *El Colectivo* da Escola de Ciência Política, inquieta e de constante sorriso no rosto; gosta da música de *Lady Gaga* e com ela partilhamos o gosto pela canção *Don't let me down*, que cantamos em algumas ocasiões, enquanto descansávamos na sede da Associação.

A morte do pai havia apenas um ano obrigou-a a voltar do Canadá, onde tinha morado durante dez anos. Naquele país, teve diversos empregos, em vários lugares, sendo os mais fáceis de conseguir, segundo comentou numa ocasião, os empregos em restaurantes de comidas rápidas. Quando voltou à Guatemala, decidiu iniciar uma carreira universitária no curso de Relações Internacionais, do qual já havia completado o primeiro ciclo. Ao ingressar na Universidade, entrou em contato com os membros do *El Colectivo* devido à sua participação no *Sub-Comité de Huelga* dessa Escola, ao qual se integrou, disse ela, “para fazer novos amigos no país”. E graças ao seu caráter extrovertido e comunicativo foi requisitada para participar da chapa concorrente nas eleições para Associação, em novembro de 2010, como candidata à Secretaria de Relações Públicas. Quando o *El*

*Colectivo* ganhou a eleição, Natalia falou para os companheiros, na roda de comentários, que ela não tinha imaginado fazer política nem muito menos ser secretária de uma associação, e que se sentia muito emocionada por aquele “momento histórico” na sua vida.

### *Mais um estudante e uma trajetória diferente*

Era já final de novembro quando a Universidade começou a ficar vazia e os membros da Associação de Estudantes de Ciência Política reuniram-se na sede desta para dar posse à nova Junta Diretiva, recentemente eleita (os detalhes deste processo são abordados no terceiro capítulo).

Encontrava-se entre eles um indivíduo de boa aparência, bem vestido e ataviado com pulseiras nas mãos e uma cadeia de prata no pescoço. Era magro, de mais ou menos 1,60m de estatura e parecia visivelmente incomodado. No lugar, tinha se desenrolado uma discussão entre a nova Junta Diretiva e dois integrantes da chapa concorrente que tinha perdido a eleição e que exigiam a apresentação de certos documentos para permitir que o processo continuasse. O indivíduo, inquieto, consultava constantemente seu relógio e depois de atender uma ligação, muito irritado, pediu para os presentes não atrapalharem o processo, pois ele estava perdendo o seu tempo. “Na verdade, disse ele, se soubesse que esse era o assunto, não teria participado”. Após dizer isso, reforçou seu comentário dizendo que ele apenas estava ali para fazer um favor e que era melhor apressarem as coisas. Era a primeira vez que eu o via na Associação, não sabia seu nome, tampouco fomos apresentados e a situação não era, nesse momento, a melhor de todas. Contudo, parecia que todos os que ali estavam presentes sabiam quem ele era e pelas constantes solicitações de Edith, a Secretária da Associação, para ter paciência e permanecer mais um pouco no lugar, presumi tratar-se de um sujeito importante naquele contexto.

Com efeito, como soube depois, tratava-se do anterior Secretário Geral da Associação, sem cuja assinatura seria impossível fazer a transferência da Junta Diretiva, daí a insistência de Edith. Na verdade, depois de ter ganhado a eleição do ano anterior, ele não voltou a aparecer na Associação, pois, segundo me contou Edith, tinha optado por prestar mais atenção aos seus “assuntos pessoais” – negócios, para ser mais exato – ao invés de se “comprometer” com a atividade política, com a qual se mostrava incomodado, nesse momento, e devido à qual, minutos antes, tinha destrutado seu interlocutor do outro lado do telefone. Após aquele episódio, tal indivíduo não voltou a aparecer.

### 2.1.3 Comensurabilidade do “mundo da política” e potencial de metamorfose

Tendo descrito as histórias destes estudantes, passo, agora, a fazer algumas reflexões suscitadas a partir delas. As idéias centrais que guiam a discussão são as de comensurabilidade e *metamorfose*, com as quais procuro refletir sobre a importância, enfatizada pelos sujeitos, dos modos de “entrar” e participar do “mundo da política”.

Ao abordar a questão da comensurabilidade do “mundo da política” estudantil, estou considerando a relação que este guarda com o resto da experiência de vida social dos estudantes com quem interagi. De acordo com estes relatos, esse mundo da política pode ser pensado como sendo parte da heterogeneidade de vivências que caracterizam a vida nas sociedades complexas (VELHO, 1999). Todavia, sua singularidade como um domínio social específico com seus códigos, símbolos e demais componentes, não o convertem em estanque e impenetrável a outros componentes – códigos, valores, idéias - provenientes de outros planos da experiência. Pelo contrário, como vimos na fala de Emilio e de Natalia, por exemplo, ele se constitui também a partir do que é carregado pelos sujeitos em suas trajetórias. Em ambos os casos, vimos a formulação e a transformação de seus projetos a partir de situações familiares, embora cada uma com sua particularidade.

Tal como anotado por Velho, os indivíduos modernos estão constantemente expostos, são afetados e vivenciam sistemas de valores diferenciados e heterogêneos. Contudo, ao se encontrarem em espaços de vida em comum, como o “mundo da política” destes estudantes, tais valores são colocados em interação e precisam ser negociados na busca de uma definição comum da realidade. A fala de Diego, por exemplo, nos permite ver como, ainda sendo consideradas dentro do “mundo da política”, há diversas formas de compreender e interpretar o que é “fazer política” de acordo com as particulares visões de mundo e os interesses pragmáticos.

Além disso, é importante destacar os elementos que nos permitem pensar os modos de ingressar nesse “mundo”. Por um lado, encontra-se a idéia de que esse ingresso acontece como uma experiência individual, aliás, solitária. Por outro lado, por causa dessa solidão produzida pela percepção de que “tudo está dividido”, como disse Diego, ou de que não existiu um processo formativo, como outros esperavam, esse mundo precisa ser constantemente criado de novo. Tal como analisa Theophilos Rifiotis (2007), experiências sociais deste tipo estão

marcadas pelo aparente paradoxo em que vivemos cotidianamente e, de forma paralela, pela experiência do anonimato e do individualismo coexistindo com outro tipo de experiências, de processos abrangentes e de redes de relações pessoais. Com efeito, embora enfatizada por Diego a idéia de que ele chegou sozinho à sua experiência “individual”, ele esteve acompanhado com a experiência também “individual” do colega com quem procurava uma agremiação para se organizar.

Como acertadamente Gilberto Velho (1999, p. 26) assinala, o trânsito entre esses mundos costuma se dar de maneira “desdramatizada”; mas mesmo assim, este mundo dos estudantes, como pude observar, precisa de certas marcas que permitem compreender quando se está dentro e quando se está fora. Um elemento que marca a passagem para o ingresso, no sentido de entrar para pertencer, é a mencionada “conscientização” que, tal como entendida pelos estudantes, encontra seu ponto de diferenciação entre o interesse individual e o interesse coletivo. Devemos lembrar, por exemplo, como Edith, na última das histórias, avaliou o comportamento do estudante aqui mencionado em relação à sua opção pelos “assuntos pessoais” ao invés de “se comprometer” com a Associação Estudantil.

As entradas e saídas corriqueiras, entretanto, são possíveis graças ao potencial de *metamorfose* dos estudantes. O caso de Natalia mostra mais claramente este processo, e de fato, o meu interesse por ressaltar o gosto partilhado por certo tipo de músicas visava mostrar como os códigos associados ao “mundo da política” são constantemente renegociados e mesmo transformados em função desses trânsitos. Natalia, por seu caráter extrovertido e alegre, tinha a capacidade (e a aceitação) de ultrapassar os códigos comuns desse mundo introduzindo a música de *Lady Gaga* quando o comum e socialmente aceito é, segundo as expectativas que pude observar, a “*nueva trova*”, por exemplo. Cabe imaginar também que elementos desse “mundo da política” são levados, sob novas interpretações, para outros planos de sua existência social.

Por fim, a experiência de Manuel nos mostra a maneira como os projetos individuais dos estudantes vão sendo transformados a partir dos *campos de possibilidades* e das negociações com outros projetos individuais e coletivos. Conforme me foi relatado pelo próprio Manuel, não havia inicialmente uma escolha deliberada por se envolver em política; tal projeto foi sendo elaborado à medida que, como ele mesmo disse, compreendeu que estava entrando no campo “das tensões e das disputas” que são resultantes das distintas visões sobre temas acadêmicos.

Para finalizar, o que foi descrito me leva a pensar que se envolver na política não é necessariamente uma escolha totalmente deliberada dos estudantes, mas viável a partir das alternativas dos campos de possibilidades ao seu alcance; as múltiplas vivências e trajetórias também fazem pensar na dificuldade em atribuir este engajamento obedecendo univocamente a condições de classe ou etnia, como outros estudos tinham analisado para o caso guatemalteco<sup>31</sup>, e que servia de sustento para as explicações do engajamento político de alguns de meus interlocutores. Certamente estas devem ser consideradas como parte das biografias que os sujeitos carregam em suas trajetórias e que podem facilitar ou atrapalhar os seus projetos, mas não como condições totalmente determinantes.

Passo, agora, a discutir o acontecimento de uma greve estudantil na USAC, focalizando a maneira de se pensar eventos desse tipo como momentos importantes e privilegiados para a socialização das trajetórias individuais e a criação de projetos coletivos.

## 2.2. A GREVE DE ESTUDIANTES POR LA AUTONOMIA

A greve aconteceu entre os meses de agosto e setembro de 2010, quando um grupo de estudantes, identificados como *Estudiantes por la Autonomia* (EPA), se pronunciaram contra a decisão do Conselho Superior Universitário (CSU) de modificar o Regulamento de Eleições da Universidade, tirando dos estudantes o direito de participar na eleição dos representantes docentes das Juntas Diretivas Facultativas, principais órgãos de direção de cada unidade acadêmica da Universidade<sup>32</sup>.

---

<sup>31</sup> Particularmente, estou me referindo às análises do sociólogo Carlos Guzmán Böckler (1975), que sustentava que o acesso à Universidade era exclusivo de uma “*pequeña burguesía ladina y urbana*” do país e, em tal sentido, a atividade política estudantil era o resultado de uma “*má consciência*” por meio da qual este pequeno segmento tentaria retribuir os seus privilégios ao “*povo*” que paga por sua educação. Para o autor, isso significava que “*los universitarios guatemaltecos, sea que se declaren de izquierda o de derecha, consideran que la dirección de la sociedad le pertenece –como algo natural– a los grupos urbanos y burgueses de la clase ladina, razón por la cual sus luchas se dan en el interior de dichos grupos y de la clase ladina, en general, pero no involucran a la otra mitad de la población constituida por la clase ‘indígena’.*” (GUZMAN BOCKLER, 1975, p. 175, itálica no texto). Tal opinião é compartilhada por outro sociólogo guatemalteco, Edelberto Torres-Rivas (2002), para quem o exercício da política é “*uma conduta missioneira*” que somente é feita por essa minoria. Segundo este autor: “*los estudiantes universitarios (guatemaltecos), y por extensión, los estudiantes en general, pertenecen a los variados estratos de la zona intermedia de la sociedad. Son clasemedios, urbanos y ladinos atraídos momentáneamente por el desafío emocional de la acción iconoclasta.*” (TORRES-RIVAS, 2002, p. 15).

<sup>32</sup> O anexo D mostra a forma em são que eleitos os distintos representantes destas Juntas Diretivas.

A decisão do CSU foi interpretada pelos membros de EPA, segundo aqueles com quem tive a oportunidade de conversar, como uma “violação à autonomia universitária”, tanto por modificar a Lei de maneira unilateral quanto pela intervenção externa da Corte de Constitucionalidade<sup>33</sup> em assuntos que, segundo a interpretação dos estudantes, correspondiam exclusivamente aos universitários.

Os integrantes do EPA permaneceram trancados dentro da universidade durante 51 dias, exigindo que o CSU revogasse sua decisão, atitude que foi radicalizada quando oito dos estudantes se declaram em greve de fome. Enquanto isso, as tentativas do CSU para acabar com a greve, informadas por meio de diversas notas e comunicados, na mídia nacional, incluíam desde advertências, como suspender a matrícula dos estudantes grevistas, até a intervenção das forças policiais nacionais para abrir o campus universitário. Já nos primeiros dias da ocupação da Universidade, segundo consta também nas notas jornalísticas, tinha havido um enfrentamento entre o EPA e outros grupos de estudantes organizados pela AEU. Finalmente, depois de várias tentativas de negociação, no dia 29 de setembro, tendo como testemunhas oficiais o Arcebispo da Guatemala e o representante da *Oficina de Derechos Humanos del Arzobispado de Guatemala* (ODHAG), o EPA e o CSU assinaram o “*Acuerdo para la resolución de la problemática de la Universidad de San Carlos*” que deu fim à greve e estabeleceu a conformação das *Mesas de Diálogo* para a posterior realização do *Congreso de Reforma Universitaria*.

No momento de minha entrada em campo, o ambiente que se percebia no campus universitário ainda era de muita agitação, de foros, debates e apresentações públicas em que as diversas visões sobre a “autonomia universitária” eram alvo de discussões constantes. Os estudantes que participaram da greve e com os quais tive a oportunidade de conversar a respeito acompanhavam, na época, o desenvolvimento das discussões em torno dos procedimentos para a conformação das *Mesas de Diálogo*.

Durante nossas conversas, além das informações sobre as causas que motivaram a greve, chamou minha atenção a percepção que os estudantes tinham de si mesmos com orgulho por se considerarem os responsáveis diretos pela “defesa” e pelo “resguardo” da autonomia

---

<sup>33</sup> Segundo o artigo 268 da Constituição Política da República da Guatemala, a Corte de Constitucionalidade é “*un tribunal permanente de jurisdicción privativa, cuya función esencial es la defensa del orden constitucional; actúa como tribunal colegiado con independencia de los demás organismos del Estado y ejerce funciones específicas que le asigna la Constitución y la ley de la materia.*”

universitária<sup>34</sup>, ao contrário dos membros da AEU e do CSU que, em sua opinião, tinham “traído” os interesses estudantis. O sentimento de que estavam vivendo um “momento histórico” de suas vidas ao terem sido parte de “uma ação comum e de grande ressonância, como há tempo não acontecia na USAC”, era constantemente expresso nas suas falas e nas comunicações escritas que produziam, tal como podemos apreciar no seguinte trecho que faz parte do primeiro comunicado de EPA: *“no es tras la inmortalidad de nuestros nombres que luchamos, es por la inmortalidad de nuestros actos en pro de una mejor sociedad, de una mejor Guatemala.”*<sup>35</sup>.

Para muitos deles, como Julio, um estudante do curso de Ciência Política, tratava-se também de sua primeira “experiência “política” e um momento crucial para se integrar a algum coletivo ou mesmo sobressair naqueles de que já participavam. Visivelmente emocionado, Julio me contou sobre as horas ociosas em que ficavam contando piadas ou tocando violão enquanto esperavam os momentos de agitação e sobre o possível confronto físico, dizendo, no final: “eu nunca aprendi tanto quanto naqueles dias”.

As experiências referidas por estes estudantes, de acordo com os argumentos que venho desenvolvendo sobre a elaboração de projetos, iniciados no item anterior, me levam a considerar a greve estudantil de EPA como um espaço privilegiado de experiência intensa e de aprendizado, com um forte potencial de adesão e geração de projetos coletivos. É na ação de se mobilizar que os estudantes geram suas trajetórias e expectativas de trânsito tanto pelo chamado “mundo da política” quanto por outros campos da experiência, por meio da construção e implementação de papéis possíveis –*metamorfose* –, da reprodução de categorias sociais e de modos de acesso aos diferentes domínios da vida social.

---

<sup>34</sup> A “autonomia” que estava sendo objeto de disputa nesse momento era a referida no artigo 82 da Constituição Política da República da Guatemala que literalmente diz *“La Universidad de San Carlos de Guatemala, es una institución autónoma con personalidad jurídica. En su carácter de única universidad estatal le corresponde con exclusividad, dirigir, organizar y desarrollar la educación superior del Estado y la educación profesional universitaria estatal, así como la difusión de la cultura en todas sus manifestaciones. Promoverá por todos los medios a su alcance la investigación en todas las esferas del saber humano y copeará al estudio y solución de los problemas nacionales. Se rige por su Ley Orgánica y por los estatutos y reglamentos que ella emita debiendo observarse en la conformación de los órganos de dirección, el principio de representación de sus catedráticos titulares, sus graduados y sus estudiantes”* (grifo meu). Em: Leyes y reglamentos de la Universidad de San Carlos de Guatemala, 2006. Documento online no site [www.usac.edu.gt](http://www.usac.edu.gt).

<sup>35</sup> 1er. Comunicado *“Ante la problemática de la USAC”* do dia 10 de agosto de 2010 de circulação pública.

Além desse potencial para a geração de projetos coletivos, a greve estudantil também se mostrou eficaz para que os estudantes demarcassem as fronteiras e os limites do que compõe o seu “mundo” social da política. Sobre este segundo aspecto me ocupo no item a seguir, quando é discutida a diferenciação geracional que eles estabelecem a respeito das experiências de outras épocas, particularmente do chamado “movimento estudantil universitário”. No item 2.2.2, minha atenção se concentra no surgimento de uma agremiação de estudantes indígenas agrupados em torno da identidade ‘Maia, dentro do contexto da greve estudantil.

### **2.2.1 O “Movimento Estudantil Universitário” e o início de um novo tempo**

Além de se constituir um espaço privilegiado para a socialização e o encontro de trajetórias com potencial para os estudantes se integrarem ou produzirem projetos coletivos, a greve estudantil da EPA também pode ser considerada em sua capacidade para demarcar contrastes e/ou similitudes nas qualidades dos conjuntos ali representados ou agrupados. Um desses contrastes operou por meio de uma diferenciação geracional entre estudantes de distintas épocas, referida nos termos “os de agora” e os “velhos”.

As diferenças de expectativas entre os estudantes que tinham levantado a greve e outros que seguiram de perto o seu desenvolvimento mostrou não apenas um “conflito de gerações”, mas também a coexistência de diversas visões sobre o mesmo assunto e sua ordenação hierárquica no interior do domínio simbólico da política estudantil, no qual os meus interlocutores privilegiaram, por se assumirem parte dela, a perspectiva dos “de agora”.

Poucos dias depois de iniciada, a greve estudantil tinha ganhado atenção nacional. Entre os que apoiavam a mobilização dos estudantes universitários encontravam-se ativistas sociais, acadêmicos, professores e membros de organizações do movimento social guatemalteco, muitos deles enfatizando sua condição de ex-estudantes *sancarlistas*. O apoio manifestado em comunicados de imprensa<sup>36</sup> envolvia desde sugestões de medidas a seguir, propostas de alternativas para a resolução do conflito até lembranças da experiência pessoal dos que se pronunciavam. Entretanto, estas demonstrações de apoio eram

---

<sup>36</sup> Somente no jornal digital [www.albedrio.org](http://www.albedrio.org) se contabilizaram mais de 100 entradas entre 09 de agosto e 10 de outubro de 2010, entre artigos de opinião, comunicados e cartas de apoio.

perpassadas por uma crescente expectativa sobre o possível ressurgimento do “movimento estudantil universitário”<sup>37</sup>.

Para alguns, a greve lembrava o caráter nacional das mobilizações estudantis das últimas décadas do século XX, o que os motivava a pensar num “ressurgimento”; outros, pelo contrário, consideravam tratar-se de um novo movimento estudantil, enquanto outras opiniões eram mais cépticas ao dizer que aquilo não poderia ser considerado um movimento estudantil, mas apenas a ação isolada de pequenos grupos que não representavam a totalidade dos estudantes universitários. Alguns analistas políticos também chegaram a considerar que a mobilização podia ser um pretexto para o “reencontro popular” que articulava as inconformidades gerais num projeto político de longa abrangência<sup>38</sup>.

Paradoxalmente, após assinado o *Acuerdo para la Resolución del Conflicto*, a tendência de algumas das vozes que antes tinham apoiado os estudantes se transformou numa crítica da “ingenuidade” com que estes tinham agido, colocando como ponto de comparação o “movimento estudantil universitário”. Ante tais comparações e exigências para os estudantes agirem de forma mais radical, estes respondiam justificando suas decisões e marcando as diferenças relativas aos pontos de comparação. Veja-se, por exemplo, os termos em que tais questões foram colocadas por dois desses estudantes, numa entrevista que tive a oportunidade de acompanhar. Eis um trecho da resposta a uma das perguntas sobre o alcance dos objetivos da mobilização:

*Hubo quizá quien tuvo expectativas demasiado grandes en relación a lo que se podía lograr con nuestra medida de fuerza. Pero tiene que quedar claro que con dos meses no se podía poner en marcha de nuevo a un movimiento estudiantil que viene desmovilizado desde hace años. Si desde algunos de esos sectores de una izquierda más*

---

<sup>37</sup> Lembre-se que, para o caso guatemalteco e no contexto desta pesquisa, o “movimento estudantil universitário” faz referência a um momento histórico particular antes do que a uma categoria analítica.

<sup>38</sup> Ver por exemplo o artigo: “USAC: reencuentro del movimiento popular” em que o autor argumenta “Esta lucha estudiantil ya desbordó hacia el ámbito nacional. Los apoyos populares podrían convertirse en una articulación de demandas diversas y, eventualmente, llegar a ser un movimiento político que catalice la inconformidad de amplios sectores populares”. Adrián Zapata no jornal *Siglo XXI* de 23 de setembro de 2010, consultado em [www.albedrio.org](http://www.albedrio.org).

*tradicional se esperaba que toda la universidad nuevamente se movilizara y se pusiera en pie de lucha como sucedió años atrás, **pues las cosas ahora son distintas: el contexto nacional e internacional es otro, los estudiantes son otros.** Todos esos son elementos que jugaban en contra de lo que EPA podía conseguir con la toma. **Por eso creemos que lo que se consiguió es mucho, es un gran producto.***

*Lo que deseamos es que el movimiento sea para todas y todos los estudiantes, que crezca, que se desarrolle, pero también creemos que en esa lucha deben sumarse otros sectores de la universidad: los docentes y los trabajadores no-docentes. Ante los años y años de silencio y desmovilización que ha sufrido todo el movimiento estudiantil, y la sociedad en su conjunto, **nuestra lucha al menos volvió a poner en agenda estos problemas**<sup>39</sup>. (grifo nosso)*

Com efeito, não apenas durante a entrevista, mas igualmente nas conversas cotidianas, os estudantes enfatizavam a diferença entre suas formas de agir e as daqueles que eram denominados, às vezes em tom de despeito, como os “velhos”. Entre os estudantes, nomear um indivíduo de “velho” pode ter múltiplas implicações, segundo pude observar em diversas ocasiões. No contexto da greve, devido às comparações suscitadas, a nomeação carregava uma valoração negativa sobre aqueles que, como me disse um integrante da Associação de Ciência Política, “vêm para nos dizer como fazer aquilo que eles não fizeram no seu tempo”.

Na mesma linha de discussão, Ernesto, também estudante do curso Ciência Política e ex-membro da Associação dessa escola, comentava como, durante a época em que participou da Associação, tanto ele quanto seus companheiros se irritavam com a presença de um professor, recentemente formado e que poucos anos antes também fizera parte do coletivo, e com a maneira como “monopolizava” as discussões, dizendo o que e como eles deviam fazer as coisas. “Isso não é bem recebido”, me disse, “muito menos aceitável é que um ‘velho’ se postule ou se mantenha numa posição de poder durante muito tempo. Há uma

---

<sup>39</sup> Entrevista feita com membros de CAAENFUSAC-EPA, por Marcelo Colussi, e publicada em 15 de novembro de 2010, em albedrio.org

palavra no discurso dos estudantes para nomear os que tomam essa atitude”, disse ele, sorrindo: “dinossauros”.

As falas destes estudantes nos mostram como as valorações dos indivíduos, segundo sua visão do mundo social em questão, definem os comportamentos prescritos para cada um dos que participam deste mundo, segundo demarcações temporais e/ou geracionais social e culturalmente construídas. Ser ou se identificar como “os de agora” pode, assim, ser entendido como pertencer a uma posição social à qual compete o exercício e a direção da política estudantil no momento, enquanto os “velhos”, identificados como aqueles que já passaram por uma experiência anterior, são rejeitados quando tentam influir nas decisões dos primeiros.

Trata-se, então, de uma ordenação social e cultural que, em termos analíticos, poderíamos chamar de *pré-figurativa*, conforme Margaret Mead (1970), no sentido de que há uma predominância das novas gerações em relação àquelas que as precedem. Contudo, temos de considerar esta predominância da experiência das novas gerações em termos do fluxo das referências e dos modelos que guiam a formação dos indivíduos e não simplesmente como um movimento mecânico de mudança das relações de poder (RIFIOTIS, 1995).

Efetivamente, as relações que tive oportunidade de observar, entre alguns desses estudantes “de agora” e outros que eles nomeavam como “velhos”, não se davam necessariamente em termos de conflito, mas de apoio e colaboração, sendo que os segundos ofereciam o respaldo “histórico” e agiam como conselheiros dos primeiros. Mais do que um conflito, a diferenciação geracional criada entre os estudantes nos leva a pensar num desejo de se diferenciar e construir uma identidade, a mesma que encontrou na greve da EPA a possibilidade de marcar a passagem para um status reconhecido e valorizado socialmente como um “novo tempo”.

### **2.2.2 Novos sujeitos no cenário da política estudantil universitária: os estudantes Maiais**

Segundo Victor Turner (2008), quando um grande processo dramático público começa, as pessoas assumem papéis que trazem consigo. Conforme o autor, estes papéis não são roteiros estabelecidos, mas constituem tendências profundamente marcadas de agir ou falar de maneiras “suprapessoais” ou “representativas” adequadas ao papel assumido (2008, p. 114). Gilberto Velho (1999), por seu lado, discutindo a noção de *metamorfose* com a qual temos trabalhando neste

capítulo, observa que os repertórios de papéis sociais não só não estão situados em um único plano, mas sua própria existência está condicionada às múltiplas realidades.

No contexto deste trabalho, ambas as perspectivas são complementares no sentido de mostrar que não se trata apenas de repertórios dados e determinantes de comportamentos individuais, mas de sua apropriação em contextos específicos onde são colocados em prática ganhando novas interpretações nas formas de pensar e agir. Neste item, será objeto de análise a condição étnica de vários dos estudantes que participaram da greve de EPA e que, posteriormente à finalização desta, se organizaram em torno dessa condição para construir um projeto diferenciado no interior do campo político estudantil.

A condição étnica, na Guatemala, é uma questão complexa que tem merecido muita atenção por parte das Ciências Sociais. Esta atenção, “quase compulsiva”, como a chama Roberto Cardoso de Oliveira (2000, p. 52), é identificada por ele mesmo como a peculiaridade da antropologia na América Latina, e em específico, em países como a Guatemala, com alta porcentagem de população indígena. Este assunto, no contexto guatemalteco, torna-se sumamente complicado de abordar em qualquer um dos planos e níveis da vida social, sejam eles cotidianos, familiares, políticos ou acadêmicos, pois ele é perpassado pelo racismo e pela desigualdade econômica e social existente no país.

Dada essa complexidade, o objetivo da presente pesquisa não é dar conta da questão étnica na Guatemala, mas pontuá-la como um modo pelo qual também se constituem os sujeitos aqui focalizados, contribuindo, assim, para compreender o étnico como um marcador social da diferença que serve para a auto-definição dos indígenas.

Antes de descrever a situação concreta em que este marcador social se revelou, julgo necessário colocar algumas informações básicas sobre a questão étnica na Guatemala, que apoiem a leitura do encontro etnográfico com os estudantes que organizaram a chamada *Assembléia de Estudantes Mais pela Autonomia Universitária*<sup>40</sup>.

É importante destacar que na Guatemala a diferenciação étnica baseia-se em duas etiquetas contrapostas: “indígenas” e “ladinos”,

---

<sup>40</sup> Posteriormente, segundo comunicados distribuídos em listas de correio, na internet, a organização foi renomeada como *Movimiento de Estudiantes Mayas -MOVEMAYA-*. A impossibilidade de manter contato com eles não me permite descrever as nuances e circunstâncias atreladas a esta mudança na identificação do coletivo.

caracterizadas pela dominação social, cultural e política dos segundos sobre os primeiros (BASTOS e CUMEZ, 2007). No imaginário coletivo guatemalteco, ambas as etiquetas são associadas a idéias que demarcam socialmente a posição de uns e outros. Os “indígenas” são vinculados a raízes pré-hispânicas e ao “tradicional”, tendo como marcadores mais visíveis o seu idioma<sup>41</sup> e a vestimenta feminina. Segundo Ramón Gonzalez Ponciano (2004), o ser “índio” tem, no contexto guatemalteco, uma carga afetiva muito forte associada com “sujeira”, “in-civilização”, “tonto” e “pobre” que, como fator ideológico, facilita a reprodução das relações servis e as regras não escritas da “blancura” que visam estabelecer “qual o lugar que cada um deve ocupar na sociedade guatemalteca.” (PONCIANO, 2004, p. 125). Por sua parte os “ladinos” são associados com o “moderno” e o euro-ocidental, com referência ao idioma castelhano, mas principalmente pela construção de um “nós” definido pela forma guatemalteca de se dizer “não-indígena”. Segundo Bastos e Cumez (2007), são estas etiquetas, construídas num longo processo histórico de dominação e exclusão que, na atualidade, marcam as relações sociais na Guatemala, onde o “indígena” é colocado numa posição de inferioridade racial e cultural e o “ladino” vem a ser a sua contraparte privilegiada.

Por outro lado, também é importante assinalar que, a partir da segunda metade do século XX, quando mudanças econômicas e sociais ligadas à modernização do país permitiram o deslocamento de populações indígenas para os centros urbanos e o acesso à educação, principalmente de suas elites, se consolidou no país, ocorreu um processo de mobilização do *movimento indígena* que contribuiu para a criação de condições para que um setor de atores indígenas chegasse a se posicionar politicamente, se autoidentificando como “Maias”. Segundo Bastos e Cumez (2007), o “Maia” é uma proposta identitária que acabou fazendo parte de uma corrente ideológica que buscava transformar as relações étnicas, historicamente reproduzidas no país, a partir da adoção e valorização de elementos culturais tirados das sociedades maias existentes antes da chegada dos espanhóis, no século XVI. Kay Warren (1998) assinala como o colonialismo espanhol da época terminou por fragmentar estas sociedade e transformá-las em pequenas reduções locais que reagiram a essa ordem colonial,

---

<sup>41</sup> Segundo a Academia de Línguas Maias da Guatemala –ALMG- há no país vinte e uma comunidades lingüísticas que são: Poqomchi’, Achi’, Q’eqchi’, Ch’orti’, Kaqchikel, Poqomam, Sipakapense, Tz’utujil, Mam, Ixil, Sakapulteka, Uspanteka, Awakateka, Chalchiteka, Akateka, Chuj, Jakalteka, Q’anjob’al, Tektiteka, K’iche’, Itza’ e Mopan.

preservando os seus parentescos, suas linhagens e sua organização social. A estas reduções locais se associa a noção de etnias indígenas, identificando-se, hoje, na Guatemala, um total de 21 etnias, de acordo com a sua diferenciação lingüística.

Isto é importante de assinalar para não confundir a identificação “Maia” de maneira mecânica com estas comunidades lingüísticas, como o faz Warren (1998) e que a leva a nomear o movimento “Maia” como “Pan-maianismo”. Tal como assinalam Bastos e Cumez (2007), a proposta maianista, na Guatemala, é interpretada e vivida de múltiplas maneiras que ainda hoje geram muita polêmica entre “maias” e “não-maias” a respeito de sua especificidade cultural. Em tal sentido, parece-me pertinente, seguindo estes autores, falar de “maianização” como manifestação de um processo que é certamente liderado por atores políticos, mas não necessariamente limitado a eles. Segundo os últimos autores, trata-se de *“uno o varios procesos que toman forma en un fenómeno nuevo, la introducción en la vida de los mayas y no mayas de un discurso que antes no existía: el de considerarse “maya” y por ello reclamar igualdad con orgullo y derechos.”* (BASTOS e CUMEZ, 2007, p. 21).

Sem dúvida, a compreensão e interpretação que os estudantes da *Assembléia* estavam assumindo no contexto das reivindicações estudantis se relacionavam a um processo político no qual o “Maia” foi colocado como um demarcador social de diferença entre um setor – os estudantes universitários politizados - até hoje visto de maneira homogênea. Vejamos como isso aconteceu, de forma concreta, no contexto desta pesquisa.

O encontro etnográfico se deu a partir do dia em que vi Lidia colando cartazes nos corredores da Universidade. Lidia é uma estudante indígena a quem tinha conhecido dois anos antes, quando participamos da organização de um projeto fotográfico. Ela representava um coletivo estudantil da Escola de História, chamado *Rogelia Cruz*, ao qual ainda pertencia na época de meu trabalho de campo. Entretanto, os cartazes que colava nesse momento faziam referência a uma assembléia convocada com exclusividade para estudantes indígenas “Maias”.

A assembléia teve lugar num domingo, na sede da Comissão Presidencial contra a Discriminação e o Racismo (CODISRA), o órgão oficial do governo da República encarregado das políticas voltadas à redução da discriminação racial contra os chamados povos “Maia” ,

‘Garifuna’ e ‘Xinca’ - da Guatemala<sup>42</sup> e, às vezes, espaço de promoção de líderes e atores políticos nacionais de diversas aderências étnicas.

O auditório era composto por mais ou menos 40 estudantes. As atividades começaram com a apresentação das origens do coletivo *El Jade* - organizador da atividade- em 2007, quando, seus membros, vinculados ao FORC, participaram das comemorações do Primeiro de Maio (Dia dos Trabalhadores) e de 20 de outubro (Dia da Revolução). Posteriormente, eles se engajaram no apoio a camponeses que lutavam contra a instalação de projetos mineiros em duas regiões do país até que, durante o acompanhamento da entrega de terras a ex-combatentes indígenas do EGP, decidiram abandonar o FORC e se organizar em outro coletivo. O representante de *El Jade* que expunha essas informações explicou que a separação tinha sido provocada, em parte, pelas diferenças ideológicas com os primeiros, pois “eles eram ladinos e não incluíram no seu projeto nossa causa indígena”.

Algum tempo depois, se vincularam a outras agremiações indígenas e camponesas que, assim como eles, lutavam pelo reconhecimento da identidade Maia e pela incidência política no âmbito nacional. Outro dos representantes de *El Jade* interveio para reforçar o que havia sido dito pelo primeiro, enfatizando que até o momento os indígenas tinham sido incorporados ao sistema universitário, mas mantendo uma percepção deles como excluídos, seja porque continuavam sendo vistos como objetos de estudo ou como sujeitos a serem civilizados. Enquanto isso, o objetivo que a nova organização se propunha não era apenas o de conseguir mais bolsas, cotas ou políticas de formação ou de promover um “intercâmbio de saberes” entre o “conhecimento ocidental” e os princípios da “cosmovisão Maia”. Em termos concretos, estes estudantes, propunham aos presentes conformar uma frente comum de estudantes Maias para se inserir nos debates das *Mesas de Dialogo* para o *Congresso de Reforma Universitária*, com o objetivo de levantar as seguintes reivindicações: 1) participação de representatividade estudantil Maia no governo universitário; 2) descentralização da administração e da docência para regiões com mais população indígena; 3) redistribuição do orçamento universitário a fim de atingir as necessidades dos estudantes Maias; e 4) redefinição do

---

<sup>42</sup> Esta classificação corresponde ao estabelecido no chamado “*Acuerdo sobre Identidad y Derechos de los Pueblos Indígenas*”, contido no corpo total do Acordo para a Paz na Guatemala. O quarto povo, contemplado no mesmo acordo, estaria constituído pela população mestiça ou “ladina”. No documento: *Misión de Verificación de las Naciones Unidas en Guatemala* (MINUGUA). *Acuerdos de Paz de Guatemala del 10 de enero de 1994 al 29 de diciembre de 1996*. Guatemala, 2003.

currículo universitário com inclusão dos “conhecimentos ancestrais” em diálogo com “o pensamento ocidental”.

Finalmente o evento foi encerrado com a solicitação dos organizadores para os presentes se apresentarem indicando, além da decisão de aderir ao projeto, o nome, o curso, o lugar de origem e a identidade étnica. A solicitação me colocou numa posição incomoda, pois assim colocada, nesses termos, a minha única opção disponível era me apresentar como “não-indígena” ou “ladino”. Preciso mencionar brevemente que pessoalmente não me considero “indígena”, mas por paradoxal que possa parecer tampouco me considero “ladino”. Isto tem a ver com escolhas pessoais e políticas de minha história pessoal que poucas vezes na Guatemala tenho precisado colocar em relevo. Na realidade, além das implicações pessoais em me identificar de uma ou outra forma, o que mais me preocupava, nesse momento, era a possibilidade de manter contato com o grupo, pois a iniciativa, além de inédita, me parecia interessante.

Segundo Stuart Hall (1999), as sociedades modernas têm entre suas principais distinções a mudança constante, rápida e permanente que produz diferentes “posições de sujeito”. Tal deslocamento pode ser pensado positivamente à medida que abre a possibilidade para novas e constantes identificações. Entretanto, essas identificações também se inserem no que o autor chama de “jogo de identidades” com suas conseqüências políticas. Segundo o mesmo autor, “uma vez que a identidade muda de acordo com a forma como o sujeito é interpelado ou representado, a identificação não é automática, mas pode ser ganha ou perdida.” (HALL, 1999, p. 21). Nessas circunstâncias, a identidade torna-se um assunto politizado.

Seguindo as argumentações de Stuart Hall, gostaria destacar como a experiência e a relação com os estudantes da *Assembléia* permitiu ver as negociações em que a identificação étnica foi acionada como um marcador de diferença e disputa das distintas visões sobre os temas universitários, por um lado, enquanto por outro, como os “fatores socialmente relevantes” (BARTH, 1998) do lugar de origem, a pertença étnica e o idioma materno que foram solicitados no final do evento demarcavam as fronteiras daquele empreendimento. Tal como comentou uma destas estudantes que encontrei dias depois, daquele domingo, eles, os membros da *Assembléia*, estavam muito interessados em criar uma proposta “sem a intervenção do pensamento ocidental dos ladinos”, que no evento referido era por mim corporificado e evidenciado naquilo que o mesmo Hall (2000, p. 109) chama de “narrativização do eu”, ou seja, aquilo que tem a ver, segundo suas próprias palavras,

não tanto com as questões ‘quem nós somos’ ou ‘de onde nós viemos’, mas muito mais com as questões ‘quem nós podemos nos tornar, ‘como nós temos sido representados’ e como essa representação afeta a forma como nós podemos representar a nós próprios .

## 2.3 MEMÓRIA ESTUDANTIL E REFERENTES DE LUTA

*“De vez en cuando camino al revés:  
es mi modo de recordar.  
si caminara solo hacia delante,  
te podría contar cómo es el olvido”.*  
(Recuerdo, Humberto Ak’abal)

Gostaria de finalizar este capítulo refletindo sobre o papel da memória e dos “mártires” na configuração do sujeito político estudantil e do seu mundo. No capítulo I, vimos como estes últimos são colocados durante a *Huelga de Dolores*, inspirando modelos de comportamento e instigando à ação, papel compartilhado com outros dos tantos símbolos acionados durante o evento. Porém, também há ocasiões em que os mártires universitários se convertem no centro de atenção dos estudantes, que celebram e rememoram nomes, lugares, episódios e relatos dentre os quais se destaca, com poderosa força, a figura do líder estudantil Oliverio Castañeda de León, assassinado em 20 de outubro de 1978, pela ditadura militar no poder nessa época.

Segundo Ricardo Saenz de Tejada (2010), Oliverio, como geralmente é evocado o líder estudantil, representa um momento de florescimento em que jovens urbanos, estudantes universitários e de ensino médio se atreveram a tomar as ruas, lutar ao lado de sindicalistas, camponeses e outros setores da população tanto quanto sonhar e pensar um país distinto. Por outro lado, conforme assinalado por diversos autores (FIGUEROA IBARRA, 1991; ALVAREZ ARAGON, 2002; SAENZ DE TEJADA, 2010) o assassinato marcou um momento de inflexão na política repressiva do Estado guatemalteco que passou de uma política de repressão seletiva para um ciclo de repressão aberta e massiva. Tanto as virtudes pessoais atribuídas ao líder estudantil quanto sua posição como Secretário Geral da AEU no momento de sua morte revestiram a figura de Oliverio de grandeza e constituem motivo de

veneração religiosa<sup>43</sup> para o conjunto dos estudantes universitários. Ao sítio exato em que ele foi assassinado acodem, anualmente, centenas de estudantes e simpatizantes das lutas estudantis, por ocasião da marcha que comemora a revolução democrático-burguesa, acontecida no dia 20 de outubro de 1944. Dessa forma, o lugar se tornou um autêntico centro de peregrinação ritual, no sentido utilizado por Victor Turner (2008) e desdobrado com maior atenção após a descrição etnográfica.

Em outubro de 2010, tive a oportunidade de presenciar a marcha que, naquele ano, ao contrário de outras edições do evento, se apresentava de uma forma peculiar. Recentemente, a Prefeitura Municipal da cidade tinha transformado a *Sexta Avenida* -local por onde tradicionalmente transita a marcha-, num passeio pedestre, enfeitado com estátuas, árvores ornamentais e bancas. A decisão não foi bem acolhida pelas organizações sociais que participam da marcha que, segundo se podia ler nos comunicados públicos e nas pichações no dia do evento, a interpretaram como uma tática política do Prefeito para reduzir o “espaço da manifestação popular” na tentativa de se apropriar do Centro Histórico e privatizá-lo.

Embora iniciada em diferentes pontos da cidade capital da Guatemala, a *Marcha*, tradicionalmente, conflui no cruzamento da *Sexta Avenida* com a Rua 18<sup>44</sup>, desde onde os manifestantes caminham até atingir a Praça Central, centro simbólico do poder político e religioso do país. Na ocasião que menciono, o trajeto da *Marcha* tinha se dividido em vários blocos que, seguindo seus próprios critérios e suas afinidades políticas, buscaram percursos alternativos para atingir a Praça Central. Desinformado desta situação, cheguei à *Sexta Avenida* na tentativa de estabelecer contato com os estudantes universitários, mas ela estava vazia, o que me fez pensar que tinha chegado tarde demais e que a *Marcha* tinha acabado. Avaliei a situação e, finalmente, decidi ir para o *Portal del Comercio*, lugar onde se encontra a “Placa de Oliverio”, que

---

<sup>43</sup> Uma referência fundamental para o estudo do papel da religião na vida social é, sem dúvida, Emil Durkheim (1983), para quem a religião contribui para manter as condições da efervescência criadora do social. Segundo o autor, as religiões são constituídas por “um sistema solidário de crenças e práticas relativas às coisas sagradas –isto é, separadas, interditas – crenças comuns a todos aqueles que se unem numa mesma comunidade moral chamada Igreja.” (DURKHEIM, 1983, p. 49). Em artigo sobre a temática da relação entre o religioso e os cenários do mundo contemporâneo, considerados laicos, Andrea Perez Fonseca (2006) defende a idéia de que há processos de hibridação nos quais se apagam as fronteiras entre o “laico” e o “religioso”. Para ela, o religioso como uma força criadora que mobiliza o homem em sua dimensão existencial/subjetiva e em sua dimensão social e histórica.

<sup>44</sup> A configuração espacial das cidades na Guatemala se assemelha um plano cartesiano no qual se entrecruzam ruas e avenidas identificadas numericamente. As ruas vão de norte a sul e as avenidas de oeste a leste, ambas em ordem ascendente. Ver mapa em Anexo E.

lembra o ponto exato de seu assassinato, na tentativa de alcançar e presenciar os atos dos estudantes que se concentram nesse lugar para homenagear o líder estudantil.

Perto das dez da manhã, após caminhar ao longo da *Sexta Avenida*, descobri, com alívio, uma grande quantidade de pessoas na “Placa de Oliverio”, porém, não se tratava de estudantes, e sim de membros de outras organizações sociais. No grupo ali reunido encontrei alguns conhecidos que me alertaram que na realidade a Marcha não tinha acabado, mas que outros dois blocos se aproximavam, desde diversos trajetos da cidade, sem que se tivesse certeza da hora de chegada ao lugar e mesmo se esta iria acontecer.

Uma hora depois, apareceram outros blocos de manifestantes, entre os quais, segundo me foi referido pelo colega do lado, se encontrava o “bloco fechado de EPA”. Tratava-se de uma facção de estudantes composta, principalmente, por estudantes de Economia e Engenharia que durante a greve recentemente finalizada tinham agido como os porta-vozes do movimento. Minutos depois, apareceu mais um bloco, desta vez composto de estudantes que integravam uma coligação denominada CAEENFUSAC –Coordenadora de Associações Estudantis de Escolas não Facultativas<sup>45</sup> da USAC- que recentemente tinha se separado da EPA porque, no acordo assinado entre este último e o Conselho Superior Universitário, para o fim da greve, não foi considerada a participação de representantes destas unidades acadêmicas nas *Mesas de Diálogo* propostas.

O último a chegar foi um bloco bastante particular, muito melhor organizado que os dois anteriores, que o mesmo colega que me colocava a par da situação identificou como a “ala oficial”, denominada assim por ter vínculos com alguns setores do Governo. Agora, todos se encontravam reunidos diante da “Placa de Oliverio” e, embora o ecoar das palavras de ordem que eram proferidas para lembrar a memória do líder estudantil desse a impressão de um todo unificado, as diferenças e tensões entre os blocos descritos eram evidentes. O “bloco fechado” da EPA, ao redor de uns 10 ou 15 indivíduos, tinha se agrupado no extremo

---

<sup>45</sup> Segundo a estrutura administrativa da Universidade, a principal diferença entre Faculdades e Escolas não Facultativas é a participação das primeiras no governo universitário através dos representantes dos setores estudantil, docente e profissional no Conselho Superior Universitário. Quanto às segundas, estas participam somente através dos representantes do setor profissional. São consideradas escolas não facultativas: a Escola de Ciências Psicológicas, Escola de História, Arqueologia e Antropologia, Escola de Ciências da Comunicação, Escola de Ciência Política e Escola de Serviço Social. Resposta da Coordenação de Informação Pública da USAC Ref. CIP783-2010 à solicitação por mim apresentada.

esquerdo do pórtico que coroava o monumento, enquanto a chamada “ala oficial” continuava com suas apresentações artísticas, mas claramente afastada do resto, que olhava para ela com desconfiança e ciúmes. Enquanto isso, o bloco da CAENFUSAC tinha tomado o controle do microfone e agora se encontrava no uso da palavra, identificando a si mesmo como o “verdadeiro movimento estudantil”, no que era secundado por um grupo de ex-estudantes que se faziam chamar “liderança estudantil histórica”. Pouco depois do meio-da, os discursos terminaram, a atividade foi encerrada com o ecoar de palavras de ordem cujo conteúdo fazia alusão a Oliverio e, como já  costumeiro nas atividades públicas dos estudantes, com a dança de *La Chalana*.

A presença dos estudantes em caminhadas, manifestações e protestos públicos que têm lugar na capital do país  relevante, mas não exclusiva deles, que participam junto com outros setores sociais, tais como camponeses, sindicalistas e feministas. Enquanto isso,  por ocasião da chegada  “Placa de Oliverio”, passagem inevitável para atingir a Praça Central seguindo a *Sexta Avenida*, que os estudantes têm a oportunidade de se manifestar como grupo diferenciado dos outros, em um lugar que lhes  próprio e com potencial para expressar com maior força a sua presença, tornando-se eles mesmos o próprio símbolo da memória que seguem.

Analisando peregrinações como processos sociais, Turner (2008) coloca que, da mesma forma que na *liminariidade* dos ritos de iniciação, os peregrinos participam de atividades simbólicas que crêem serem eficazes na mudança de condições tanto internas quanto externas. Analisadas desde essa perspectiva, a caminhada e a chegada dos estudantes ao sítio em que se localiza a “Placa de Oliverio” podem ser consideradas como fenmenos liminares que promovem tanto rearranjos ou afirmações de ordenamentos políticos, quanto a memória estudantil como parte da produção dessa realidade política. As atividades ali realizadas cada ano envolvem desde momentos de comunhão ao redor da memória do líder estudantil até enfrentamentos entre faces<sup>46</sup> estudantis que a disputam.

---

<sup>46</sup> Prefiro utilizar este termo para nomear os agrupamentos feitos durante este evento a fim de salientar o seu caráter temporal cujo objetivo  mostrar alianças e a força política de que eles dispõem. Em referência ao termo, Moacir Palmeira (1996, p. 43) propõe que “ preferível lembrar que as faces, uma forma de organização política identificada por antropólogos e cientistas políticos em sistemas políticos os mais diversos (...) têm como um de seus traços mais consensuais não serem permanentes”. Mais  frente, o autor cita o antropólogo Adrian Mayer, para quem as faces “são unidades de conflito ativadas em ocasiões específicas antes do que mantidas por uma organização formal.” (apud PALMEIRA, 1996, p. 54).

Entende-se que esta memória faz parte de um exercício político em que a manipulação dela como símbolo pode contribuir para a aliança ou para a desavença, se inserindo nas concorrências pelo poder e pela legitimidade entre grupos estudantis e mesmo sendo ela re-configurada a partir das narrações seletiva e politicamente orientadas dos atores. O *collage* fotográfico (pagina seguinte), na sequência, mostra alguns desses episódios acontecidos em diferentes anos, tendo sempre a “Placa de Oliverio” como cenário de disputa da memória do líder estudantil.



Christine de Alencar Chaves (2002, p. 140), em estudo sobre o Movimento dos Sem Terra (MST) lembra-nos as marchas como uma forma cultural e trans-temporal presente em diferentes tradições, com um forte potencial de agregação simbólica que “podem ser utilizados como formas legítimas de manifestação do dissenso, tornando-se instrumentos de construção de novas legitimidades, âncoras de ordenamentos sociais alternativos.” As particularidades desses ordenamentos, no caso descrito, eram percebidas nas divisões criadas entre os diferentes blocos em que estavam organizados os estudantes, mas também pela ausência de outros, como a AEU - que, dito de passagem, integra, no seu título o nome do líder estudantil Oliverio

Castañeda de León- ausência esta que era explicada pelos presentes como devida à posição debilitada com que tinha saído da greve estudantil e à conseqüente perda de legitimidade como representantes estudantis, conforme descrito no item anterior.

Por fim, procurei, ao longo deste capítulo, mostrar alguns dos elementos e eventos que vão contornando o “mundo da política” estudantil e as maneiras pelas quais os estudantes entram, experimentam e transitam nele, transformando-o constante e criativamente. Passo, agora, a descrever e analisar dois acontecimentos nos quais estes elementos são levados à pratica concreta em ações coletivas.

## CAPITULO 3 DE LUTAS LOCAIS: A CONSTRUÇÃO DA REPRESENTAÇÃO POLÍTICA

O mês de novembro de 2010 foi uma época muito movimentada para os estudantes que agiram como interlocutores desta pesquisa. Por um lado, estudantes do curso de Ciência Política organizavam a chapa que iria concorrer nas próximas eleições da junta diretiva da Associação de Estudantes dessa escola; do outro lado, apenas um ou dois dias depois de finalizado esse processo eleitoral, um conflito entre estudantes de diversas agremiações teve lugar no curso de História.

Em ambos os casos tratava-se da concorrência pelos espaços institucionais de representação estudantil de cada curso: as Associações. Entretanto, as particularidades observadas em cada um deles nos permitem articulá-los e apresentá-los em separado, de acordo com uma coerência interna apreendida a partir de categorias analíticas que fazem parte da perspectiva de *drama social* (TURNER, 2008). Segundo esta perspectiva, dramas e empreendimentos sociais podem ser analisados a partir de uma seqüência de eventos –*ruptura, crise, ação corretiva e reintegração*– nos quais identificamos paradigmas, idéias, conceitos e valores que os indivíduos constroem em suas cabeças e acionam em momentos de conflito ou crise sendo, portanto, mais passíveis de observação e análise.

Na campanha eleitoral dos estudantes de Ciência Política, agrupados na chapa denominada de *El Coletivo*, pretendo demonstrar o papel fundamental da figura dos candidatos como manifestação concreta dos ideais de democracia com que foi definida a representação estudantil. Quanto à “ocupação” da sede da Associação de Estudantes da Escola de História, Arqueologia e Antropologia (AEHA), me interessa focalizar o caráter moral do acontecimento e sua participação na definição da representação política estudantil.

### 3.1 A ELEIÇÃO DE ASSOCIAÇÃO DE ESTUDANTES DA ESCOLA DE CIÊNCIA POLÍTICA

As campanhas eleitorais para Associações Estudantis não se parecem muito aos processos nacionais e seus grandes investimentos financeiros. Os recursos disponíveis dos estudantes são mínimos e saídos de seu próprio bolso. A única fonte de financiamento com fins organizativos do processo eleitoral provém dos fundos da Associação de

Estudantes e adjudicada para os gastos do Tribunal Eleitoral Estudantil<sup>47</sup>. Nessas circunstâncias econômicas, as eleições de Associação de Estudantes de Ciência Política (AECp) embora tivessem sido convocadas há três semanas, alcançaram visibilidade apenas nos últimos dez dias antes da votação, quando o “tempo de eleição” foi marcado, espacial e temporalmente, através da propaganda eleitoral. Os primeiros a marcar fisicamente o espaço foram os cartazes xerocados colados nos corredores e nas portas de ingresso de salas de aula, nos quais eram expostos os planos de trabalho e os objetivos das chapas concorrentes. Faixas e cartazes coloridos com as insígnias e fotografias dos candidatos somente apareceram na última semana antes da votação que aconteceu em dois turnos. O primeiro turno foi realizado no dia 11 de novembro, e dele participaram cinco chapas das quais lideraram a eleição a chapa do *El Coletivo*, com 123 votos, e a chapa denominada *Omega*, com 104 votos de um total de 478 votos válidos. Não havendo alcançado maioria absoluta, como indica o regulamento estudantil de eleições da AECp, estas duas chapas foram para o segundo turno, que foi realizado cinco dias depois, resultando ganhadora a chapa do *El Coletivo*. Na continuação, descrevo nuances do processo.

### 3.1.1 Os candidatos

Quando conheci os membros do *El Coletivo*, eles se preparavam para inscrever a chapa no processo, convocado e coordenado por um Tribunal Eleitoral Estudantil que tinha sido organizado em assembléia estudantil dois meses atrás. *El Coletivo* era o grupo que na época “controlava”<sup>48</sup> a Associação, portanto, sua participação era uma tentativa de reeleição com novas designações para a ocupação dos cargos. A nova chapa estava integrada por estudantes que até esse momento ocupavam cargos na atual Junta Diretiva e que agora se apresentavam como candidatos a uma comissão diferente.

Uma chapa estudantil é constituída por dez integrantes que se candidatam em conjunto para ocupar a Junta Diretiva da Associação de Estudantes, composta pelas seguintes comissões ou secretarias:

---

<sup>47</sup> Segundo o Regulamento de Taxas Estudantis, aprovado pelo Conselho Superior Universitário, no artigo No. 3, do total da matrícula paga por cada estudante (aproximadamente R\$ 10,00 anuais), R\$ 1,00 é destinado à sua respectiva Associação. Segundo o relatório de outubro de 2010, do Departamento de Contabilidade da Universidade de São Carlos, a Associação de Estudantes de Ciência Política tinha recebido, entre janeiro de 2008 e outubro de 2010, uma quantia equivalente a R\$ 5.106,25.

<sup>48</sup> Termo nativo que se refere à administração institucional de uma Associação.

Secretaria Geral, Secretaria de Organização, Secretaria de Finanças, Secretaria de Assuntos Acadêmicos e Docentes, Secretaria de Conflitos Universitários, Secretaria de Assuntos Culturais, Secretaria de Relações Internacionais, Secretaria de Relações Públicas, Secretaria de Assuntos Esportivos e, finalmente, Secretaria de Atas e Acordos. A ordem de apresentação destas Secretarias reflete a importância dos cargos na estrutura hierárquica, sendo, neste caso, o cargo mais importante, a Secretaria Geral.

Porém, cada uma das Secretarias é cuidadosamente designada, atendendo paralelamente à capacidade dos estudantes para encarar as responsabilidades do posto e à potencialidade para criar bases eleitorais para posteriores processos. Segundo me foi referido por um dos integrantes da chapa, Secretarias como a de Assuntos Culturais e Sociais ou Assuntos Esportivos podem ser determinantes, dada a sua proximidade com o “*estudiantado*”<sup>49</sup>, por meio da organização de eventos culturais, festas e encontros esportivos. Nada diferente acontece com outras secretarias, como a de Assuntos Acadêmicos e Docentes, que podem fornecer um *capital simbólico*<sup>50</sup> associado à Academia, ou como a Secretaria de Conflitos Universitários, que pode servir de alavanca para a projeção dos estudantes no nível universitário e, em certas ocasiões, no nível nacional.

Contudo, segue sendo a Secretaria Geral o cargo mais valorizado de uma chapa e sua designação uma questão amplamente debatida no interior das chapas, pois, além do prestígio que confere a quem ostentar o cargo, é por meio do rosto e da biografia do indivíduo eleito que se pode comunicar a imagem geral da chapa e o tipo de relações que a Associação estabelecerá tanto com os estudantes quanto com as autoridades.

Durante o desenvolvimento dos comícios eleitorais para AACP, pude observar que estas designações também faziam eco à maneira em que é organizada formal e socialmente a Escola de Ciência Política, de acordo com os cursos e a jornadas dos estudantes. É necessário anotar

---

<sup>49</sup> “Comunidade estudantil”, “população estudantil” e “*estudiantado*” são termos nativos utilizados para designar um conglomerado de estudantes; para evitar equívocos no uso de termos, como comunidade ou população, ou mesmo “estudantes”, cuja configuração é aqui objeto de reflexão, preferi manter o de “*estudiantado*” para referir esse conglomerado, sem nenhum tipo de adesões mais que a de estudar na Universidade.

<sup>50</sup> Segundo Pierre Bourdieu (1996, p. 107) “o capital simbólico é uma propriedade qualquer (de qualquer tipo de capital, físico, econômico, cultural, social) percebida pelos agentes sociais cujas categorias de percepção são tais que eles podem entendê-las (percebê-las) e reconhecê-las atribuindo-lhes um valor”. Exemplos de capital simbólico podem ser a autoridade, o prestígio, a fama, a notoriedade.

que esta escola está organizada em três cursos: Sociologia, Relações Internacionais e Ciência Política, oferecidos em jornada matutina – onde se concentra a maioria de estudantes de Relações Internacionais – e em jornada noturna – com maior presença de estudantes de Ciência Política -. Esta divisão organizativa, por sua vez, estabelece pontos de referência a partir dos quais são pautadas posições e categorizações sociais entre os estudantes no interior da Escola. Assim, por exemplo, os estudantes de Relações Internacionais da jornada matutina são considerados pelos outros como “chiques” e “apolíticos”, enquanto os estudantes de Sociologia da jornada noturna são percebidos como “bagunceiros”.

Estas categorizações também são colocadas em pauta nas eleições para se situar, aliás, para compor facções e inclinar o voto a favor de uma ou outra chapa, segundo a composição interna desta. Diante de tais circunstâncias, durante a campanha eleitoral, as chapas se esmeram em mostrar a diversidade em sua composição, como prova de sua aptidão para representar a totalidade, e o candidato ou candidata para a Secretaria Geral como uma *pessoa* que transcende as fronteiras sociais que delimitam o universo social dos estudantes da escola de Ciência Política, tendo, portanto, condições para representá-los.

A noção de *pessoa* como um sujeito relacional surgiu, na análise antropológica, com Marcel Mauss (1974), que a relaciona com a idéia de um *personagem*, tal como analisado pelo autor a propósito de certas cerimônias entre os índios “pueblo”, em que é prefigurada a totalidade de um clã. Progressivamente, esta noção irá sendo transformada até chegar a uma configuração altamente individualizada, cuja forma moderna e acabada seria o indivíduo moderno. Tal indivíduo, conforme Louis Dumont (1985), teria uma distinção básica como fato e como valor, sendo o primeiro manifestado no sujeito empírico que fala, pensa e quer, enquanto o segundo seria o *ser moral* independente e autônomo que caracteriza as sociedades e a ideologia modernas (DUMONT, 1985, p. 37). Por causa dessa configuração entre sujeito empírico e ser moral, haveria uma distinção entre o indivíduo –o ser autônomo- e a pessoa relacionada com uma lógica relacional. Enquanto isso, na tentativa de superar essa dicotomia, há outras perspectivas que consideram mais interessante pensar modelos interpretativos mais dinâmicos sobre o quanto um depende do outro e constroem-se mutuamente (MALUF, 2011; GOLDMAN, 1985).

Na designação e promoção da candidatura da Secretaria Geral, pude observar como o cargo era construído a partir de certas características fornecidas pela personalidade individual de Edith, a candidata e, ao mesmo tempo notei como ela se transformou em função

do cargo e do que lhe era exigido. A designação tinha acontecido numa longa jornada de trabalho que não tive oportunidade de acompanhar, mas que me foi referida por algumas das participantes da chapa numa animada e rememorativa conversa. Nessa ocasião, as estudantes conversavam sobre a experiência de vida que para elas significava terem sido designadas como candidatas e participarem de uma eleição estudantil dentro da Universidade, não importando, em consequência, o resultado final. O primeiro passo daquela jornada, comentaram, consistiu em deixar abertas as possibilidades para que cada um elegeesse a Secretaria de sua predileção; caso houvesse dois ou mais interessados para um mesmo cargo, se faria uma votação levando em consideração as características dos postulantes e sua proximidade com o cargo. No resultado da primeira roda, quase todos os postos foram decididos, exceto a Secretaria de Organização, em que coincidiram Edith e Elsa, e a Secretaria Geral, apenas aspirada por um estudante chamado Alberto.

Alberto era um jovem de 21 anos de idade, mas sua aparência física de grande tamanho, seus gestos sérios e seu discurso confiante davam a sensação de se estar diante de alguém de muito caráter e experimentado. Com efeito, a capacidade e o conhecimento de Alberto faziam com que ele fosse constantemente requisitado para opinar sobre assuntos importantes ou dar avisos ao *estudiantado* nos *passos de aula*. Mas paradoxalmente, essa mesma particularidade fazia dele o menos apto para representar a coletividade. O que se precisava, nesse momento, disse Elsa, era alguém, um nome que representasse os aspectos mais valorizados pelos eleitores no contexto estudantil. Considero importante citar a fala dela quando disse:

*era una figura mas amigable y cuyo discurso, sin dejar de tener contenido, fuese mas próximo a los estudiantes comunes y no tan sofisticado como el de Alberto. Tenia que ser conocido en las dos jornadas y en todos los cursos, hablar, pero no tanto para aburrirlos, y hacerlo en términos de los estudiantes, alguien que se llevara bien con todos, pero principalmente que fuese buen estudiante e inteligente (comunicação verbal).*

Essa “figura”, concluíram, era Edith, a mocinha de sorriso tímido, trato afetuoso, que escutava com atenção as intervenções dos outros e que poucas vezes contradizia sua opinião, em resumo, uma “pessoa” agradável e, portanto, a candidata ideal. Mas ao mesmo tempo, tais

características de Edith foram colocadas em discussão, principalmente quando uma nota no espaço virtual do “facebook”<sup>51</sup> a apontou como “carente de caráter” e manipulada por coletivos externos à Escola de Ciência Política, referindo-se à sua adesão ao coletivo *Comunidad Estudiantil N’oj* da Escola de História. Podemos dizer que, se bem que a biografia de Edith tivesse contribuído na construção da candidatura, também esta influía e modificava certos elementos dessa biografia, tendo que prestar atenção às maneiras com que se relacionava, não apenas com os seus eleitores, mas com amigas e amigos com os quais devia manter certas distâncias, pelo menos durante o tempo da eleição. A presença de uma colega do grupo no Tribunal Eleitoral Estudantil, fato que somente pude perceber depois de acabado o processo, mostrou o distanciamento que havia ocorrido entre ambas.

Isso, por outro lado, nos mostra a condição liminar dos candidatos durante o processo no qual perdem a sua identidade como representantes, identidade esta que somente será restabelecida após a votação, para a qual trabalham incessantemente durante a campanha. Cumpre, então, descrever nuances dessa campanha.

### 3.1.2 Locais da produção da representação estudantil

As atividades dos estudantes delineiam trajetos e recortam o espaço de acordo com o tipo de evento: festividades e comemorações atingem praças e pátios, tanto no interior do campus universitário quanto em outras localidades fora dele, como no caso da *Huelga de Dolores*, debruçada para a irrupção no espaço público; greves, manifestações e caminhadas preenchem ruas, fecham ingressos e saídas, definem rumos ou os desfazem para marcar simbolicamente a presença dos grupos. Nas eleições estudantis para Associação o trajeto não era feito por grandes massas nem por grandes reuniões públicas nas praças

---

<sup>51</sup> Não me deterei na análise do papel dos meios cibernéticos por não contar com suficientes dados etnográficos quanto aos elementos de análise da sociabilidade no “ciberespaço”; considerei mais relevante me concentrar noutros espaços, como a sala de aula e o debate, por considerar que são estes os mais expressivos das situações aqui descritas. Contudo, vale mencionar que *El Colectivo* utilizou apenas a modalidade de “comunicação mediada por computador”, tal como entendida a noção por Maria Elisa Maximo (2006), denominada “facebook” que, aliás, foi por mim aberta a petição dos membros da chapa ocupados nesse momento em outros assuntos. Citando trabalhos sobre redes sociais e ciberespaço, a autora coloca que “a predominância do texto escrito e a ausência de características físicas dos atores permitem que certas normas sociais convencionais nas interações face a face sejam desafiadas e que determinados aspectos das personalidades – inibidos em outras circunstâncias – sejam exercitados.” (MÁXIMO, 2006, p. 26).

ou pátios interiores, mas por pequenas comitivas das chapas concorrentes, que passavam de sala em sala, solicitando a licença do professor para lembrar o desenvolvimento do processo eletivo e a apresentação dos candidatos.

Esta estratégia faz parte dos repertórios<sup>52</sup> utilizados por todo tipo de agrupações dentro da Universidade, com os mais diversos fins, desde anunciar festas, palestras até o fechamento de prédios. Ela é nomeada como *passo de aulas*. Ninguém que tenha assistido às aulas universitárias deixa de presenciar pelo menos um *passo de aulas*. Eles são momentos de comunicação e resolução de assuntos públicos entre estudantes, atingindo também professores e autoridades segundo a matéria em pauta. No tempo de eleições, as aulas se convertem num espaço privilegiado para se observar a mobilização de recursos e materiais simbólicos dos concorrentes, para a geração de simpatias, adesões e interações entre candidatos e votantes.

Segundo Irllys Alencar Firmo (2006, p. 192) a construção das campanhas políticas passa longe da espontaneidade, se constituindo em um processo em que se conformam estratégias e modos variados de se fazer apresentar. Certamente *El Colectivo* não executou os *passos de aulas* sem uma preparação prévia. Na montagem da estratégia do *passo de aulas*, da qual tive a oportunidade de participar, os estudantes definiram a forma de entrar na sala, qual a pessoa responsável pela moderação, a ordem de apresentação dos candidatos e quais os responsáveis para responder a perguntas de difícil tratamento. Também definiram aquilo que poderia ser dito e como os discursos deveriam ser feitos, dependendo da sala de aula, pois tinham a certeza de que em algumas delas o apoio era irrestrito, - seja porque algum dos candidatos fazia parte dela seja porque representavam a jornada ou o curso - , enquanto outras salas eram menos empáticas, por se tratarem de “territórios” - segundo o uso nativo do termo - das outras chapas.

O ensaio geral da estratégia teve lugar na sede da Associação, onde foi montado o cenário de uma sala de aula. Os candidatos se colocaram na frente enquanto nós nos ocupamos em fazer o papel da platéia. Nossa tarefa era pontuar aquilo que considerávamos erros ou dificuldades nos discursos e também lançar perguntas complicadas a fim

---

<sup>52</sup> Segundo McAdam, Tarrow e Tilly (2009), os repertórios podem ser pensados como “desempenhos alternativos historicamente estabelecidos”, e entre eles figuram, por exemplo, reuniões públicas, demonstrações, passeatas, campanhas eleitorais, empenho em fazer petições, pressão ou mesmo ocupações.

de prever o seu tratamento. Eu fiz uma gravação do exercício que depois serviu para, à maneira de atores de cinema, enxergar suas posturas corporais, ademãs e gestos, modulações de voz e conteúdo de suas falas.

Entretanto, a execução da estratégia mostrou sua condição ideal para se observar o caráter liminar do processo. A eleição de Associação era compreendida não apenas em termos de continuidade de mandato ou administração do espaço institucional, mas também pelas dificuldades e carências que a escola tinha. Os discursos e o material propagandístico, tanto de *El Colectivo* quanto das outras chapas, eram explícitos em pontuar a falta de qualidade do ensino e da formação, a falta de espaços de participação e a falta de consciência. Reagindo a isso, os programas de trabalho destacavam a necessidade de mudanças e de influencia nos órgãos de direção da escola, em suma, a importância de um melhoramento acadêmico, desenhando claramente um plano de *ação corretiva* através das políticas propostas pelos estudantes.

Dois dias antes do primeiro turno da votação, o Tribunal Eleitoral Estudantil organizou um debate no pátio interior do prédio de Ciência Política, no qual as chapas concorrentes teriam a oportunidade de apresentar os seus planos de trabalho. Seguindo um programa geral, foram concedidos dez minutos a cada chapa para apresentar o seu plano de trabalho e a conformação da chapa. Cada chapa estava representada por uma dupla, geralmente composta pelos candidatos e pelas candidatas à Secretaria Geral e por mais outro candidato. Como representantes de *El Colectivo* apresentaram-se Edith e o candidato para a Secretaria de Atas e Acordos, chamado Gonzalo. Alguns dos concorrentes, além de apresentar a chapa, elaboraram discursos que eram cortados pelos moderadores quando cumpridos os dez minutos. Outros, ao contrário, aproveitaram para enfatizar o número e o nome de chapa na cédula de votação e para lembrar aos presentes sua aderência a certo curso ou jornada; outros argumentos também pontuavam a necessidade de superar o “continuismo”, em clara referência a *El Colectivo*.

Posteriormente, o Tribunal lançou uma série de perguntas relacionadas com o desenvolvimento acadêmico, a direção da escola e sobre política nacional. Desta vez, as respostas foram sucintas e rápidas, devido ao tempo de dois minutos que o Tribunal concedeu para responder a cada uma delas. Porém, uma das principais idéias que dominou esta última fase foi a valorização do “processo democrático”, representado pela participação de cinco chapas e pela diversidade de sua composição que, finalmente, gerou um ambiente de verdadeira

*communitas*, expresso em parabéns e desejos de sorte entre os concorrentes, para o resultado da votação.

O debate deu a oportunidade para que as distintas visões sobre a escola e os assuntos relativos a ela fossem apresentados de forma direta e ritualizada e deslocou também o lugar de produção da política, o qual passou da sala de aula para um espaço mais público, onde os candidatos estavam à vista de uma platéia mais ampla, que também incluía professores, discutindo sobre temas de abrangência nacional e com regras de competição distintas das pautadas na sala de aula, caracterizadas pela intimidade e proximidade entre “estudantes candidatos” e “estudantes eleitores” que debatem e conversam em plano de igualdade. Em suma, o debate promoveu um espaço de diferenciação dos candidatos para se apresentarem como estudantes com capacidades distintas e experiência para lidar com assuntos gerais tanto da política no interior da Escola quanto da Universidade e até do âmbito nacional.

### 3.1.3 A votação

O dia da votação tinha chegado. Desde cedo, integrantes e simpatizantes das chapas se apresentaram para participar da abertura da Mesa de Votação e da designação dos fiscais; a partir desse momento, o Tribunal estabeleceu um perímetro de dez metros além da Mesa de Votação para as chapas continuarem sua campanha eleitoral, desta vez, marcada pela estratégia conhecida como “puxar votos”, executada por meio da repartição de bugigangas e panfletos com o número de chapa. Ao longo do dia, candidatos e simpatizantes situaram-se na porta de entrada do prédio, aproximando-se, entre tímidos e sorridentes, dos estudantes que circulavam por ali sem prestar maior atenção ao que os candidatos lhes falavam; as apressadas conversas eram encerradas com frases do tipo: “boa tarde, companheiro” ou “esperamos o teu apoio”, que se perdia entre a distância de quem as pronunciava e quem continuava o seu passo, indiferente, após ter recebido um marcador de livro ou uma balinha.

A tarefa não era simples para os candidatos, muitos deles pouco experientes na atividade eleitoral, pois implicava, segundo sua própria percepção, em certa *performance* “ao estilo dos políticos”, e isso, conforme pude conversar com alguns deles, causava certa dificuldade (ou vergonha!) para “puxar votos”. A inquietação provocada surgia de sua visão sobre como fazer uma “política diferente” que tentava se afastar da opinião do senso comum que tem “o político” como “gente que só fala quando precisa de votos”. Interessados em criar essa

“política diferente”, o ato de “puxar o voto” percebia-se como uma tarefa da “política tradicional”, mas necessária para que a participação na votação fosse efetiva. Em nenhum momento observei tanto quanto naquele a maneira como as posições dos candidatos que se mostravam inseguros e hesitantes se tornaram ambíguas e indefinidas.

A votação foi encerrada depois das oito da noite. As aulas tinham acabado também e o *estudiantado* saía, como todos os dias, apressadamente do prédio; apenas iam ficando no centro do pátio os simpatizantes e membros das chapas concorrentes que esperavam o anúncio do Tribunal sobre o procedimento a seguir para o escrutínio que decidiram fazer publicamente no pátio do prédio. Uma das regras que os presentes tiveram que acatar foi não permanecer perto da mesa de votação onde seria realizado o escrutínio. Os membros das cinco chapas se concentraram em diversos pontos do pátio, acompanhando com muita atenção o ato em que, cerimoniosamente, uma das integrantes do Tribunal extraía, uma a uma, as boletas da urna; a seguir, elas eram entregues a outro membro do Tribunal, que anunciava a quem correspondia o voto e logo depois mostrava a boleta ao público; um terceiro integrante registrava a conta numa folha colada na parede. O ambiente vivido durante aquele acontecimento manifestou-se como uma verdadeira experiência de *communitas*, no sentido de se apresentar como um momento de pura vivência existencial em que houve uma experiência de suspensão temporal. Durante o período em que o Tribunal publicava os votos, ninguém se mexia, ninguém fazia barulho, aliás, ninguém falava entre si. Como se pode ver na imagem 9 (pagina seguinte), todos estavam concentrados em cada uma das marcas que se acrescentavam às contas das chapas.



**Imagem 9** Presenciando o escrutínio do primeiro turno da eleição da AACP. **Fonte:** Autoria própria

Por outro lado, a concorrência e as disputas expressadas até então tinham desaparecido e agora todos pareciam unidos pelo interesse comum dos resultados e, aliás, perto da finalização do escrutínio, tinham se aproximado uns aos outros e começavam a se parabenizar pela participação, após intuir o desfecho da votação que já evidenciava os ganhadores. A última cédula a ser tirada da urna foi acompanhada de aplausos e abraços entre todos os presentes que, na maior manifestação dessa comunhão, gritaram juntos a palavra de ordem da Escola: “*Crítica y analítica* (segue o coro) *Ciência Política*”. Finalmente, o Tribunal anunciou a necessidade de um segundo turno e as chapas que iriam concorrer nele: os resultados da votação favoreceram *El Colectivo* e o coletivo *Omega*.

Cinco dias depois, abriu-se novamente o processo eleitoral para a realização do segundo turno. Ao contrário da primeira vez, após a jornada de votação, o Tribunal Eleitoral decidiu realizar o escrutínio “a portas fechadas”, contando apenas com a presença dos fiscais e mais um integrante para cada uma das chapas. Antes de ingressar na sala que serviu de local da votação, o Tribunal Eleitoral fechou a urna com fita adesiva perante os que estávamos presentes e pediu para não se interromper o escrutínio por nenhum motivo. O primeiro a ingressar na

sala foi o Tribunal, seguido dos designados pelas chapas. Pelo *El Colectivo* foram designadas Edith e Clara, esta última integrante do coletivo *Comunidad Estudiantil N'oj*, da Escola de História, que tinha agido como fiscal e observadora externa do processo. Ao ingressar no local, ambas foram abraçadas e animadas por todos os membros do seu coletivo, que se colocaram na porta de entrada da sala antes de ser fechada.

Eu me encontrava ao lado de Ernesto, que me disse que aquilo acontecia sempre assim, que quando ele participou estava muito assustado antes de entrar e que os seus companheiros o animaram a seguir “como se estivesse entrando num sacrifício”. Fora da sala de aula, a força emotiva com que era vivido o acontecimento ultrapassava o plano cognitivo e racional, passando para o existencial. A sensação de dúvida e incerteza das últimas horas era compensada pelo ambiente festivo carregado de lembranças, rodas de piadas e músicas, acompanhadas de cachaça com que os membros do *El Colectivo* passavam a situação. A situação não era menos diferente com os estudantes da outra chapa, que tinham se agrupado perto de uma das janelas para tentar dar conta do escrutínio.

O tema comum, entretanto, era a experiência de vida que a participação na eleição fornecia a cada um dos que se encontravam ali presentes, valorizando-a como uma oportunidade para ir além do papel comum de estudantes e participar politicamente na Universidade, oportunidade esta que, como bem assinalava Ernesto, muitos deles não voltariam a ter. A força da experiência era tal que chegava a ser vivida como um assunto transcendental que marcava as suas vidas.

Às onze da noite o escrutínio terminou e os participantes saíram da sala de aula. Levando em conta a expectativa dos que nos encontrávamos fora, Edith, com o rosto emocionado e tímido que a caracterizava, levantou levemente a mão em sinal de vitória antes de o Tribunal ler a ata que declarava ganhadora do processo à chapa de *El Colectivo*. O anúncio foi seguido de gritos de vitória, aplausos e uma ciranda de abraços. Finalmente, a chapa ganhadora fez uma roda de comentários em que trocaram saudações e os estudantes, cada um de seu jeito, puderam expressar a “intuição” que tinham de que aquela eleição seria ganha. Agora, as atitudes e palavras hesitantes eram substituídas por outras, que falavam de “confiança”, “certeza de que tudo ia dar certo” e daquilo que para eles correspondia a um “momento histórico”.

Chegamos assim ao final do processo que, de acordo com o que foi ouvido durante a roda de saudações, ganhou uma coerência capaz de explicar o que tinha acontecido e como as dificuldades “valeram à

pena”. O seguimento deste processo permitiu pensar como a *liminarietà* e a *communitas* trabalham também para a regeneração e manutenção da estrutura. A fase de *reintegração* deste tipo de processos sociais, conforme o modelo de Victor Turner (2008), é uma oportunidade para se observar, no campo político, por exemplo, modificações no ordenamento das relações e posições. Assim status elevados podem ter-se tornado status baixos e vice-versa. E, como no caso aqui revisado, o que se pôde observar foi a re-afirmação de um poder por meio da reeleição da chapa que até então tinha o controle da Associação. O status tinha sido modificado e, em consequência, os novos cargos foram consagrados.

### 3.2 A ASSEMBLÉIA GERAL DE ESTUDANTES E A OCUPAÇÃO DA ASSOCIAÇÃO DE ESTUDANTES DA ESCOLA DE HISTÓRIA, ARQUEOLOGIA E ANTROPOLOGIA - AEHAA-

Paralelamente ao processo eletivo acontecido na escola de Ciência Política, também os estudantes da escola de História se preparavam para encarar a eleição de sua respectiva Associação Estudantil. Porém, este outro processo esteve marcado por uma crise que se tornou o ponto de partida dos acontecimentos. O motivo de controvérsia foi a disposição do Tribunal Eleitoral de estabelecer como um dos requisitos de inscrição das chapas não ter agredido física, verbal ou psicologicamente membros da Junta Diretiva da Associação e não pertencer a nenhum credo religioso ou partido político, requisitos estes que geraram reações de recusa e indignação entre as agremiações político-estudantis que estavam interessadas em concorrer à eleição.

Segundo Emilio, membro de uma agremiação estudantil, estas disposições eram de “caráter subjetivo” e apenas respondiam a uma estratégia política do FORC para se manter no controle da AEHAA, pois, como ele dizia, era claro que a maioria dos envolvidos em política estudantil, e até mesmos os membros do FORC, faziam parte de alguma organização exterior à Universidade e além disso, como avaliar se algo era uma agressão num contexto onde “*todos nos sacamos la madre a diario*”<sup>53</sup>.

---

<sup>53</sup> “*Sacar la madre*” (“tirar a mãe” ou “mencionar a mãe”) é um xingamento comum para mostrar inconformidade e rejeição de alguém ou de seus argumentos. O seu uso corriqueiro tem inúmeras cargas afetivas; uma pequena inflexão ou uma mudança de tom podem ser suficientes para que a expressão seja considerada sem importância ou provoque grandes brigas. A respeito de suas origens e de seus usos, principalmente no México e na América Central, Octavio Paz faz uma bela e poética descrição no seu livro *O Labirinto da Solidão*. Nele, o

No dia 23 de novembro, a *Comunidad Estudiantil N'oj* tomou a iniciativa e convocou uma assembléia geral de estudantes para discutir as formas de reagir à situação. Eu me encontrava na escola de Ciência Política, apoiando a organização da festa de celebração da AACP, quando apareceu Emilio para nos convidar, na qualidade de observadores externos, a participar da assembléia. Eram cinco da tarde e os preparativos da festa deviam estar já prontos; sendo assim, Joel e Alberto, que eram, junto comigo, os únicos que aí se encontravam, recusaram-se a participar; quanto a mim, dirigi-me de imediato para o lugar.

Minha relação com os estudantes de História e, em específico, com os da *Comunidad Estudiantil N'oj*, tinha sido menos próxima do que com os de Ciência Política. Apenas tinha interagido em duas ou três reuniões em que foram discutidos assuntos da *Reforma Universitaria* e individualmente, com mais proximidade, com Clara, a representante do coletivo nas *Mesas de Diálogo*, e com Manuel e Emilio, este último meu principal contato e facilitador de minha participação em outros espaços. Para os demais estudantes eu era totalmente desconhecido.

Tendo em vista tais circunstâncias, sentia um pouco de reserva em me apresentar sozinho naquele evento, pois Emilio, após ter-nos convidado, continuou sua tarefa de distribuir convites em outras unidades acadêmicas. Quando cheguei ao prédio de História, vi que a assembléia tinha começado e desde a janelinha da porta de entrada podia-se perceber que o comparecimento era grande, ao redor de 60 ou 70 estudantes, o que, comparativamente aos 972 estudantes registrados no curso, era já bastante. Hesitei em ingressar e preferi esperar Emilio que, afortunadamente, apareceu logo; assim, minutos depois, estávamos dentro da sala.

Emilio dirigiu-se à parte frontal para se reunir com os seus colegas da *Comunidad Estudiantil N'oj* que moderavam e lideravam a assembléia, enquanto eu fui para o fundo, de onde consegui ter uma visão geral dos participantes. Aquela turma diferenciava-se, em sua aparência, dos estudantes de Ciência Política, tal como tínhamos conversado em alguma ocasião com Elsa e Natalia. Aqui, a estética da

---

autor diz: “*En suma, chingar es hacer violencia sobre el otro. Es un verbo masculino, activo, cruel: pica, hiere, desgarrar, mancha. Y provoca una amarga, resentida satisfacción en el que lo ejecuta. Lo chingado es lo pasivo, lo inerte y abierto, por oposición a lo que chinga, que es activo, agresivo y cerrado. El chingón es el macho, el que abre. La chingada, la hembra, la pasividad, pura, inerme ante el exterior. La relación entre ambos es violenta, determinada por el poder cínico del primero y la impotencia de la otra*”. Em: ***El laberinto de la soledad, Posdata y vuelta al laberinto de la soledad***, Fondo de Cultura Económica, México, 1992.

turma variava, havendo estudantes vestidos à moda dos *hippies*, *rockers* e outros que usavam uma indumentária de uso comum, principalmente entre os estudantes de arqueologia e antropologia, caracterizada pelo uso de calça tipo comando, botas de montanhismo, camisetas com desenhos indígenas ou da estética revolucionária e cachecol com estampa quadriculada, conhecido como “palestina” por seu parecido com as vestimentas das populações do Oriente Médio.

Além de membros e simpatizantes do *N’oj*, encontravam-se também ali os integrantes do coletivo *Rogelia Cruz*, composto principalmente por mulheres estudantes que reivindicavam a figura da estudante e integrante do “movimento estudantil universitário” Rogelia Cruz, seqüestrada e assassinada durante o tempo do Conflito Armado; os participantes do coletivo *El Papel*, cuja política de “resistência” era veiculada por meio de atividades artísticas, como o grafite e a poesia; e ainda os participantes do *Bloque en Resistência*, coletivo surgido durante os protestos nacionais contra a assinatura do Tratado de Livre Comércio entre o Estado de Guatemala e os Estados Unidos de América.

O público total da assembléia era completado por outros estudantes não organizados nestes coletivos; mas agora, estavam todos reunidos, discutindo a forma de reagir às condições colocadas pelo Tribunal Eleitoral Estudantil e pela Associação de estudantes para a inscrição de chapas ao processo eletivo da nova Junta Diretiva. Depois de duas horas de discussão sobre como reagir perante aquilo que os presentes na Assembléia consideravam “uma falta contra a democracia”, Manuel, um estudante que estudava paralelamente nos cursos de História e Direito, evocou a palavra “seqüestro” para se referir a uma figura jurídica legal reconhecida no Direito Geral<sup>54</sup> e que poderia servir de fundamento para a apropriação do livro de Atas da Associação de Estudantes de História, no qual redigiriam a “falta cometida” e as novas disposições surgidas da celebração da assembléia. A palavra “seqüestro” atendeu, entre os participantes, uma emoção que rapidamente foi aquecendo os ânimos dos estudantes que, levantados de suas cadeiras, gritavam e animavam todos a “seqüestrar o livro de atas”. Por seu lado,

---

<sup>54</sup> No *Código Procesal Penal* guatemalteco se estabelece que o sequestro de bens é uma diligência de procedimento penal comum no qual “*Las cosas y documentos relacionados con el delito o que pudieran ser de importancia para la investigación y los sujetos a comiso seran depositados y conservados del mejor modo posible. Quien los tuviere en su poder esta obligado a presentarlos y entregarlos a la autoridad requiriente. Si no son entregados voluntariamente, se dispondrá su secuestro*”. Artigo 198 do *Código Procesal Penal* da Guatemala.

Manuel, que se caracterizava por ser um indivíduo calmo e pacífico, tentava por todos os meios se fazer escutar, dizendo que a medida precisava ser discutida e os procedimentos legais observados. Contudo, suas palavras tinham agido como pólvora e agora uma grande turma exaltada atiçava os ânimos a fim de que todos se dirigissem à sede da Associação, localizada ao lado da sala em que agora nos encontrávamos.

### 3.2.1 A disjuntiva entre a legalidade e a legitimidade

Ainda sem chegar a considerar a ocupação da sede da Associação como uma possibilidade, os participantes da assembléia se encontravam perante uma disjuntiva difícil de resolver: como reagir contra os obstáculos colocados pelos requisitos exigidos pelo Tribunal Eleitoral sem quebrar, eles também, a normativa legal de organização e eleição estudantil.

O primeiro tópico considerado pelos estudantes era a própria realização da assembléia geral que, se guiados pelo texto dos estatutos da AEHAA, já significava uma ruptura da legalidade, pois a convocatória para realizar uma assembléia era uma atribuição exclusiva da Junta Diretiva, a partir de uma petição de, pelo menos, vinte estudantes, com dois dias de antecipação. Em tais circunstâncias, para alguns dos presentes, era preciso se manter no marco da legalidade e por isso o objetivo da assembléia em andamento devia ser a redação da solicitação formal para a realização de uma nova assembléia com a presença da Junta Diretiva. Isto, na opinião desses estudantes, lhes permitiria mostrar o caráter “legítimo” tanto pelo “respeito da lei” quanto pelas suas posições democráticas com relação ao FORC que, ao contrário deles, tinham agido de maneira “autoritária” e “unilateral”.

Outros estudantes, porém, consideravam que agir dessa maneira somente beneficiava os interesses do FORC que, com isso, encontraria motivos para adiar as eleições, por um lado, enquanto por outro contribuiria para dar legitimar a uma autoridade que tinha demonstrado sua incapacidade para representar os interesses da maioria. Uma das representantes do coletivo *Rogelia Cruz*, por exemplo, na sua intervenção, enfatizava que, diante das circunstâncias e da atitude assumida pelos membros do FORC, era muito mais importante prestar atenção à legitimidade do que à legalidade, e que, portanto, toda ação empreendida deveria ser considerada necessária. A maioria da assembléia concordava com essa posição, mas mesmo assim, estavam cientes de que, embora uma boa quantidade de estudantes estivesse ali presente, não chegavam a representar a totalidade do *estudiantado* da

Escola de História; particularmente, tinham maior preocupação com os estudantes da jornada sabatina, que comumente eram deixados à margem dos acontecimentos, mas representavam uma boa porcentagem do *estudiantado*. E isso, nos termos discutidos, não era considerado “legal” e muito menos “legítimo”.

Diante dessas circunstâncias, os estudantes decidiram continuar a assembléia e informar àqueles outros, não presentes, que se tratava de uma situação especial para a qual eram obrigados a agir, tal como feito nesse momento, criando-se, assim, um “estado de exceção” - no sentido utilizado por Giorgio Agambem (2004) – como dispositivo necessário para restituir a ordem jurídica que, na sua perspectiva, havia sido transgredida pelo Tribunal ao modificar os estatutos. Os argumentos expressos no comunicado público da assembléia eram claros em definir aquele momento como um período de transição, segundo se lê no seguinte trecho:

*“...Por este momento queda anulada la convocatória a elecciones realizada por la ex-junta directiva, **en tanto la autoridad electoral provisional** constituida informa las reglas y los procedimientos que debemos respetar...”*<sup>55</sup> (grifo nosso).

Já em outra parte o mesmo comunicado pontuava que:

*“...La Asamblea, com un espacio construido a raiz de la crisis institucional que vive la Universidad de San Carlos, ha decidido de manera democrática, participativa e incluyente retomar dicho espacio (a sede) y **conformar el Tribunal Electoral que dará vida, legalidad y sobre todo legitimidad al proceso** eleccionario para la Junta Directiva de la AEHAA...”* (grifo nosso).

Como se pode constatar, não apenas se instaurava uma autoridade provisional e se suspendiam as regras, mas também existia a certeza de que era preciso dar legitimidade a essa “necessidade” de tomar medidas sobre a qual a representante do coletivo *Rogelio Cruz* tinha chamado a

---

<sup>55</sup> Comunicado do dia 23 de novembro de 2010, da Assembléia de Estudantes da Escola de História, distribuído publicamente na data.

atenção. De fato, foi ela mesma quem propôs que, no intuito de fornecer “força histórica” e respaldo às suas ações, o novo Tribunal Eleitoral deveria ser integrado por ex-Secretários e Secretárias da Associação. O argumento da estudante era que, em se tratando de um “Tribunal histórico sem interesse sobre a situação”, poderia agir com completa imparcialidade e revestido de uma legitimidade que dificilmente poderia ser questionada.

Neste ponto, a opinião foi novamente dividida entre os que apoiavam esta idéia e os que consideravam melhor conformar o novo Tribunal dentre eles mesmos, baseados nos critérios de maioria numérica, representação de todos os coletivos que existiam na Escola e capacidade de demonstrar as faltas cometidas pelo FORC, para dar conta da legitimidade de suas decisões.

Finalmente, os participantes da assembléia chegaram a um consenso diante das seguintes decisões: a legitimação da celebração da assembléia por meio de sua redação no livro de atas; o desconhecimento da Junta Diretiva da AEHAA e do Tribunal Eleitoral Estudantil; e a instauração de um novo Tribunal entre eles e o re-agendamento das eleições sem observar, por esta única vez, os prazos estabelecidos nos Estatutos. Tais decisões seriam comunicadas ao resto da população estudantil dessa escola através de um “*passo de aulas*” do novo Tribunal Eleitoral Estudantil e dos representantes estudantis de cada sala de aula.

É importante sublinhar que o que estava acontecendo mostrava a natureza construída tanto da legalidade quanto da legitimidade, apesar delas estarem baseadas na convicção, por parte dos estudantes da assembléia, de que tinha existido uma “falta contra a democracia” que os “obrigava” a agir daquele jeito. Agambem (2004, p. 46), discutindo a ingenuidade de se pensar a objetividade das ações excepcionais como o resultado de uma necessidade, diz sobre esta última que, longe de se apresentar como um dado objetivo, ela implica um juízo subjetivo segundo o qual “necessárias e excepcionais são, é evidente, apenas aquelas circunstâncias que são declaradas como tais.” Isto, no caso aqui tratado, pode ser melhor advertido considerando as circunstâncias anteriores que levaram àquelas decisões e que, como desenlace do processo, levaram à ocupação da sede da AEHAA.

### 3.2.1 A lógica moral do conflito e a ocupação da sede da AEHAA

Para acompanhar esta fase será necessário identificar os seus principais atores. Em primeiro lugar, estava aquele em torno do qual se gerou o conflito: a *Frente Estudiantil “Otto René Castillo”* - FORC-, que desde 2009 controlava a Associação. Este coletivo tinha sido o resultado de uma “recomposição” de outro coletivo de forte presença na Escola de História desde o ano de 2000, o FEU - *Frente Estudiantil Universitario* -, conhecido por suas posições ideológicas radicais e pelo seu discurso carregado de retórica revolucionária<sup>56</sup>.

Diego, um dos integrantes deste coletivo, explicou-me que o objetivo deles era transformar-se numa força política ampla dentro da Universidade, a qual integraria a maior parte de Escolas e Faculdades. A estratégia tinha sido “um assunto, assim, meio *retro*”, disse-me ele sorrindo, pois se tratava da criação de “células” seguindo o modelo da teoria do foco inspirada na experiência revolucionária de “*El Che Guevara*”.

Em segundo lugar, encontrava-se a *Comunidad Estudiantil N’oj*, coletivo político interfacultativo cuja principal base era a Escola de História e que se compunha principalmente de estudantes que tinham ingressado nos últimos dois anos na Universidade. Suas inclinações político-ideológicas não eram muito diferentes das reivindicadas pelos membros do FORC; embora com discursos menos confrontadores e ortodoxos, eles também apelavam à constante luta contra políticas nacionais e universitárias consideradas como “neoliberais” e “antidemocráticas”. A *Comunidad Estudiantil N’oj*, entretanto, até então, não tinha administrado a Associação nem participado em contendas eleitorais dentro da Escola. Sua maior relevância no âmbito universitário deu-se com a participação na greve estudantil promovida por EPA em agosto de 2010.

Foi precisamente seu posicionamento perante a greve, segundo me foi referido por Emilio e Diego, o ponto de ruptura definitiva das relações entre ambos os coletivos, já minadas pelas percepções iniciais que tinham uns sobre os outros. Entre elas, cabe mencionar as diferenciações geracionais tratadas no capítulo II, segundo as quais os

---

<sup>56</sup> De fato, como Diego me indicara, a nomeação do coletivo com o nome do poeta e guerrilheiro guatemalteco deu-se em reconhecimento da sua trajetória e de seu posicionamento político ideológico que apelava à necessidade da luta armada como via de transformação social da Guatemala. Otto René Castillo formou parte da organização guerrilheira *Fuerzas Armadas Rebeldes* - FAR -, foi capturado e queimado vivo pelo Exército de Guatemala em 17 de março de 1967.

integrantes do FORC eram considerados como “dinossauros” enquanto a *Comunidad Estudiantil N’oj* associava-se com as “novas gerações”.

Durante a greve, a *Comunidad Estudiantil N’oj* apoiou e participou no fechamento da Universidade. O FORC, por sua parte, embora solicitado pelos primeiros a se pronunciar em nome da AEHAA, decidiu não avaliar institucionalmente a participação do *N’oj*, argumentando que eles não representavam os interesses da maioria dos estudantes da Escola de História e que desconfiavam dos interesses dos líderes do EPA.

Diante de tais circunstâncias, o *N’oj*, junto com os outros coletivos, *Rogelia Cruz* e *El Papel*, decidiram convocar uma assembléia geral de estudantes no intuito de forçar a Associação a se posicionar em relação à greve. A Associação, por sua parte, também convocou uma assembléia, na mesma data proposta pelos primeiros, embora em localidade diferente, iniciando assim uma série de confusões e acusações recíprocas sobre as competências e os limites de ação de cada coletivo. Estas acusações podiam ser constatadas nos comunicados colados nas paredes do prédio dessa escola.

Para os membros do FORC, segundo me foi referido por Diego, o principal motivo para não participar da greve foi a negativa em fazer parte de “um plano orquestrado com anterioridade” e por meio do qual o Conselho Superior Universitário - CSU - disfarçava suas “políticas neoliberais”, fazendo crer aos estudantes que as decisões eram democráticas. Para eles, a instalação das *Mesas de Diálogo* para a formulação do *Congresso de Reforma Universitária* eram medidas dilatórias e legitimadoras de decisões que tinham sido tomadas alhures.

Sob esse argumento, referiu Diego, o FORC tinha se posicionado, desde 2002, contra as políticas privatizadoras da USAC, liderando a organização dos estudantes e o diálogo com o CSU até que, em 2008, decidiram definitivamente não continuar, por considerarem o diálogo “não adequado” e “se prestando” ao jogo político encenado pelo CSU. Segundo eles, as medidas a tomar deviam ser mais radicais e livres de qualquer negociação com as autoridades, pois, segundo suas palavras, “a greve era algo que nós tínhamos proposto desde o início, mas não do jeito que eles fizeram”, disse Diego, acrescentando que “a proposta era ocupar a Reitoria e não sair daí até ter conseguido o re-establishment do direito de voto dos estudantes”.

Tal posição foi interpretada pelos outros coletivos como uma atitude “vertical” e “arrogante” dos membros do FORC que, “ao estilo da velha militância guerrilheira”, pretendiam ser os líderes únicos do

movimento. Veja-se, por exemplo, no seguinte trecho de uma publicação feita nas redes sociais, como isto era expresso:

*“... debido a su practicas verticalistas y guerrilleristas ellos querian la dirección del movimiento y sabemos que ellos mismos le plantearon a EPA sobre eso y la respuesta fue negativa. La otra situación es que caen, es en posiciones que demuestran sus prácticas vanguardistas propio de la tradición histórica de las direcciones guerrilleras o estalinistas, que termina aislándose de los movimientos que puedan cambiar la historia o los llevan por caminos que traicionan la revolución (sic)<sup>57</sup>.”*

Dessa maneira, para os membros da *Comunidad N’oj*, a negativa do FORC era uma clara mostra do distanciamento destes últimos dos interesses da maioria estudantil, e em consequência, recém-finalizada a greve de EPA, apoiados nesse argumento, eles exigiram a renúncia da Junta Diretiva da AEHAA.

Poderíamos pensar, a partir destes antecedentes, que o conflito latente na assembléia, que acabamos de descrever, tinha já as condições para explodir. As diferenças e acusações mútuas faziam da relação entre a *Comunidad N’oj* e o FORC algo irreconciliável, porém, as diferenças de visão sobre a política estudantil poderiam bem ser dirimidas na concorrência pautada no processo eleito que se tentou levantar, com um tipo de *ação corretiva* regulada e ritualmente executada. A particularidade desta disputa, segundo me parece, estava ancorada num plano de moralidade no qual as posições do FORC foram avaliadas como uma forma de desrespeito aos sentimentos coletivos. Vejamos, por exemplo, mais um trecho do comunicado da assembléia no qual os estudantes argumentam:

*“Todo esto se hace debido a la **incompetencia, espíritu anti-democrático** y sobre todo a la **actitud autoritaria, déspota y reaccionaria** de la desconocida Junta Directiva (Frente Otto René*

---

<sup>57</sup> Comunicação publicada em cartazes no prédio da Escola de Ciência Política e na revista eletrônica *El Socialista Centroamericano*, em 05 de julho de 2011. Em [www.albedrio.org](http://www.albedrio.org)

*Castillo). Asi mismo por ignorar a la mayoría estudiantil que ha ejercido el derecho máximo plasmado en Asamblea Estudiantil, por manipular arbitrariamente los estatutos de la Asociación de Estudiantes, que somos todas y todos, sin consenso de la mayoría estudiantil”* (grifo no texto original)

A ênfase no próprio texto nos ajuda a ver o valor que os estudantes, reunidos na assembléia, atribuíram ao caráter moral da situação. Axel Honneth (2003), em discussão sobre os motivos que geram as lutas sociais, chama a atenção para a gramática moral que subjaz em muitas destas e que é gerada a partir de uma experiência moral de desrespeito. Era nesses termos de moralidade ofendida que os estudantes se manifestavam no desenvolvimento da assembléia quando, por exemplo, diziam que “isso não se faz com a gente”. Uma das estudantes foi mais explícita ao dizer efusivamente: “já chega desses que se dizem de esquerda e atuam autoritariamente”.

Tanto na alusão da estudante quanto no trecho do comunicado citado podemos encontrar elementos que nos ajudam a pensar na origem do conflito a partir dessa lógica moral. Isto não significa que a ação empreendida estivesse liberada de interesses políticos ou mesmo que fosse uma ação irracional, mas que, particularmente, ela seguia uma lógica de reação moral que se complementou com a perseguição de interesses quando já orientadas as decisões da assembléia.

Certos termos, como “esquerda”, “autoritarismo”, “atitude antidemocrática” faziam parte de uma semântica coletiva que permitiam interpretar as experiências de desapontamento individual de alguns dos presentes e, em particular, da *Comunidad Estudiantil N’oj* quando recebida a recusa do FORC em participar da greve, como algo que afetou a coletividade e que foi expresso claramente nos seguintes termos de: “ignorar à maioria estudiantil”.

Segundo Axel Honneth (2003), a existência do vínculo entre a experiência individual e o sentimento coletivo, além de permitir o compartilhamento dessa semântica coletiva, também produz uma motivação secundária em que a vergonha social abre a possibilidade para que os indivíduos possam se manifestar. O engajamento individual na luta coletiva, diz o autor, “restitui ao indivíduo um pouco de seu auto-respeito perdido, visto que ele demonstra em público exatamente a propriedade cujo desrespeito é experimentado como uma vexação.”

(HONNETH, 2003, p. 259-260). Tal perspectiva nos ajuda a pensar como a lógica moral que comandava a assembléia também promoveu entre os estudantes uma motivação que, finalmente, os levou a ocupar a sede da AEHAA e a restituir-se o auto-respeito e a dignidade.

Um dos momentos mais emotivos dessa percepção foi aquele em que entoaram coletivamente a frase “*No pasarán*”, que faz parte dos repertórios estudantis e que, extraída de uma canção do mesmo nome, expressa poeticamente o amor e a luta pela defesa do direito conquistado. Eis um trecho da canção:

*“No pasarán / los venceremos amor no  
pasarán / Si mañana que irrumpa el nuevo  
dia / con su fiesta de pajaros y niños /  
aunque no estemos juntos te lo juro / No,  
no pasarán / (grito): Luchamos para  
vencer! / (resposta): No pasarán”.*<sup>58</sup>

Com a ocupação da sede e a conformação do novo Tribunal Eleitoral Estudantil terminava o processo aqui descrito. Em janeiro de 2011 foi convocada a eleição para a Associação Estudantil, na qual se apresentou, com chapa única, uma coligação dos coletivos que tinham participado da assembléia. Quando, meses depois, pelo correio eletrônico, perguntei para Emilio sobre o desenvolvimento da Associação, ele me respondeu: “temos diferenças, mas serão logo resolvidas”.

### 3.3 O SECTARISMO E AS EXPECTATIVAS DE MUDANÇA

Gostaria de finalizar este capítulo retomando uma questão que esteve constantemente presente nas nossas conversações com os interlocutores desta pesquisa. Na introdução desta dissertação fiz referência à percepção generalizada que há sobre uma suposta “desorganização” e “divisão” da organização estudantil e ao papel emblemático e insuperável que a organização estudantil, conhecida como o “movimento estudantil universitário”, guarda em relação à primeira. Tal percepção não é apenas externa aos estudantes, mas corriqueira entre eles.

---

<sup>58</sup> A letra da canção é extraída de um poema da poetisa nicaraguense Gioconda Belli, musicalizado pelo cantor e compositor Luis Enrique Mejia Godoy, ambos simpatizantes da Frente Sandinista para a Libertação Nacional durante o processo revolucionário da Nicarágua, na década de 70.

Nessas circunstâncias, o engajamento dos estudantes e a valorização de suas atividades, sejam estas festividades, manifestações públicas, greves ou eleições, têm como um dos seus apelos centrais a necessidade de se organizar e de superar a “herança” de desarticulação deixada por gerações precedentes. Diversas formas de entender e explicar essa “desarticulação” circulava entre os discursos dos estudantes. Alberto, por exemplo, era explícito em dizer que se tratava de uma “herança maldita da repressão”; Diego acrescentava que era “o medo da galera”; Clara dizia que se tratava mais de uma “falta de clareza nos objetivos políticos”; outros consideravam ser o resultado da intervenção de interesses externos e partidários que fragmentavam as lutas propriamente estudantis; todas elas, entretanto, eram associadas, com insistência, a uma causa comum: o “sectarismo”.

Foi por conta do conflito na escola de História que pude apreender melhor o que isto significava entre os estudantes. Havia, em primeiro lugar, uma referência histórica da qual alguns estudantes lançavam mão. Se relembrarmos, por exemplo, o item 2.1.2, quando são relatadas as histórias de alguns estudantes, Diego referia que havia “ainda” esse “negócio dos 70”, em que diferenças político-ideológicas dividiram de forma irreconciliável as duas principais agremiações político estudantis da época: FRENTE e FERG.

Essas duas agremiações estudantis dominaram o cenário político universitário entre as décadas de 70 e 80, no momento em que foi radicalizada a atividade política dos estudantes, face à repressão praticada pelo governo guatemalteco durante o período do Conflito Armado, e se diferenciavam tanto pela forma de entender e assumir as lutas populares e revolucionárias quanto pelo papel da Universidade perante isso. A FRENTE defendia a posição de manter o espaço legal de luta que oferecia o movimento estudantil, a defesa da autonomia, o patrimônio nacional e os direitos humanos, enquanto a FERG - *Frente Estudiantil “Robin Garcia”*- não somente discutia essa posição considerada como moderada, mas também orientava suas ações, mais confrontadoras, com base na concepção de que a inclusão na luta revolucionária e popular devia “colocar o estudante ao serviço do povo.” (BARILLAS, ENRIQUEZ, TARACENA, 2000, p. 64).

Ambas as agremiações deixaram de existir como tais em meados dos anos 80. Contudo, segundo Barillas, Enriquez e Taracena (2000), a influência de sua ideologia marcou o posicionamento e a articulação de posteriores formas organizadoras, que continuaram apelando para seus pontos de vista para discutir o papel do estudante e da Universidade na transformação da sociedade. Do enfrentamento entre estas duas posições

e das visões da atividade política estudantil surgiu, no imaginário estudantil, segundo esses autores, a percepção de que a posterior impossibilidade de unificação de projetos políticos de ampla abrangência devia-se ao “*sectarismo*” herdado desde essa época.

Os meus interlocutores também faziam eco a estas percepções, considerando o “sectarismo herdado” como a existência de projetos políticos que, além de diferenciados, atacam-se entre si. Eles conseguem identificar uma atitude ou projeto “sectário” através de uma série de características, entre as quais podemos citar a “unilateralidade”, o “autoritarismo” e o “verticalismo”. Concretamente, estes comportamentos são demarcados quando um indivíduo toma decisões de forma solitária, quando permanece numa posição de poder por mais tempo do que o aceito, quando não adere a uma causa comum dos estudantes ou mesmo quando se coloca do lado das autoridades.

Segundo pude observar, especialmente no conflito apresentado entre os estudantes do curso de História, tanto os membros da Assembléia quanto os membros do FORC lançavam acusações mútuas de serem sectários ou que levavam a pensar nesta nomeação mais em termos de um recurso que faz parte das formas em que são pautadas as concorrências políticas do que de um atributo de determinados indivíduos. Pelo contrário, a forma de reagir e demonstrar que não se é sectário é um apelo constante à horizontalidade, entendida esta como o comportamento, entre os membros de um grupo, baseado em respeitar e levar em conta a opinião dos outros. Entre os membros do *El Colectivo*, da escola de Ciência Política, por exemplo, havia uma constante ênfase em lembrar a condição igualitária do grupo e em considerar as posições na estrutura hierárquica da Junta Diretiva apenas como a organização mínima para o funcionamento da Associação. Durante a sua campanha eleitoral, eles se esforçavam de modo incansável para tomar decisões em conjunto, como na ocasião em que foi colocada uma discussão para decidir se no desenho de uma das faixas o estudante devia ou não levar livros na mão, situação que para mim resultou burocrática, mas que para eles significava, fundamentalmente, a prática concreta da democracia, como foi apontado por Edith e Alberto frente ao meu comentário.

Em conversa com Emilio e Manuel discutimos sobre a tensão entre a hierarquia e a igualdade no interior dos coletivos. Para eles, era preciso manter certo grau de organização para garantir o alcance de seus objetivos como grupo. Eles chamavam a isso de “centralismo democrático”, cuja principal característica devia ser –pois ainda era uma forma ideal para eles - a prevalência da vontade coletiva veiculada e respeitada pelos seus representantes que, por sua vez, deviam

permanecer apenas por um tempo no poder sem assumir que este último fosse de sua propriedade. A hierarquia, entendiam, tinha que ser repensada e mesmo ressignificada, pois, no caso guatemalteco do exercício do poder, dizia Manuel, este tinha significado, historicamente, práticas ditatoriais e que estavam fora do seu horizonte, uma vez que não correspondiam à forma como eles o pretendiam exercer. Enquanto isso, os debates estavam em pauta e o “sectarismo” era o principal inimigo a vencer.

Por fim, procurei, nesta dissertação, mostrar as formas como é compreendida e experimentada a política entre os estudantes universitários na Guatemala. Sem dúvida, a política é um mundo carregado de um potencial bastante criativo e por vezes imprevisível, que é transformado constantemente de acordo com as expectativas, os anseios, as trajetórias e possibilidades de ação em que se entrecruzam histórias, narrativas, memórias e interesses. A passagem por esse “mundo da política” pode ser, para alguns, um dever, uma tradição familiar, um acaso, pode também ser bem ou mal sucedida, mas fundamentalmente é uma experiência de vida que tanto lhes fornece material para seguir avançando quanto alimenta a continuidade da luta política, dos que estiveram, dos que estão, dos que um dia lá estarão. Todos, segundo seu tempo, poderão dizer “*Nosotros somos los mismos. Y que?*”

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise apresentada nesta dissertação me permite dizer que a política dos estudantes da Universidade de São Carlos da Guatemala constitui-se num domínio social em que práticas e experiências entrecruzam-se e encontram terrenos fecundos para a produção de projetos individuais e coletivos em interação constante.

Como desenvolvi na Introdução desta dissertação, na atualidade, a visão dominante que serve como referência para avaliar a pertinência ou o “desvio” do que deveria ser a prática política estudantil continua a ser aquela extraída da época “gloriosa” do “movimento estudantil universitário” em que os estudantes eram percebidos como “mais comprometidos”, “organizados” e “politicamente coerentes”. Os contrastes entre esta visão e outras posteriores têm sido alvo de pouca atenção analítica no âmbito guatemalteco, apesar de que os estudantes universitários guatemaltecos continuam sendo identificados como sujeitos ativos e essências da vida política do país. O interesse particular com relação a estes sujeitos tem se concentrado em interrogações sobre “quem deve ser”, subestimando perguntas que provavelmente seriam mais produtivas para compreender sua atividade política, tais como: quem ele é? Como se configura? Quais são os seus espaços de socialização e as suas formas de engajamento? Como pratica, entende e significa a sua política? De onde tira os seus repertórios e como os manipula?

A realização de um trabalho etnográfico a partir da focalização da dimensão vivencial dos interlocutores desta pesquisa me permitiu explorar estas questões. O que se diz sobre elas não é conclusivo nem mesmo acabado, mas considero que contribui para chamar a atenção para elementos precisos que configuram os sujeitos estudantis e o seu “mundo da política”. No capítulo I, por exemplo, procurei demonstrar como a *Huelga de Dolores*, apesar da censura da racionalidade política, que vê nela maneiras deformadas da atividade política estudantil, graças ao seu caráter ritual e altamente expressivo, pode ser pensada como um lugar privilegiado para perceber as idéias e os valores que dominam o pensamento político estudantil. Três elementos se destacam nele: a centralidade dos estudantes como representantes e defensores do povo, a tentativa de proximidade com esse povo e o comportamento satírico como principal ferramenta para contestar o poder.

Por outro lado, a despeito de visões que consideram a festividade como algo caduco, a *Huelga de Dolores*, segundo permitiram compreender as experiências relatadas pelos estudantes que fizeram

parte desta pesquisa, tem como maior eficácia o seu papel articulador e organizador, entre outros possíveis ganhos pragmáticos. O que nos leva a considerar que sua vivência não se refere a uma experiência homogênea, mas a múltiplas e com as mais diversas possibilidades. Apreciação similar podemos fazer no tocante às formas de engajamento que, segundo foi analisado a partir das falas dos meus interlocutores, procedem de diversas trajetórias e vão se transformando de acordo com os campos de possibilidades enxergados. A *Huelga de Dolores*, a greve da EPA e outros atos públicos, como a *Marcha da Revolução*, manifestam-se como espaços ideais para o encontro, a socialização e a produção de projetos coletivos. Entretanto, outras passagens e outros trânsitos acontecem, de forma desdramatizada, tal como o expressava Manuel quando eloqüentemente disse: “quando percebi, já estava dentro”.

Durante o trabalho de campo tive a oportunidade de discutir sobre esta questão do engajamento político dos estudantes com um colega de minha anterior organização política. Na opinião dele, um trabalho acadêmico sobre isso deveria estabelecer claramente os mecanismos a seguir para obter um maior grau de organização da “massa” estudantil. Certamente os estudantes já agremiados e com alguma trajetória política dentro o fora da Universidade desdobram todo tipo de estratégias para alcançar tal fim, porém, as histórias, os relatos dos estudantes permitiram ver que, embora muitos deles tenham respondido a essas estratégias, não se tratava apenas de uma efetividade total dela, mas também da conjunção dessas opções abertas e das avaliações que cada um deles fez sobre o rumo de sua trajetória. Quando tentava entender essa conjunção dos projetos e os campos de possibilidades colocados por Gilberto Velho (1999) e que serviram de base para a análise praticada, especialmente no capítulo II, assisti um documentário sobre o poeta argentino Juan Gelman que explicava o teor político de alguns de seus poemas, envolvido no contexto da ditadura argentina. Ele disse que esses escritos corresponderam ao encontro, nesse momento, das circunstâncias externas com suas circunstâncias internas.

Com isto, procuro dizer que o engajamento político dos estudantes precisa ser pensado a partir de múltiplos arranjos e das circunstâncias que intervêm nas experiências dos estudantes, os quais não necessariamente respondem a uma escolha totalmente racional e deliberada, mas de acordo com o que para eles faz sentido no seu projeto de vida. Natalia, do *El Colectivo*, por exemplo, foi em busca de amigos e encontrou muitos com os quais estabeleceu um compromisso

político baseado em seus afetos, o que a levou, sem que ela tivesse “imaginado”, a ser a Secretária de Relações Públicas da Associação de Estudantes de Ciência Política.

O que citei no parágrafo anterior não significa que o engajamento político destes estudantes deva ser pensado de forma totalmente particularizada ou atendendo somente avaliações pessoais. Trata-se de pensá-lo em termos dinâmicos e criativos inseridos no processo constante de construção e transformação da realidade. Contudo, a prática política, embora com essa complexidade de trajetórias, aparece como um “mundo” homogêneo no qual interagem indivíduos com uma definição mais ou menos comum da realidade. Entretanto, isso não significa que seja um mundo estanque ou impenetrável, mas sim constituindo de interseções e de vivências que fazem dele, mais do que um mundo à parte, uma forma de ser no mundo: a da tentativa por sua transformação.

O surgimento do *Movimento de Estudantes Maias*, analisado no capítulo II, me parece uma boa oportunidade para se considerar essa homogeneidade, pois o seu surgimento levantou, segundo minha análise, a possibilidade de observar como um mesmo contexto cultural é interpretado e organizado de diferentes formas. Poucas vezes considerada nas dinâmicas das organizações político-estudantis, a diferença étnica se coloca como um desafio fundamental no debate sobre o ser estudantil e sua prática política. Até hoje, idéias associadas ao *indígena*, como exclusão, pobreza, identidade continuam a fazer parte das reivindicações apoiadas e declaradas pelos grupos estudantis. Entretanto, a diferença étnica e como se lida com ela poucas vezes foi explicitada e mesmo problematizada internamente entre as agremiações que acompanhei durante o trabalho de campo. A ideologia estudantil, entendida esta como um sistema de idéias e valores do meio social (DUMONT, 1985), é dominada por uma tendência à igualdade de caráter individualista e moderna que tende a obscurecer as diferenças ou mesmo negá-las.

O surgimento do *Movimento de Estudantes Maias* mostrou não apenas a maneira como os estudantes, diferenciados pelo marcador social do étnico, contestaram as políticas educativas universitárias, através das demandas levantadas face à realização do *Congresso de Reforma Universitária*, mas também como essa demarcação de fronteiras entre as organizações de “ladinos” e uma organização de estudantes “Maias” contestava essa ideologia da igualdade e abria a possibilidade de colocar em discussão a centralidade dos primeiros

como sujeitos privilegiados da configuração político- estudantil. O debate, entretanto, precisa se aprofundar e continuar.

Enquanto isso, a complexidade e diversidade de experiências tanto quanto o acionamento de marcadores sociais da diferença, apóiam a tentativa de refletir sobre os estudantes, indo além de uma percepção destes como um sujeito unificado, homogêneo e seguindo roteiros únicos de comportamento, para uma percepção que leve em conta o potencial criativo e inovador das ações humanas. Neste sentido, uma análise etnográfica desde a dimensão vivencial dos sujeitos, como a aqui ensaiada, mostra, como coloca Claudia Fonseca (2006), sua principal contribuição na descoberta de elementos que surpreendem a lógica dominante ou o senso comum.

Com relação a este aspecto, considero que uma das principais contribuições deste trabalho foi observar estas experiências políticas dos estudantes desde uma perspectiva ritual. Focalizadas dessa maneira, foi possível identificar os símbolos que expressam concretamente as visões de mundo dos estudantes, os momentos importantes e excepcionais e sua efetividade na produção de atos de sociedade. Participando destes eventos, marcados temporal e espacialmente, as experiências dos estudantes não navegam num vazio nem se enfrentam a um mundo sem referentes, mas encontram neles modelos de ação e repertórios com os quais interagem no seu mundo. Nessa ação *performativa* do ritual de fornecer diretrizes dos procedimentos e, ao tempo mesmo, lugares idôneos para a inovação, conforme Tambiah (1981), encontra-se a maior eficácia de uma perspectiva ritual.

A opção pela análise desde a perspectiva de *drama social* de Victor Turner permitiu, por sua vez, focalizar o caráter conflituoso dos processos sociais desenvolvidos, particularmente os descritos no capítulo III, e a maneira como as idéias e os valores que os estudantes carregam foram levadas à ação. Tratando-se de campos políticos, a organização das experiências observadas em seqüências de desenvolvimento, extraídas da perspectiva do *drama social*, permitiu observar a maneira como se produzem os re-ordenamentos e as modificações de posições no interior de cada campo. Os estudantes do curso de Ciência Política passaram por um processo estável e delimitado, com regras de competição que visavam produzir uma modificação, sendo, portanto, o foco situado nas formas de produção e conquista da representação estudantil através das figuras dos candidatos. Por sua vez, o caso da ocupação da sede da Associação de Estudantes de História permitiu levantar questões sobre a lógica moral dos conflitos

como elemento que participam na definição do rumo dos acontecimentos.

Finalmente, gostaria sublinhar que a aproximação às experiências políticas dos meus interlocutores foi, mais do que ponto de partida, um ponto de chegada. A *Huelga de Dolores*, que no início era o foco central desta pesquisa, agiu, com muita eficácia, como uma porta de entrada. Com ela começaram as curiosidades, as inquietações e quando a cutuquei descobri que havia no seu interior um mundo complexo por conhecer. Esta dissertação é o resultado de minha trajetória por esse mundo, das negociações pautadas para conhecê-lo e interpretá-lo.

Por fim, gostaria de lembrar a última ocasião em que me encontrei com os membros do *El Colectivo*, na sede da Associação de Estudantes de Política. Na verdade, eu pretendia me despedir e agradecer a oportunidade de acompanhar suas atividades, mas o encontro resultou num tipo de entrevista, desta vez deles comigo. Elsa perguntou se no final de meu trabalho de campo eu poderia dizer “quem são eles”. Talvez um dos maiores acertos que pude ter durante a experiência foi ter dito, ainda que em tom de brincadeira, que dificilmente poderia responder essa questão, mas que mesmo assim tentaria escrever mais de cem folhas para respondê-la. Entendo que a pergunta de Elsa visava obter uma avaliação do desempenho deles como agentes políticos, naquele momento, porém, a minha tentativa não foi, nem é, avaliar esse desempenho e sim tentar apreender, a partir de minha experiência com eles, o que significa, atualmente, fazer política dentro da Universidade. Em tal sentido os meus aprendizados foram muitos e espero que este trabalho contribua também para enriquecer suas perspectivas.



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGAMBEN, Giorgio. **Estado de Exceção**. São Paulo: Bom Tempo, 2004. 133 p. (Coleção Estado de Sítio). Tradução de: Iraci D. Poleti.

ARAGÓN, Virgilio Álvarez. **Conventos, Aulas y Trincheras: Universidad y movimiento estudiantil en Guatemala: La ilusión por conservar**. Guatemala: Flacso, 2002a. 514 p. (Volumen I).

\_\_\_\_\_. **El sueño de transformar**. Guatemala: Flacso, 2002b. 481 p. (Volumen II).

Archivo Histórico de la Policía Nacional. **Del Silencio a la Memoria. Revelaciones del Archivo Histórico de la Policía Nacional/** Archivo histórico de la Policía Nacional, vol. I. Guatemala, Guatemala, 2011.

BAKHTIN, Mikhail. **A Cultura Popular Na Idade Média e No Renascimento: O Contexto de François Rabelais**. sexta edição Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2008. 419 p. Tradução de: Yara Frateschi Vieira.

BARILLAS, Byron Renato; ENRIQUEZ, Carlos Alberto; TARACENA, Luis Pedro. **3 Décadas 2 Generaciones: El movimiento estudiantil universitario, una perspectiva desde sus protagonistas**. Guatemala: Serviprensa, 2000. 143 p.

BARNOYA, José. **Historia de la Huelga de Dolores**. Guatemala: Editorial Universitária, 1987. 86 p.

BARRIOS, Catalina. **La Huelga de Dolores: 101 anos y mas...** Guatemala: Lopdel, 1999. 177 p.

BARTH, Fredrick. Grupos étnicos e suas fronteiras. Em: POUTIGNAT, Philippe; STREIFF-FENART, Jocelyne. **Teorias da Etnicidade, seguio de grupos étnicos e suas fronteiras de Fredrick Barth**. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998. P. 185-227.

BASTOS, Santiago; CUMEZ, Aura. **Mayanización y vida cotidiana: la ideología multicultural en la sociedad guatemalteca**. Guatemala: FLACSO-CIRMA-Cholsamaj, 2007.

BOURDIEU, Pierre. **Les rites comme actes d'institution**. In: Actes de la recherche en sciences sociales. Vol. 43, juin 1982. Rites et fétiches. pp. 58-63.

\_\_\_\_\_. **Razões práticas: Sobre a teoria da ação**. Tradução Mariza Correa – Campinas, SP: Papirus, 1996.

BRIGGS, Charles .L. **Learning how to ask**. A sociolinguistic appraisal of the role of the interview in social science research. Cambridge University Press, 1986.

BRITES, Jurema; FONSECA, Claudia (orgs). **Etnografias da participação**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2006.

CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. *O trabalho do Antropólogo: Olhar, ouvir, Escrever*. In: **O Trabalho do Antropólogo**. Brasília: Paralelo15; São Paulo Editora UNESP, 2000.

DAMATTA, Roberto. **Carnavais, Malandros e Heróis: Para uma sociologia do dilema brasileiro**. 6a. Rio de Janeiro: Rocco, 1997. 350 p.

DE ALENCAR CHAVES, Christine. Eleições em Burity: A pessoa política. In: PALMEIRA, Moacir; GOLDMAN, Marcio. **Antropologia, voto e representação política**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 1996. p. 127-164.

\_\_\_\_\_. **A Marcha Nacional dos Sem-terra: estudo de um ritual político**. In: PEIRANO, Mariza. **O Dito e o Feito: Ensaio de antropologia dos rituais**. Rio de Janeiro: Relume Dumará: Núcleo de Antropologia da Política/ufrrj, 2002. p. 133-148.

DUMONT, Louis. **O Individualismo: Uma perspectiva antropológica da ideologia moderna**. Rio de Janeiro: Rocco, 1985. 283 p. Tradução de: Álvaro Cabral.

DURKHEIM, Emile. **As formas elementares da vida religiosa**. 2da. Ed. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

ESCOBAR, Maria Gabriela. **Enfrentamientos y violências juveniles en la ciudad de Guatemala (1985-1993)**. Tesis de Graduación. Escuela de Historia, Departamento de Antropología. USAC, 2005.

FIGUEROA IBARRA, Carlos. **El recurso del miedo**: Ensayo sobre el estado y el terror en Guatemala. San José, Costa Rica: Editorial Universitária Centroamericana, 1991. 318 p.

FIRMO, Irllys. **A política de perto. Recortes Etnográficos de campanhas eleitorais**. In: Novos Estudos no. 74. CEBRAP: Brasil, março 2006.

FONSECA, Andrea Liseth P. Novas Trilhas do paraíso: o rastro do religioso na contemporaneidade. Em: Revista Sociedade e Cultura, v. 9, n. 1 jan/jun, 2006, p. 39-49.

FONSECA, Claudia. Classe e a recusa etnográfica. Em: FONSECA, Claudia; BRITES, Jurema (org). Etnografias da Participação. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2006. P. 13-34.

FUENTES, Ivonne Wallace. **Student Cultural Production in Guatemala as Politics: Thoughts on One Hundred Years of the Huelga de Dolores**. Journal Of Latin American Cultural Studies, Estados Unidos, v. 8, n. 1, p.89-99, 1999.

GARRIDO, Rony. **La Huelga de Dolores: risa carnavalesca en la ciudad de Guatemala**. In: Cuadernos Americanos, Nueva Época. no. 96, vol. 6 nov-dic 2002

GENNEP, Arnold Van. **Os ritos de passagem**. Petrópolis: Vozes Ltda., 1978. 184 p.

GLUCKMAN, Max. **Rituais de rebelião no Sudeste da África (1954)**. Texto de Aula. Editora da UnB, S/d (1954).

GOLDMAN, Marcio. **A construção ritual da pessoa: a possessão no Candomblé**. Em: Revista Religião e Sociedade: São Paulo, n. 12 (1), p. 25-31, ago. 1985.

GUZMAN BOCKLER, Carlos. **Colonialismo y Revolución**. Primeira Mexico, D.f: Siglo Veintiuno Editores, 1975. 277 p.

HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na Pós-Modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 10<sup>a</sup> Ed. 1999.

\_\_\_\_\_. Quem precisa da identidade? In: DA SILVA, Tomaz Tadeu (org). **Identidade e Diferença: A perspectiva dos Estudos Culturais**. 4ta. Petrópolis, Rj: Vozes, 2000. p. 103-133.

HANDLER, Richard. **On sociocultural discontinuity: Nationalism and cultural objectification in Quebec**. In: Jstor: Current Anthropology, vol. 25, No. 1, Fevereiro 1984.

\_\_\_\_\_. **Nationalism and the politics of Culture in Quebec**. Wisconsin: The University of Wisconsin Press, 1988.

HONNETH, Axel. **Luta por reconhecimento. A gramática moral dos conflitos sociais**. São Paulo: Ed 34, 2003.

KOBRAK, Paul. **En pie de lucha. Organización y represión en la Universidad de San Carlos de Guatemala, 1944 a 1996**. Guatemala: AAAS-GAM-CIIDH, 1999.

KUSCHNIR, Karina. **Antropologia da Política**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor Ltda., 2007. 73 p. (Passo-a-passo; 79).

LATOUR, Bruno. **Reensamblar lo social: Una introducción a la teoría del actor-red**. Buenos Aires, Argentina: Manantial, 2008. 390 p. Tradução de: Gabriel Zadunaisky.

MAFFESOLI, Michel. **La tajada del diablo: Compendio de subversion posmoderna**. Primeira Mexico, D.f: Siglo Veintiuno Editores, 2005. 155 p.

MALUF, Sônia. **Por uma antropologia do sujeito: esboços**. Projeto de Pesquisa, CAPES, 2004 e CNPq, 2005. Versão para apresentação no Seminário dos professores do Depto de Antropologia da UFSC, em 13 de abril de 2011.

MAUSS, Marcel. **Sociologia e Antropologia**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1974. (Volumen I). Tradução de: Lamberto Puccinelli.

MAXIMO, Maria Elisa. **Blogs: o eu em cena, o eu em rede. Cotidiano, performance e reciprocidade nas redes sócio – técnicas.** Tese de doutorado em Antropologia Social, Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil, 2006.

McADAM, Doug; TARROW, Sidney; TILLY, Charles. **Para mapear o confronto político.** Lua Nova, São Paulo, n. 76, p.11-48, 2009.

McGREGOR, Elizabeth. **Performance, Politics and Play in Guatemala's La Huelga de Dolores.** A Dissertation Submitted To The Department Of Drama And The Committee On Graduate Studies Of Stanford University In Partial Fulfillment Of The Requirements For The Degree Of Doctor Of Philosophy, 2008.

MEAD, Margaret. **Cultura e Compromiso. Estudio sobre la ruptura generacional.** Ed. Gránica, Buenos Aires, Argentina, 1970.

MENDEZ, Lucrecia. **Panorama del teatro guatemalteco de los noventa.** Em: Latin American Theatre Review, fall 2000, p. 113-131.

Misión de Verificación de las Naciones Unidas en Guatemala (MINUGUA). **Acuerdos de Paz de Guatemala del 10 de enero de 1994 al 29 de diciembre de 1996.** Guatemala, 2003.

MORTADA, Samir Pérez. De jovem a estudante: apontamentos críticos. Em: Revista Psicologia & Sociedade; 21 (3): 373-382, 2009.

PALACIOS, Rita. **Indigenoussness and the reconstruction of the other in Guatemalan Indigenous literature.** Tesis of Doctore in Philosophy, University of Toronto, Departamento f Spanish, 2009

PALMEIRA, Moacir. Política, Facções e Voto. In: PALMEIRA, Moacir; GOLDMAN, Marcio. **Antropologia, voto e representação política.** Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 1996. p. 41-56.

PAZ, Octavio. **El laberinto de la soledad, Posdata y vuelta al laberinto de la soledad,** Fondo de Cultura Económica, México, 1992.

PEIRANO, Mariza. **A análise antropológica de rituais.** In: PEIRANO, Mariza (Org.) O Dito e o Feito. Petrópolis, Rj: Vozes, 2002. Cap. 1, p. 13-41.

\_\_\_\_\_. **Rituais ontem e hoje.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor Ltda., 2003. 57 p.

PONCIANO, Jorge Ramón Gonzalez. **Blancura, cosmopolitismo y representación en Guatemala.** Centro de Estudios Mayas, IIFL, UNAM, 2004.

RIFIOTIS, Théophilos. **Grupos etários e conflito de gerações: bases antropológicas para um diálogo interdisciplinar.** Em: Revista *Política & Trabalho* (Mestrado em Ciências Sociais - UFPB) (11):105-123, set. 1995.

\_\_\_\_\_. **Antropologia para administração.** Florianópolis : Departamento de Ciências da Administração /UFSC, 2007.

RIVIERE, Claude. **Os ritos profanos.** Petrópolis, Rj: Vozes, 1996. 326 p.

SAENZ DE TEJADA, Ricardo. **Oliverio: Una biografía del secretario general de la AEU 1978-1979.** Guatemala: Flacso. Secretaría de La Paz. Presidencia de La República, 2010. 276 p.

SAHLINS, Marshall. **História e Cultura.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006.

SHILLINGTON, John Wesley. **Grappling with atrocity: Guatemala theater in the 1990s.** United States of America: Associated University Press, 2002.

SILVA, Vagner Gonçalves da. **O antropólogo e sua magia: trabalho de campo e texto etnográfico nas pesquisas antropológicas sobre religiões afro-brasileiras.** 1ª Ed. 1ª reimpr. São Paulo: Editora Universidade de São Paulo, 2006.

SIMMEL, Georg. **As grandes cidades e a vida do espírito.** (1903). Mana. t. 11, n. 2, p. 577-591, 2005.

TAMBIAH, Stanley J. **A performative approach to ritual.** Em” Radcliffe-Brown Lecture in social Anthropology, Londres, Proceedings of the British Academy, 1981, p. 113-169.

TORRES-RIVAS, Edelberto. **Prólogo: Elogio y crítica en voz alta.** Em: Alvarez, Aragón, Virgilio. Conventos Aulas y Trincheras. Universidad y movimiento estudiantil en Guatemala. Guatemala: FLACSO, 2002.

TURNER, Victor. **O processo ritual:** Estrutura e Antiestrutura. Petrópolis, Rj: Editora Vozes Ltda., 1974. 248 p.

\_\_\_\_\_. **Floresta de Símbolos:** Aspectos do Ritual Ndembu. Niterói, Rj: Editora da Universidade Federal Fluminense, 2005. 488 p.

\_\_\_\_\_. **Dramas, Campos e Metáforas:** Ação Simbólica na sociedade humana. Niterói: Editora da Universidade Federal Fluminense, 2008. 278 p.

VELHO, Gilberto. **Projeto e Metamorfose:** Antropologia das sociedades complexas. 3era ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999. (Coleção Antropologia Social).

WARREN, Key. **Pan-Mayanism and multiculturalism in Guatemala.** In: Conference on Development & Democratization in Guatemala, 26-28 March, 1998, Universidad del Valle, Guatemala. (Unpublished)



## ANEXOS

**ANEXO A** - Mapa do *campus central* da Universidade de São Carlos da Guatemala.



Fonte: GoogleEarth.



## ANEXO C – Instituições de Ensino Superior da Guatemala. Cifras ao ano 1999

Universidade	Ano de Fundação	Faculdades	Carreiras	Carreiras Pós-graduação	Centros regionais	No. De estudantes	%
USAC	1676	10	130	37	10	99,921	65.4
URL	1961	9	52	11	7	14,144	9.3
UMG	1966	12	46	23	15	15,931	10.4
UVG	1966	4	45	19	1	2,189	1.4
UFM	1971	6	59	11	1	16,625	10.9
UruralG	1995	3	3	1	6	2,733	1.8
UNIS	1997	2	8	1	0	875	0.6
UP	1998	4	6	4	0	380	0.2

**Fonte:** Elaboração própria em base a Quadro No. 3 “Numero de facultades, Carreras, centros, laboratórios y estudiantes de las principales universidades guatemaltecas, 1999” em FUNES, Mario. Educación Superior en Guatemala. Theorethikos, año V, número 2, julio-diciembre. Universidad Francisco Gavidia, San Salvador, El Salvador.

## ANEXO D - Composição das Juntas Diretivas das Faculdades, setores representados e corpos eleitorais

Cargo	Setor que representa	Setores que o elegem
Decano	Faculdade	estudantil, docente e profissional
Vocal I	Docente	eleito por docentes e estudantes
Vocal II	Docente	eleito por docentes e estudantes
Vocal III	Colégio de profissionais	profissionais colegiados
Vocal IV	Estudantil	Estudantil
Vocal V	Estudantil	Estudantil
Secretario ou Secretaria	Junta Diretiva	Proposto pelo Decano e eleito pela Junta Diretiva, sem direito a voto

**Fonte:** Elaboração própria com base em “Reglamento de Elecciones de la Universidad de San Carlos de Guatemala, em Leyes y Reglamentos de la Universidad de San Carlos, Dirección de Asuntos Jurídicos, 2006.



**ANEXO F** - Letra da canção *Los estudiantes*, da banda musical venezuelana *Los Guaraguaos*

Que vivan los estudiantes jardín de nuestra alegría  
son aves que no se asustan de animal ni policía  
y no le asustan las balas ni el ladrar de la jauría  
/caramba y zamba la cosa, que viva la astronomía/

Me gustan los estudiantes que rugen como los vientos  
cuando le meten al oído son balas y regimiento  
pajarillos libertarios igual que los elementos  
/caramba y zamba la cosa, que viva lo experimento/

Me gustan los estudiantes porque levantan el pecho  
cuando le dicen harina sabiéndose que es afrecho  
y no se hacen sordomudos cuando se presenta el hecho  
/caramba y zamba la cosa, el código del derecho/

Me gustan los estudiantes porque son la levadura  
del pan que saldrá del horno con toda su sabrosura  
para la boca del pobre que come con amargura  
/caramba y zamba la cosa, viva la literatura/

Que vivan los estudiantes jardín de nuestra alegría  
son aves que no se asustan de animal ni policía  
y no le asustan las balas ni el ladrar de la jauría  
/caramba y zamba la cosa, que viva la astronomía/

Música e letra: Violeta Parra

ANEXO G – Letra de *La Chalana*, o hino dos estudiantes

Mata-sanos practicantes,  
 del emplasto fabricantes,  
 güisachines del lugar,  
 estudiantes:  
 en sonora carcajada  
 porrumpid. Ja. Ja.

Sobre los hediondos males  
 de la patria, arrojad flores  
 ya que no sois liberales  
 ni menos conservadores:  
 malos bichos sin conciencia  
 que la apresan en sus dientes  
 y la chupan inclementes  
 la fuerza de su existencia.

Mata-sanos practicantes,  
 del emplasto fabricantes,  
 güisachines del lugar,  
 choteadores:  
 en sonora carcajada  
 porrumpid. Ja. Ja.  
 Reid de los liberales  
 y de los conservadores.

Nuestro quetzal espantado  
 por un ideal que no existe  
 se puso las de hule al prado  
 más mudo, pelado y triste;  
 y en su lugar erigieron  
 cinco extinguidos volcanes,  
 que un cinco también se hundieron  
 bajo rudos ya (taganes).

Mata-sanos practicantes,  
 del emplasto fabricantes,  
 güisachines del lugar,  
 hermanitos:  
 en sonora carcajada  
 porrumpid. Ja. Ja.  
 Reid de los volcancitos  
 y del choteado quetzal.

Contemplad los militares  
 que en la paz carrera hicieron;

vuestros jueces a millares  
que la justicia vendieron;  
vuestros curas monigotes  
que comercian con el credo  
y patrioteros con brotes  
de farsa, interés y miedo.

Mata-sanos practicantes,  
del emplasto fabricantes,  
güisachines del lugar,  
malcriadotes:  
en sonora carcajada  
porrumpid. Ja. Ja.  
Reid de la clerigalla,  
reid de los chafarotes.

Patria, palabrota añeja  
por los largos explotada;  
hoy la patria es una vieja  
que está desacreditada.  
No vale ni cuatro reales  
en este país de traidores;  
la venden los liberales  
como los conservadores.

Mata-sanos practicantes,  
del emplasto fabricantes,  
güisachines del lugar,  
muchachada:  
de la patria derrengada  
riamos. Ja. Ja.

Autores: Miguel Angel Asturias,  
Alfredo Valle Calvo,  
David Vela,  
José Luis Barcárcel  
Música: José Castañeda